BIZZ

Os neonazistas e a onda reacionária na Europa

A herança distorcida de Raul Seixas

O BRASIL DISCUTE AS DROGAS

NO ESTÚDIO COM GABRIEL O PENSADOR

A SEPARAÇÃO DOS TITÃS

Prêmio BIZZ

RAIMUNDOS

os grandes vencedores

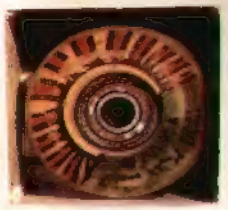
Skate é Soda.

Radical contRa a sEde.

Glossário

Coping: o ponto mais alto onde você pode chegar num half pipe. Downhill: skate ladeira abaixo. Flat: a parte plana do half pipe. For fun: sem competição. Só para se divertir. Go-for-it: sem medo, com determinação. Half pipe: pista inclinada para o alto, à direita e à esquerda, em forma de tubo cortado ao meio. Long board: skate mais longo, de até 70 polegadas. [illegible] 10 normal é 32 polegadas. [illegible] McTwist: giro de 540° no half pipe [illegible] em que o skatista fica de cabeça [illegible] para baixo. Nose bone: salto em que [illegible] skatista fica no ar e volta na [illegible] transição. Ollie flip: manobra em que o skatista faz um giro de 360° e faz o skate girar sobre seu eixo, no ar. Sede: é Soda. Street: skate na rua. Transição: a parte curva do half pipe. Vert: parte totalmente vertical de um half pipe. Num half pipe de 3 metros de altura, o vert pode ter até 30 centímetros.

Ollie flip é fácil: você tem que bater o tail e depois impulsionar o pé pra frente. Vert e nose bone também não têm segredo. Mas soda mesmo é McTwist.



Street é for fun. No gás. É legal porque nada foi construído pra você: a escada não foi feita pro seu skate, nem o corrimão, nem o muro, nem a rua. Não dá pra treinar antes. Cada centímetro que você avança é uma novidade que quer te derrubar.

Downhill de long board é animal. Mas tem que ser go-for-it total: se descer amarelando, se dá mal. A maior manobra que você faz é dentro da sua cabeça.

No half pipe você tem que se agachar na transição e ficar de pé no flat pra pegar a velocidade pra chegar ao coping. Dá pra se quebrar legal caindo lá de cima.

EDITORIAL

Os caras dizem que descobriram as delícias da vida num puteiro da capital da Paraíba. E que gostariam de ser o selim da bicicleta da menina desejada. Com essas tais tiradas "românticas", embaladas num mix de forró com hardcore, os RAIMUNDOS (abaixo, com nossa equipe produzindo as fotos da matéria desta edição) saíram

Voltando a esta edição, atiramos para vários lados: damos um passeio sob o sol do MARANHÃO para comprovar que este pedaço do Brasil está se irmanando cada vez mais - nos sons e nos costumes - com a Jamaica. E numa virada radical de assunto, fomos investigar na Europa o ressurgimento do sombrio fantasma do NEONAZISMO.

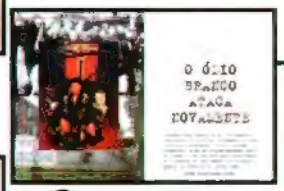
rápido dos guetos alternativos e já ameaçam um sucesso popular real, como fica atestado com seu êxito em mais uma edição do PRÊMIO BIZZ, cujos resultados você pode conferir ainda neste número da revista. E mais: quanto ao "questionário extra" com perguntas abertas que acompanhou a cédula na última votação, não tivemos tempo hábil de checar as respostas, mas as mais numerosas e interessantes estarão na próxima BiZZ.

Horrores à parte, também há espaço para a indignação, ao nos deparamos com o aproveitamento comercial barato que está se fazendo em torno de RAUL SEIXAS, um mito do rock'n'roll brasileiro que depois de morto vem sendo ligado a várias coisas que ele abominava quando vivo. Para terminar, vamos saber porque o PEARL JAM no auge do sucesso arrasador se fecha em um tipo de casulo, longe das badalações do showbiz. A Redação

BiZZ

Ano 11 • N°02 • Edição 115 • Fevereiro, 1995

28 Pode uma banda que mistura forró com hardcore e abusa dos palavrões ser a sensação de 94? Os **RAIMUNDOS** contam a fórmula do sucesso e as sacanagens do ano de ouro da banda



42 Cinqüenta anos depois da morte de Hitler, o **NAZISMO** volta a assombrar a Alemanha. A onda racista se espalha pela Europa, onde neonazistas pregam o ódio contra as outras raças, e encontra simpatizantes até no Brasil, onde um nacionalista daqui quer criar a "raça brasileira"

48 O **PEARL JAM** toma um chá de sumiço, mas mesmo assim Vitalogy, terceiro disco da banda, está vendendo horrores nos Estados Unidos. José Emílio Rondeau passa a história a limpo

52 O **MARANHÃO** troca o bumba-meu-boi pelo balanço do reggae dos anos 70 e espelha sua cultura nos moldes da Jamaica da época de Bob Marley

58 Descubra como **RAUL SEIXAS** teve sua obra e imagem remodeladas segundo os padrões dos anos 90. De ídolo repugnante a enredo de escola de samba, Raulzito se transformou em tudo o que ele não queria ser

este mês

foto: Rui Mendes

CARTAS
6 A briga entre os fãs e desafetos de Edmundo

SHOWBIZZ
8 **Titãs** à beira da separação
10 **Gabriel** no estúdio, **Guns** quebram o pau e a volta do **Nirvana**
12 Exclusiva com **Siouxsie Sioux** e os shows que vão rolar no Brasil
14 O casamento de **Keanu Reeves**, o fim das **Rádios Rock**
16 Baterista do **Bad Religion** procura grupos brasileiros, o porte da **maconha** pode deixar de ser crime no Brasil
18 Você Vai Gostar Pelo De... **Jorge Cabeleira** e **Mortal Kombat**

MIX
19 Incrível! **Michael Jackson** e **Jesus Cristo** são a mesma pessoa

ENJOY IT
20 Use a imaginação com os apetrechos para o **Sexo Bizarro**

SATÉLITE
22 **Onda reacionária** se espalha pela Europa: squatters são varridos do continente

DEZ PERGUNTAS + 1 PARA...
24 **Heather Locklear**, a gata do seriado Melrose, recebe uma cantada do nosso correspondente internacional

PRÊMIO BIZZ
34 Conheça os melhores de 94 na opinião de público e crítica

LANÇAMENTOS
64 Wildflowers, um guia do rock americano de **Tom Petty**
66 **Black Crowes**, **Paulo Miklos**, **Pet Shop Boys**
68 **Boyz II Men**, **Alceu Valença** e um tributo a Buddy Rich
70 **Bryan Ferry**, **Shane McGowan** e a trilha do filme The Mask

CLÁSSICOS
76 Pacotão da **Castle** e o melhor de **Aerosmith** e **New Order**
78 **James Brown**, **Undertones** e a série Reggae Greats
80 O folk de **Tim Hardin**, mais raridades dos **Red Hot Chili Peppers**
81 Na Jukebox, o heavy country do **Shadows Of Knight**

DISCOTECA BÁSICA
82 My Blue Heaven, do cantor **Fats Domino**

Cartas

ELE É UM ANIMAL

Tudo bem, tudo bem, abrir as portas para outros mundos além da música está certo... Mas, meu São Crispim, uma entrevista com o Edmundo?! Não tenho nada contra o Palmeiras, não dou a mínima para futebol, mas se vocês vão dar voz para alguém, pelo menos que seja alguém com algo para dizer!

Marcelo A. D. da Silva, *São Paulo/SP*

Folhear a edição 113 da BIZZ e dar de cara com o Edmundo foi escabroso! Parecia até coisa do Humberto Gessinger, com aquele papo de "o Papa é pop e não poupa ninguém".

Adilson Rezende, *Rio de Janeiro/RJ*

Nada me chamou tanta atenção na edição 113 quanto a entrevista com o Edmundo. Quando achei que o Falcão fosse o limite, vocês trouxeram o Edmundo. Tomara que vocês sempre mostrem figuras tão polêmicas como ele na revista.

André Panico, *São Paulo/SP*

Caro André, você sacou o espírito da coisa. A intenção da BIZZ ao publicar uma entrevista com o Edmundo era exatamente essa: mostrar ao público um outro lado do mais polêmico jogador do futebol brasileiro na atualidade.

OS OLHOS DA CARA

Gostei da matéria sobre CDs na BIZZ 113. Realmente, acho um absurdo os preços por aqui. Além disso, a variedade é pouca e muitas vezes as edições nacionais não trazem os encartes com as letras das músicas.

Lilian Koga, *Londrina/PR*

Acho que a BIZZ está por fora do preço do CD no Brasil. Aqui em Brasília, uma caixa importada com quatro CDs e um livreto do Led Zeppelin sai por 44 reais, ou seja cada CD custa 11 reais.

Jorge Villa-Lobos, *Brasília/DF*

Como é que é? Quer dizer que uma caixa do Led Zeppelin custa essa ninharia aí em Brasília – e ainda por cima importada! Essa até parece uma daquelas histórias de mamatas acontecidas na gloriosa capital federal. Jorge, fala logo onde é essa loja que o pessoal da redação está querendo se mudar para Brasília.

CLUBE DAS MULHERES

Sem querer ser chata, implicante e feminista, o clube da Luluzinha pede que nas próximas edições a BIZZ traga coisas como: "Ombros Para O Desejo", uma capa com um jamaicano de brar o fôlego ou um poster do Andreas do Sepultura sem nu.

Patrícia Gomes Ferreira, *Pirapitingaí/MG*

Quem espera, sempre alcança! Valeu a pena atravessar um ano de mulheres peladas para chegar em dezembro e receber a melhor BIZZ de todos tempos: meus amores Jimmy Page e Robert Plant na capa!

Thatiana Oliveira, *Vila velha/ES*

Meninas, esperar não faz mal a ninguém... Quem sabe um dia seus sonhos serão realizados.

E O SINO CONTINUA A BADALAR...

Agradeço pela reportagem sobre o livro *A Curva Do Sino*. Será bom que os autores da obra soubessem que brancos e negros não passam de faces diferentes de uma mesma moeda.

Francis Valdo Sonho, *Conceição do Araguaia/PA*

> **"Com o livro *A Curva Do Sino*, os americanos deram mais um grande passo em direção à mediocridade, aumentando ainda mais a distância que nos separa. Escrever, publicar e consumir tal livro é uma afronta à inteligência humana"**
> Marcio Coelho, *Cachoeiro do Itaperim/ES*

Gostaria de perguntar aos autores de *A Curva Do Sino* – os imbecis Murray e Herrnstein – se a inteligência é realmente tudo na vida de um ser humano. Negros como Stevie Wonder, Jimi Hendrix, Michael Jordan e até mesmo o nosso Pelé revolucionaram o mundo com suas técnicas. E lembrando: não foram os negros que quiseram escravizar os brancos. Obrigado à revista BIZZ, que na minha opinião tem feito muito por muitas pessoas que não entendem nada sobre a vida.

Henrique Garcia, *Campinas/SP*

Tudo bem, garotos. As absurdas teorias levantadas pelo livro já foram jogadas por terra. O mundo já descobriu que por trás da farsa chamada A Curva Do Sino estava escondida muita podridão. Conheça todos os detalhes dessa história nesta edição da BIZZ, na reportagem "O Ódio Branco Ataca Novamente".

O ROCK E AS RÁDIOS

A 97 FM, ex-rock, aquela que pedia para não confundir barulho com atitude, agora mostra a sua verdadeira postura, rendendo-se ao comercialismo que toma conta do dial paulista. Agora, ela só toca dance music. Tenho medo de ficar órfão. Depois que a 97 saiu de sua cidade natal (Santo André), ela nunca foi a mesma.

Sergio Eduardo Capanema, *Santo André/SP*

Estamos sentindo o mesmo que os órfãos da Fluminense FM sentiram. Nós aqui de São Paulo perdemos a nossa melhor rádio, a 97 FM. Não querendo menosprezar a 89 FM, sem a 97 nós não temos mais opção para ouvir o bom e velho rock'n'roll no rádio. Qual não foi a nossa surpresa ao sintonizar a 97 e ouvir um horrível "Pump It Up"! É uma pena.

Tatiana Rodrigues e Thatiana Bonifácio, *São Paulo/SP*

Falou-se muito da "morte" da "Maldita", a Fluminense FM, do Rio de Janeiro, mas afinal, o que está acontecendo com a 97 FM, de São Paulo?

Giovana, *Suzano/SP*

Muito bem, moçada. Nada como estar antenado com o que anda acontecendo com o rock no Brasil. E nós fizemos o mesmo. Confira reportagem sobre o assunto no Showbizz desta edição.

OS OLHOS DA CARA

Gente, como que a BIZZ pode fazer uma edição com nove artigos sobre música e apenas um deles se refere a música brasileira? A nossa música tem histórias fantásticas e é reconhecida lá fora com uma certa dor de cotovelo pelos gringos. Vocês já viram algum povo com mais sangue que o nosso?

Yara Feitosa, *Brasília/DF*

Ultimamente, tenho ficado indignada com as notas dadas pelos críticos aos discos brasileiros que aparecem na *Bolsa de Discos*. Como é possível desprezar tanto os nossos corajosos artistas?

Renata, *Rio de Janeiro/RJ*

A BIZZ nunca deixará de dar a devida atenção a nossa música. Prova disso é a abundância de brasileiros nesta edição que está em suas mãos.

ERRATA

Diferentemente do publicado na *Discoteca Básica* da BIZZ 113, o disco Disraeli Gears foi lançado no Brasil em 68, pelo selo Polydor. Os singles "Strange Brew" / "Tales Of Brave Ulysses" e "Sunshine Of Your Love" / "Swlabr" também saíram por aqui, pelo mesmo selo.

Ainda na edição 113, o nome da atriz que atua ao lado de Tom Cruise em *Entrevista Com O Vampiro*, destacada no *Showbizz*, foi grafado errado. A garota se chama Kirsten Dunst, e não Kristin.

DIVERSÃO, NOITADA, CERVEJA GELADA E MULHER PELADA...

A BANDA DAS
VELHAS VIRGENS
FOI BOM PRA VOCÊ?

"Se foi bom para mim? Ôrra meu!" Até que enfim rock'n'roll puro, sem gelo, "nos cano" mora! É tudo uma declaração de honestidade sexual explícita, com cheiro de criançada safada que não tem papas na língua, nem em qualquer parte do corpo. Deliciosamente escrotas, as VV gozam de você, em você, com você e pra você."

RITA LEE

Prize Records

LANÇAMENTO NACIONAL
CD LP K7
TELEMARKETING (041) 252-9771

CORZ®

TITÃS

EM CLIMA DE SEPARAÇÃO

OS INTEGRANTES DOS TITÃS, APÓS DEZ ANOS SEM FÉRIAS, APROVEITARAM A FOLGA DA ÚLTIMA TURNÊ E LANÇARAM TRABALHOS-SOLO. SÓ QUE OS CARAS TRATAM DE DESMENTIR QUALQUER BOATO SOBRE O FIM DA BANDA

Até o mais ferrenho fã dos **TITÃS** desconfiou. No ano passado, depois de dois anos na estrada, os integrantes do grupo deram uma parada. Meses depois chegavam às lojas uma coletânea – *Titãs 84/94*, caixa com dois CDs e um álbum de fotos – e uma biografia – *Titânicos Caminhos*, de Felipe José Mendes Trotta. Paulo Miklos lançou seu disco solo, Branco Mello e Sérgio Britto formaram o Kleyderman, Charles Gavin foi fazer um curso de produção de discos em Londres e Nando Reis – que separou-se de Marisa Monte – prepara seu disco solo, ainda sem previsão de lançamento. Seria este o fim de uma das bandas mais badaladas do rock nacional?

"Não estamos acabando de jeito nenhum", responde Paulo Miklos. "A idéia de lançar o livro e a caixa não partiu da gente. Tudo isso acabou formando um cenário sobre o fim da banda." Sérgio Britto completa o raciocínio: "Não temos nenhum motivo para pensar em separação, a gente nem está pensando nessa possibilidade".

O problema é que ser um Titã às vezes cansa. Desde o seu início, em 84, o grupo nunca teve um período de descanso. "Tudo foi ficando rotineiro. Às vezes você tocava para uma platéia de quatro mil pessoas e esquecia que aquilo era um puta barato", confessa Britto.

Os trabalhos-solo foram úteis para o grupo dar uma arejada. Primeiro **PAULO MIKLOS** cantou em *Rei!*, disco tributo a Roberto Carlos. "Gostei bastante de *Rei!*. Escolhi 'Sua Estupidez' porque gostava da música desde quando ela era cantada pela Gal Costa. No final, ficou meio 'Try A Little Tenderness' (*música do soulman Otis Redding*)."

O disco homônimo do cantor tem músicas mais acústicas, algumas resvalando no folk. "Eu me voltei para a coisa da canção que é a mais básica, aquela coisa de pegar o violão de novo e passar a fazer as canções." A banda de Paulo Miklos ainda tem Emerson Villani (guitarra), Maurício Biasi (baixo acústico) e James Miller (bateria). Os shows de Miklos vão estar mais voltados para MPB – "influências de muita coisa que eu ouvi, como Milton Nascimento, Caetano e Chico Buarque" –, conta o cantor.

O **KLEYDERMAN** é um Titãs com senso de humor, e também mais descarnado musicalmente. "Não é tão bem acabado quanto os Titãs. As letras são mais sarcásticas, mas o Kleyderman não faz piada", explica Sérgio Britto.

O grupo, além de Britto (guitarra e vocais) e Branco Mello (baixo e vocais), tem a baterista Roberta Parisi. Branco é quem mostra maior empolgação com o trabalho. "O Kleyderman tem um outro tipo de barato. Hoje eu estou tocando baixo, vou com meu instrumento, afino, estoura corda. Eram coisas com as quais eu não estava acostumado nos Titãs", conta. "Fizemos cerca de vinte shows e deu para pegar uma manha de palco, tocando baixo."

Tanto Paulo Miklos quanto a moçada do Kleyderman adiantam que os projetos-solo vão continuar. Mas, segundo Miklos e Britto, no final de abril os Titãs voltam ao estúdio para os trabalhos de pré-produção de seu novo disco. E afastam de vez os rumores de separação. Britto está botando a maior fé no retorno. "Vamos voltar até com mais garra", garante.

Sérgio Martins

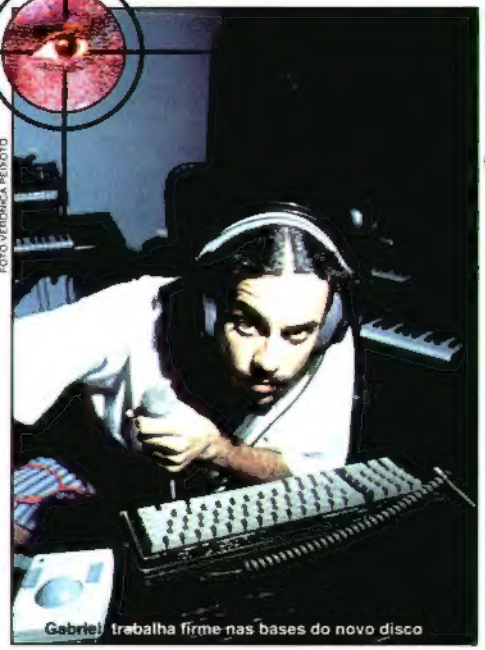


FOTO VERONICA PEIXOTO

Gabriel trabalha firme nas bases do novo disco

Pensando o segundo disco

GABRIEL O PENSADOR se encontra em plena gestação criativa. Enquanto todo mundo vivia a expectativa do show dos Rolling Stones, no final de janeiro, o *rapper* estava num estúdio do Rio com o produtor Fábio Fonseca bolando a seqüência de seu platinado disco de estréia. O álbum deve sair em março pela Sony Music.

O bom humor continua convivendo com as temáticas mais sérias nas músicas "Como Um Vício" e "FDP Ao Cubo", como explica Gabriel. "Tem uma sobre uma mulher, mas que fala mais sobre como o homem é educado para conquistar e depois é condenado por mil, é chamado de galinha e tal. Eu estava namorando e percebi que mesmo assim a atração que as mulheres exercem sobre você é muito grande. Na hora em que você tem que se segurar é que se vê como é forte essa educação", conta o Pensador. "A letra acabou saindo de uma forma engraçada. Mas também é uma espécie de desabafo."

Recheado com samples de reggae, rock, MPB e até uma ópera, o disco ainda não foi batizado. "Não ligo muito para título, só sei que não vai ter o nome de nenhuma música", garante o *rapper*, que aproveita para dar uma geral na situação do mercado brasileiro: "O pessoal já acredita no rap, antes era uma dúvida. Há grupos que estão aí batalhando, acreditando no que fazem e querendo construir alguma coisa nova enquanto outros estão só querendo polemizar, tirar uma de bandido e fazer cara de mau". *Cláudio Campos*

A GUERRA DOS ROSES

O GUNS está em pé de guerra. A história toda começou em maio de 94 quando o então guitarrista do Guns N' Roses, Gilby Clarke, reclamou da eterna mania de mandão de Axl Rose. Clarke pagou caro pela heresia: foi demitido por Axl logo em seguida. O substituto de Clarke, Paul Huge, foi anunciado pela banda em outubro.

Um mês depois começava a grande disputa entre Axl e o guitarrista Slash: Axl queria os direitos autorais sobre as músicas do Guns usadas por Slash no seu álbum solo. Mas Slash, que sempre foi famoso pelo seu clima tranqüilão, só veio a perder a paciência quando Huge secretamente "abaixou" a guitarra de Slash na gravação da música "Sympathy For The Devil" – incluída na trilha de *Entrevista Com O Vampiro*.

O "homem da cartola" declarou publicamente que nunca gostou de Paul Huge e que ele só estava na banda porque Axl queria. Enquanto o circo pega fogo, Slash declara para quem quiser ouvir: "Nunca perdoarei Axl por isso..." *Cláudia Grechi*

A SALADA SONORA DE STEVIE WONDER

STEVIE WONDER está de volta aos estúdios, depois de oito anos sem gravar – seu último disco foi *Characters*, de 87. *Conversation Peace*, o novo trabalho do cantor, será lançado em todo o mundo no dia 15 de março. Além do famoso tempero soul de Wonder, o disco traz em suas treze faixas a fusão de ritmos que caracterizou toda a carreira do ex-menino prodígio da gravadora americana Motown. Há desde o grupo vocal africano Ladysmith Black Mambazo (em "Take The Time Out"), aos cantores gospel do Take 6 ("I'm New"), passando pelo dueto do cantor com Anita Baker em "Sensuous Whisper". A faixa-título ainda traz o coral negro Sounds Of Blackness, que cantou na Copa do Mundo dos Estados Unidos. *Sérgio Martins*

MUSA PORNÔ VIRA SANTA?

GINGER LYNN, uma das maiores atrizes da pornografia americana dos anos 80, abandonou a vida nas camas. Ou quase. A estrela, que apesar dos seus 32 anos ainda tem cara e corpo de menina, deixou de lado suas famosas peripécias sexuais para interpretar um personagem "sério" num *thriller* erótico. Em *Trama Ardente* (Sunset Filmes), cujo título original é *Ultimate Taboo* (sugerindo uma suposta continuação da clássica série pornô), Ginger vive uma atriz de teatro que tem problemas para realizar as fantasias sexuais do namorado. Há cenas de sexo, porém, são leves e simuladas. Santa Ingenuidade!

Robert Halfoun

NIRVANA EM PROJETO SOLO

Dave e Grohl vão levando a vida sem o Kurt Cobain

DAVE GROHL, ex-baterista do NIRVANA, retorna à vida de roqueiro este ano. Ele será cantor e guitarrista da sua nova banda, FOO FIGHTERS. O nome do grupo foi tirado de um código de referência a OVNIs. O baixista Krist Novoselic provavelmente fará parte do novo projeto de Grohl ao lado do ex-guitarrista do Germs e do Nirvana, Pat Smear. Mesmo sem saber qual seria o estilo dos Foo Fighters (seria igual ao do Nirvana?), as gravadoras já estão procurando Grohl para um futuro contrato.

Cláudia Grechi

cultura ao vivo

Dos grandes trios vocais surgidos na Jamaica, o **CULTURE** é, sem dúvida, um dos mais cultuados pelos fãs do *roots reggae*. Liderado pelo cantor e poeta rastafari Joseph Hill, o grupo fez sua estréia em 77, com o clássico álbum *Two Sevens Clash*, e continua gravando regularmente até hoje.

Em novembro eles estiveram por aqui fazendo shows em São Luís e Curitiba e deixaram um presente para os brasileiros. A apresentação vai virar um disco ao vivo, o primeiro da história do Culture. Tirando alguns dias de férias no Rio, o bem-humorado Hill se confessou apaixonado pelo Brasil e pela granja nativa — "Não fumei um só aqui que não tenha sido excelente!", confessa o *rastaman*.

FOTO VERONICA PEIXOTO

Culture: elogios à ganja nativa

"Durante todos esses anos as pessoas sempre nos pediam para gravar um disco ao vivo. As coisas acontecem a seu tempo. É notável que isso afinal tenha se concretizado no Brasil. Sentimos boas vibrações aqui, é bem parecido com a Jamaica." Ele também avisa que o repertório não deixa de fora os maiores sucessos do Culture (como "Behold" e "International Herb") e também será lançado mundialmente pela Natasha Records. O grupo volta em março para promover o lançamento e realizar shows no Rio e em São Paulo. *Cláudio Campos*

A MUSA GÓTICA FALA AO BRASIL

"Bandas como Green Day são horríveis, assim como a New Wave da New Wave. Pessoalmente, prefiro ouvir Astor Piazolla"

Alguém aí se lembra do tal "movimento gótico"? Para os iniciantes, foi um modismo em que as pessoas se vestiam de preto da cabeça aos pés – às vezes num calor danado – e faziam cara de tédio. Para eles, **SIOUXIE AND THE BANSHEES**, com suas roupas negras e músicas "viajantes" eram sua maior fonte de inspiração. Em entrevista exclusiva à BIZZ, Siouxie em pessoa confessou que nunca gostou muito do título, nem de outros que a sua banda ganhou em 18 anos de carreira. O grupo está lançando *The Rapture*, que tem a produção de John Cale (ex-Velvet Underground) e planeja vir ao Brasil ainda este ano.

Como foi trabalhar com John Cale?

Nós havíamos produzido metade do disco, mas não ficamos contentes com o resultado final. Ficamos frustrados por cerca de quatro meses até que descobrimos que um amigo nosso da França cuidava dos negócios de John Cale em seu país. Então pedimos para que ele fizesse o convite a Cale – que se interessou em nos produzir.

O interessante da produção de The Rapture é que John Cale – que tem uma fama de ser underground – produziu as canções mais pop do álbum.

Para nós, o mais importante é que Cale tem um trabalho solo maravilhoso e produziu discos clássicos como o primeiro trabalho de Iggy Pop & The Stooges, além de Horses, de Patty Smith. São álbuns que possuem uma relação importante com a música. Pensamos até em trabalhar novamente com Cale em nosso próximo disco.

A geração britânica dos anos 80 foi muito rica em relação aos grupos de rock. Além de Siouxie & The Banshees havia The Cure, Echo & The Bunnymen entre outros. Como é sobreviver hoje, quando a imprensa inventa uma moda após a outra?

Essas modas são chatas, não? Isso aconteceu muito com a gente. Fomos chamados de banda punk, new wave, gótica e psicodélica. Eu gostaria que as pessoas parassem de colocar essas classificações bobas, com as quais nunca concordamos.

Em seus trabalhos com os Banshees e The Creatures (dupla formada por Siouxie e seu marido, o baterista Budgie), você sempre teve uma queda por instrumentos "esquisitos", alguns voltados para a world music. É um estilo musical que te fascina?

Eu pessoalmente gosto de vários tipos de música. Acho que é uma coisa muito preguiçosa você ir a uma loja de discos e ver tudo com classificações de estilos. Gosto mais de descobrir coisas. Por exemplo, ouço muito Astor Piazzola. Eu o vi tocar em Londres há seis anos e achei maravilhoso. Outro artista de quem eu gostei muito foi Beck.

Você se sente como uma musa inspiradora de bandas como Hole ou até mesmo o pessoal da New Wave da New Wave?

O que eu ouvi da New Wave da New Wave não me impressionou muito. Nem mesmo gostei desses novos grupos punk. Green Day? Meu Deus, é horrível! Eu não os levo muito a sério.

Qual o primeiro single de The Rapture?

Será da música "Oh Baby". É inspirada naqueles concursos de beleza infantis, onde os pais pintam suas filhas de moda horrível, deixam os cabelos delas iguais ao de Dolly Parton. Nós fizemos o clip nos Estados Unidos, durante um desses concursos. O vídeo acabou com uma cara de documentário.

O que você lembra de seus shows no Brasil (Siouxie cantou aqui em 86)?

Fiquei emocionada com a reação do público. É provável que toquemos aí em maio. S. MARTINS

notas

THE GACY BUNCH é o nome da banda recém-montada por Mike McReady(Pearl Jam),Barrett Martin (Screaming Trees) e Layne Staley(Alice In Chains) ***
O **PEARL JAM**, por sua vez, chamou **JACK IRONS** (ex-Red Hot Chili Peppers) para o lugar do baterista Dave Abruzzese, sumariamente demitido antes das gravações do álbum Vitalogy ***
CHRISSIE HYNDE (Pretenders) autorizou um grupo de defesa de animais a utilizar sua imagem após sua morte. Ela quer que sua foto seja publicada uma semana após virar presunto com a singela mensagem: "A carne fria deve ser enterrada e não comida" *** **DONOVAN LEITCH** e **JASON NESMITH**, filhos de Donovan e do guitarrista e cantor dos Monkees, Mike Nesmith, formaram o Nancy Boy. Não se sabe ainda qual o estilo da banda ***

A guitarrista das **BREEDERS**, Kelley Deal (detalhe, na foto), teve que pagar cinco mil dólares de fiança por ter sido pega em novembro passado com quatro gramas de heroína em Oakwood, Ohio. Enquadrada como traficante, Deal deve cumprir 18 meses de prisão.

DATAS

9/12/94 O cantor **GARNET SILK**, uma das maiores promessas dos últimos tempos na Jamaica, morreu num incêndio em sua casa na cidade de Kingston, Jamaica, no dia 9 de dezembro. Silk representava a nova geração de cantores jamaicanos, que escrevem letras com mensagens voltadas para Jah. Cerca de 40 mil pessoas compareceram aos funerais do cantor. Alguns músicos de reggae planejam promover um concerto-tributo à memória de Garnet Silk.

11/01/95 **MICHAEL JACKSON** ordenou que seus advogados processem todos os órgãos de imprensa que publicaram notas sobre a existência de um vídeo em que Michael aparece tendo relações sexuais com um garoto. Os jornais ingleses *The London Sun* e *Today* dizem que uma câmera do próprio esquema de segurança do cantor teria filmado o encontro dos dois.

01/01/95 Morreu o cantor e músico de blues **TED HAWKINS** (foto), vítima de um derrame cerebral. Hawkins tinha 58 anos e foi "descoberto" ano passado pela gravadora Geffen – a mesma de Nirvana e Guns N' Roses – quando tocava em Venice Beach, nos Estados Unidos. Hawkins foi um dos destaques da edição de junho da BIZZ e chegou até a aparecer no programa que o humorista Jô Soares comandava na Copa do Mundo.

19/04/95 Começa o julgamento do *rapper* **SNOOP DOGGY DOGG**, acusado de assassinato. No processo, consta que Snoop e mais dois amigos teriam matado a tiros Philip Woldermarian após uma perseguição de carro. Os advogados do rapper dizem que foi o guarda-costas dele que disparou depois que Woldermarian tentou sacar um revólver que trazia no bolso da calça.

24 a 27/05/95 Acontece no Palace (São Paulo) a quarta edição do **NESCAFÉ & BLUES**. As atrações ainda não estão confirmadas. A primeira edição contou com as presenças de Robert Cray e Eric Burdon (ex-vocalista dos Animals).

EM BREVE
Num Palco Perto De Você

Bruce Dickinson

O ex-vocalista do Iron Maiden, eleito o melhor cantor do ano pelos leitores da BIZZ, vem ao Brasil mostrar as músicas de seu segundo disco, *Balls To Picasso*. Dickinson se apresenta nos dias 14, 15 e 16 de março no Olympia em São Paulo. O Rio vê o cantor no dia 18 de janeiro.

Bryan Ferry

O cantor divulga seu disco *Mamouna*. Ferry dá show nos dias 5, 6 e 7 de abril no Olympia (São Paulo). No dia 9 rola uma apresentação no Rio, em local a definir.

The Cult

O grupo liderado por Ian Astbury (vocais) e Billy Duffy (guitarra) toca em São Paulo nos dias 21, 22 e 23 de março em São Paulo, no Olympia. A apresentação deles no Rio de Janeiro rola dia 25.

Pantera

O vocalista Phil Anselmo cospe suas letras cheias de fúria nos dias 25 e 26 de abril (São Paulo, outra vez no Olympia). O Pantera também dá um show no dia 27 de abril no Rio de Janeiro.

FOTOMONTAGEM FLAVIO VIANNA

Keanu e o maridão Geffen numa cena típica de *A Gaiola Das Loucas*

O Pequeno e o Grande Buda

Esqueça Michael e Lisa-Marie. o casamento mais comentado do ano reúne **KEANU REEVES** e o empresário **DAVID GEFFEN**, dono da Geffen Records e um dos sócios de Spielberg no novo estúdio de cinema Dream Work SKG. O casal se conheceu durante o último terremoto em Los Angeles, quando Keanu se "abrigou" na casa de Geffen. A cerimônia de casamento foi realizada segundo a tradição judaica, religião de Geffen, e contou com a madrinha-mor de onze em cada dez homossexuais, Elizabeth Taylor.

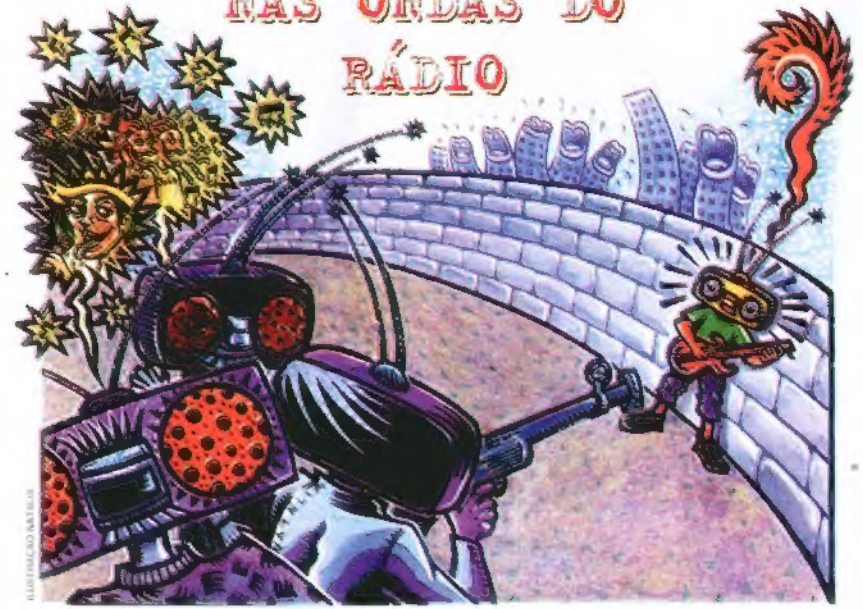
DESCOBRIDOR DE SUCESSOS

LULU SANTOS sempre viu a vida melhor no futuro. Mas o que ninguém imaginava era que a opção feita pelo rhythm'n'blues em *Assim Caminha A Humanidade* fosse proporcionar ao cantor seu momento de maior popularidade nos anos 90. Aliado ao Dj Memê, Lulu ampliou seu público e conseguiu dobrar até mesmo a descrença de muitos críticos em relação a seus trabalhos mais recentes. A tabelinha entre os dois continuou a funcionar na sensacional versão de "Se Você Pensa", excluída do disco em homenagem a Roberto Carlos – uma história que a BIZZ já esmiuçou para você na edição de janeiro. Esta é a praiana "Descobridor Dos Sete Mares" (com o *groove* mortal de "Disco Inferno", dos Trammps, como base) estão em seu novo lançamento: *Eu E Memê Memê E Eu*, definido por Lulu como "um subproduto do *Assim Caminha*..."

Juntinhos, eles também prepararam novas versões para hits como "Condição" e "Casa" e ainda deram uma nova cara a "Fullgás", de Marina, já testada com êxito nos shows.

C. Campos

ROCK PERDE ESPAÇO NAS ONDAS DO RÁDIO



As rádios rock estão sendo varridas do dial brasileiro. A primeira a dançar foi a **FLUMINENSE FM** (Rio), pioneira na programação dedicada ao rock. A "Maldita", como era chamada, não existe mais desde setembro de 94 e deixou órfãos os roqueiros cariocas. A Fluminense foi substituída pela Jovem Pan, que dedica sua programação exclusivamente a sucessos e dance music, e desde o ano passado está no projeto arrojado de implantação da rede **JOVEN PAN SAT**.

Composta por trinta emissoras em todo o país, a Jovem Pan Sat não compra as rádios que passam a transmitir a sua programação. "Fizemos um esquema de *franchinsing* em que a rádio interessada em trabalhar com nosso nome e tipo de programação paga uma taxa mensal e nós cuidamos do resto", explica Tutinha, um dos proprietários da Pan. A Jovem Pan oferece um treinamento aos locutores da rádio afiliada, que passa a adotar o nome da rádio paulista e a transmitir uma programação idêntica.

Há dois meses, atraída pelo esquema lucrativo da proposta, a **FM 95** de Santos trocou a programação roqueira e a audiência baixa pela onda dance, e passou a se chamar Jovem Pan Santos.

Outra mudança aconteceu na **97 ROCK** (SP). A emissora também virou rádio dance. Foram contratados locutores da **NOVA FM** (emissora paulista com boa audiência, graças a sua receita de dance, reggae, rap e rock) e a direção de programação passou ao também ex-Nova Lélio Teixeira.

> Empresários que preferem o lucro à qualidade estão trocando o rock pela dance music

O motivo que levou as três emissoras alternativas a trocarem sua programação foi uma palavra mágica chamada faturamento. Segundo os proprietários, a audiência das rádios não conseguia atingir níveis satisfatórios e as verbas publicitárias diminuíam ou desapareciam. Isso torna inviável manter uma emissora no ar.

A programação dance parece dar dinheiro. Segundo José Antônio Constantino, proprietário da 97 FM, o faturamento da rádio aumentou em cerca de 70% no primeiro mês de mudança.

A questão é a seguinte: o Brasil não é um país roqueiro? Falta interesse do ouvinte por rock? Os baixos níveis de audiência e a extinção das rádios rock parecem responder à segunda pergunta. Mas, ao contrário das rádios, o mercado fonográfico de rock vai bem. Os recentes lançamentos de Pink Floyd, Robert Plant & Jimmy Page e Bon Jovi já ultrapassaram a marca de 200 mil cópias vendidas. Raimundos (melhor grupo de 94 na opinião dos leitores da **BIZZ**) venderam mais de 100 mil discos e esses números garantem que o Brasil é um país roqueiro. Por que não?

O fato é que empresários pensam em grana e rádios são companhias que visam o lucro. Esse tipo de movimento do mercado é cíclico e, daqui a pouco, o rock volta a dar as cartas. "Rádio tem que dar dinheiro. Há três anos era o rock que estava no auge. Já houve o sertanejo, o samba ... Agora é a dance. Não dá pra fazer rádio por idealismo, não estou preocupado com a qualidade do que toca e sim se a música vende ou não", concluí Tutinha.

Humberto Finatti

Joey pertence à gravadora Epitaph (também com o Offspring) e procura bandas brasileiras

É BOM SER INDEPENDENTE

Barulhentos de plantão, fiquem ligados! Em meados de janeiro, esteve entre nós um dos diretores da Epitaph Records, **JAY ZISCROUT**, a mais bem-sucedida gravadora especializada em *hardcore* dos Estados Unidos, que tem em seu catálogo bandas como Offspring – líder disparada de vendas do selo, com três milhões de cópias –, Bad Religion e Pennywise, além de Wayne Kramer, ex-líder do MC5.

Ziscrout, que é ex-baterista do Bad Religion, passou por São Paulo para acertar os detalhes da distribuição de três discos do catálogo da Epitaph pelo selo independente Paradoxx. O pacote é formado por *Recipe For Hate*, do Bad Religion, *Punk In Drublic*, do NOFX e *Pennywise*, do grupo homônimo.

A Epitaph surgiu em Los Angeles há quinze anos, com o intuito de lançar o primeiro álbum do Bad Religion. A partir daí, a coisa foi ficando cada vez mais séria, culminando com o estouro do punk rock em 94 e o impressionante sucesso do Offspring.

Aproveitando a passagem pelo Brasil, Ziscrout deu a notícia do lançamento de seu próprio selo, a Grita Records. "Ele vai ser uma espécie de Epitaph latino. A mesma filosofia e o mesmo tipo de música. Pretendo lançar bandas da Espanha, do Brasil, do Chile e de outros países e distribuí-las mundialmente pelo sistema da Epitaph", disse.

Ele afirma que quer explorar a originalidade das bandas que escolher para seu selo. "Não quero música cantada somente em inglês. O ideal é conseguir uma mistura, músicas cantadas em inglês e em português. Tentei entrar em contato com os Raimundos, que merecem ter um disco lançado no exterior, mas parece que eles preferem ficar só no Brasil..."

Se você quer enviar uma fita de sua banda para a Grita Records, mande-a para o seguinte endereço: Grita Records 545 8th Av., suite 401 New York, NY, código 10018.

HELIO GOMES

Maconha pode deixar de ser crime no Brasil

Não tenha dúvida de que o Brasil está mudando. O ministro da Justiça Nelson Jobim, pouco antes de assumir o cargo no início de janeiro, declarou que é favorável à liberação do uso de drogas leves e literalmente acendeu a chama em prol da descriminação de entorpecentes como a maconha e o haxixe no Brasil.

Uma futura descriminação de drogas no País poderia significar que os usuários deixariam de ser vistos como criminosos pela lei.

Isso não quer dizer que o Estado liberaria o uso da droga. Portar drogas para o uso próprio deixaria de ser crime, o que não permite que o usuário possa sair por aí fumando na rua. Com a descriminação, se você for pego queimando "em praça pública", a polícia poderia confiscar a droga mas não poderia te levar em cana. Usar drogas em casa, desde que depois o sujeito não cause danos à sociedade, como dirigir "maluco" por exemplo, estaria liberado.

Outros políticos e gente ligada à justiça já se colocaram favoráveis ao posicionamento de Jobim e podem apressar o processo de descriminação. O deputado federal Fernando Gabeira (Partido Verde) já apresentou um projeto de lei à Câmara tratando do assunto.

O recém-nomeado Presidente do Conselho de Entorpecentes de São Paulo, Dr. Alberto Zacarias Toron, advogado que defendeu o compositor Arnaldo Antunes e os Titãs Toni Belotto e Paulo Miklos em processos relacionados à droga, é mais um aliado do ministro. "Descriminador" convicto, ele já se colocou à disposição para empenhar esforços em auxiliar o ministro na questão. "É um absurdo tratar o usuário de drogas como um criminoso. Muita gente jovem, totalmente integrada à sociedade, dança fumando maconha na praia ou em casa e isso marginaliza o cara para sempre. Ele passa a enfrentar dificuldades que vão desde arrumar emprego, a casar com alguém de uma família, digamos, tradicional."

A legislação atual é tolerante com a figura que portar no máximo um cigarro de maconha. O cara vai preso e é posteriormente liberado sob pagamento de fiança. Em caso de reincidência, o portador pode ser condenado de seis meses a dois anos de prisão.

ROBERT HALFOUN

"Descriminação - Segundo o *Dicionário Aurélio* o termo significa: 1- Absolver de crime; tirar a culpa de; inocentar. 2- Excluir a criminalidade. A palavra "descriminalizar", corretamente usada nos meios jurídicos, não consta no dicionário.

OUÇA ESSA

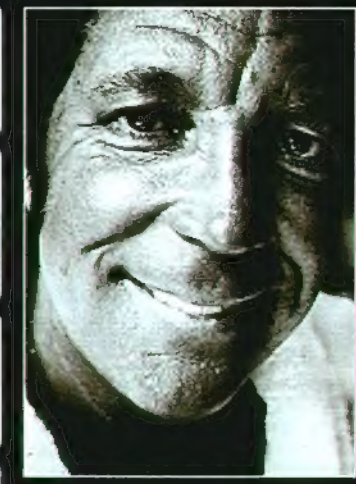
"A única coisa que não gosto no Pearl Jam é a hipocrisia. Se Eddie Vedder não quer ser famoso,ele não precisa ser." (**JON BON JOVI** na *Kerrang!*)

"Os Chili Peppers são 'pessoas-pênis'. Quando eu olhei uma foto do vocalista, tudo que vi foi aquele grande e duro pênis. E isso me assustou." (Gabby Glaser do **LUSCIOUS JACKSON** na *Vox*)

"Uma puta é uma mulher que vem ao meu lado, querendo transar comigo, querendo ter um bebê e tirar meu dinheiro." (**SNOOP DOGGY DOGG** na *Vox*)

"Eu sempre achei que existissem somente três boas bandas: nós (*The Jam*), os Sex Pistols e o Clash. O resto era o resto." (**PAUL WELLER** na *Vox*)

"É mais fácil conseguir drogas em Seattle do que em Los Angeles. A polícia de Seattle não faz nada e eu pergunto a eles: 'Vocês não ficam embarassados quando ouvem que Seattle é famosa pelo grunge, capuccino e heroína?'" (**COURTNEY LOVE** na *Vox*)



"Lesbianismo, lesbianismo" (**TOM JONES** responde qual seu tipo de pornografia preferida na revista *Raygun*).

"Eu acho que a maconha influi positivamente em seu modo de tocar. Depois que virei um 'marijuano' (*maconheiro*), melhorei bastante o meu jeito de tocar guitarra." (**JOHN FRUSCIANTE**, ex-Red Hot Chili Peppers, na *Guitar Player*)

"Pinga e Alka Seltzer. Uma vez bêbado, Alka Seltzer é indispensável." (**MAX CAVALLERA** dando a receita do seu drink preferido na *Kerrang!*)

"Eu sou um pouco 'fora de moda' com mulheres. Gosto de mulheres que se dedicam à mim. Gosto quando elas cozinham, sabe... o cheiro de comida na cozinha... Mulheres simplesmente não cozinham mais. Gosto de coelho e carne de cavalo." (**JEAN CLAUDE VAN DAMME** na *US*)

"Eu não sei o que as pessoas pensam de mim. Eu não sinto que me considerem um ser humano normal." (**EDDIE VEDDER**, do Pearl Jam, na *US*)

"Elvis não criou o rock'n'roll, meu cabelo o criou." (**TONY CURTIS** na revista *Vox*)

LIVING COLOUR ACABOU

Esta coluna lamenta o fim do **LIVING COLOUR**, uma das bandas de rock mais criativas surgidas na década de 80. Numa entrevista coletiva no dia 13 de fevereiro, o guitarrista Vernon Reid, líder do LV, anunciou a separação da banda, que ele mesmo tinha fundado há dez anos. Reid alegou que seus trabalhos-solo estavam dando mais prazer a ele do que tocar na banda. A adorável mistura de funk, heavy metal e punk, executada nos três discos de carreira do Living Colour deverá ganhar um *greatest hits* por parte de sua gravadora, a Sony Music. Os outros integrantes do grupo, o vocalista Corey Glover, o baixista Doug Wimbish e o baterista William Calhoun devem seguir carreiras-solo. Enquanto isso, resta a nós, brasileiros, lembrarmos das duas maravilhosas apresentações que o Living Colour deu no Brasil: em 92, no Hollywood Rock, e em 93, no Palace (São Paulo), quando vieram promover o álbum *Stain*.

Jorge Cabeleira

Cabeleira e sua tribo resgatam a tradição do rock nordestino dos anos 70

Eles são de Recife, mas não têm nada a ver com mangue beat e afins. O negócio do **JORGE CABELEIRA E O DIA EM QUE TODOS SEREMOS INÚTEIS** é rock nordestino dos anos 70, com algumas pitadas de psicodelismo inglês dos anos 60 e som pesado. "Gostamos muito das coisas feitas por Alceu Valença, Zé Ramalho, mas costumo dizer que nossa música já tem uma cara própria", conta o baixista Rodrigo Coelho. A apresentação do grupo no festival independente Superdemo, no ano passado, chamou a atenção da Sony e do guitarrista Roberto Frejat – que logo se ofereceu para produzir os caras. Outro ponto alto para a banda em 94 foi a apresentação no festival Abril Pro Rock, em Recife. Numa noite memorável, o grupo "engoliu" Gabriel, O Pensador e Chico Science & Nação Zumbi.

O primeiro disco de Jorge Cabeleira sai ainda no primeiro semestre deste ano. Além de "De Conceição Subi A Serra" – um hit dos shows do Cabeleira –, o álbum terá três *covers*: a versão punk de "Carolina", de Luiz Gonzaga, "Sol E Chuva", de Alceu Valença e "Nas Paredes Da Pedra Encantada", tirada de um disco independente de Zé Ramalho e Lula Cortes. "É um dos discos prediletos da banda. Cheira a ácido", emenda Coelho. *Sergio Martins*

VOCÊ *Vai* OUVIR *Falar* DE

Mortal Kombat, o Filme

O Liu Ken do cinema detona seus golpes mortais...

...enquanto Talisa Soto passeia com seu modelito de couro

"Uma mistura de *Jasão E Os Argonautas* (*filme épico dos anos 60*) e John Woo". Esta é a definição do diretor Paul Anderson para o seu filme, **MORTAL KOMBAT**, baseado no violento game homônimo.Cheio de ação e efeitos visuais (mesmo que isso não signifique diversão garantida,vide o fraquinho *Super Mario Bros*), *Mortal Kombat* promete. Sem nenhum astro no elenco (apenas uma ponta de Christopher Lambert, que já não é astro há anos-luz), os papéis principais ficam por conta de Robin Shou,Linden Ashby e Bridgette Wilson, como três combatentes que travam uma batalha cósmica contra o mal. A bela modelo e ex-*bond girl* Talisa Soto também brilha num modelito de couro. *Claudia Grechi*

Mera coincidência

A *Request* descobriu uma das coincidências mais bizarras da história e publicou uma deliciosa lista com dez pontos em comum entre **Jesus Cristo** e **Michael Jackson**.
1. As expectativas de seus pais causaram problemas posteriores em suas vidas.
2. Suas mães são veneradas como santas.
3. Autoproclamaram-se reis aos 30 anos.
4. Suas mensagens de amor e fraternidade foram mal interpretadas pelo público.
5. A apresentadora de TV Oprah Winfrey afirma ter tido relações íntimas com ambos.
6. "Que venham a mim as criancinhas".
7. Ambos foram traídos por seus discípulos.
8. Os dois precisam de doze homens de relações públicas para manter o controle.
9. Foram desprezados publicamente, mas nunca acabaram punidos oficialmente.
10. Nenhum dos dois teve um relacionamento sério com Brooke Shields.

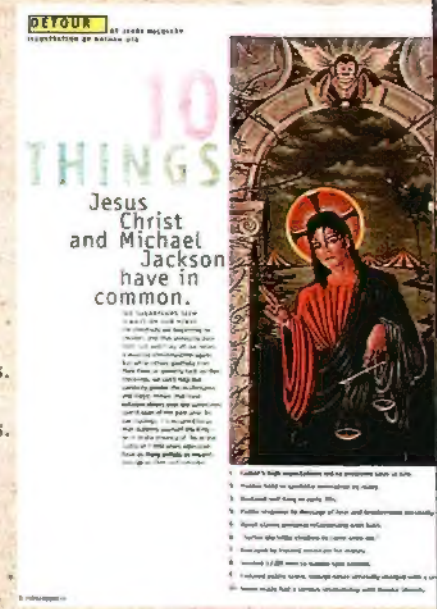


Ilustração Nathan Ota / Reprodução

De olho no futuro

Já que o clima está para previsões, a *Wired* atacou de bidu e publicou uma série de reportagens futurísticas. Na primeira página do *Los Angeles Times* de 1º de julho de 98, por exemplo, lê-se: "Times Square bombardeada, presidente pede calma e declara estado de Emergência Nacional". Já no *The Philadelphia Inquirer* de 13 de dezembro de 2003, a notícia é a descoberta da ligação entre o uso de telefones celulares e o câncer de pele. Mais pessimismo que isso impossível.

Obrigado, Senhor!

E os enlatados exibidos pela Globo revelam mais uma deusa... Seu nome é **Pamela Anderson**, a série da qual participa – a terrível *S.O.S. Malibu* – é assistida por um bilhão de pessoas em 142 países e o namorado da gata é o vocalista do Poison. Confira essa foto da *Sky* e veja se a garota não tem muitos motivos para ser eleita o novo *sex symbol* da TV.

Não parece, mas é

Preste atenção nesse velhinho aí ao lado. Você acreditaria se alguém te contasse que foi ele quem descobriu o *ecstasy* – sim, a droga número um entre os *clubbers* britânicos nos últimos anos. Em entrevista à revista *The Face*, um cientista – **Alexander "Sasha" Shulgin** – abriu as portas de seu laboratório em Lafayette – cidadezinha perto de San Francisco – e explicou sua relação com as drogas: "Se você faz qualquer exploração em seu inconsciente usando essas ferramentas, percebe que os demônios estão lá, mas também há os anjos. Sinto que quanto mais você sabe, melhor você fica". Quanto ao *ecstasy*, Shulgin prefere ser conhecido como o "pai adotivo" da droga: o cientista não descobriu a substância, apenas resgatou-a da escuridão ao escrever os primeiros tratados sobre ela. *Hélio Gomes*

ENJOY IT

SEXO BIZARRO!

KIT MICHAEL JACKSON

Para um legítimo sadomasoquista, palmada é beijo. Se você pretende se iniciar na arte, este conjunto de brincadeirinhas com algemas, máscara, essências afrodisíacas, vela e chicote é um bom começo. Aconselhável para meninos e meninas de no máximo quatorze anos. **60 reais**

ALGEMAS PARA MÃOS E PÉS

Transforme sua parceira numa verdadeira escrava das suas vontades. **130 reais**

PUXADOR DE PÊNIS

Coleirinha para poodle? Não mane este acessório vai te por na linha rapidinho assim que a sua amada (!?) começar a puxar. **55 reais**

ARGOLAS PARA O PÊNIS

Se a coleira é coisa para cachorro e você se acha muito macho, enfeite o "bagulho" com as auréolas de metal. É angelical... **50 reais**

CHICOTE DE COURO

Porrada de amor não dói! Se você ainda acredita nisso, não conhece o poder de uma boa chicotada. As marcas, garante o fabricante, duram mais de uma semana. **70 reais**

COCKRING

Não está conseguindo? Tá muito difícil? Se nenhum acessório faz o "documento" levantar, o jeito é apelar. Garante qualquer ereção. **26 reais**

MORDAÇA COM TUBO

Você é do tipo que berra de prazer (ou de dor)? Este acessório resolve o problema dos gritos sem deixar que ela(e) morra de sede. Pelo tubo você põe o que quiser. **65 reais**

CLIPS DE CHUMBO PARA OS SEIOS

Enfeites não são um privilégio somente para eles: grampos que pesam cerca de 150 gramas, com certeza vão deixar os bicos dos seios pra lá de duros. **60 reais**

O CLIT CLIP

é um mimo. Exclusivamente feminino como o nome já diz, prende os grandes lábios da mulher. **35 reais**

FITA PARA APERTAR AS BOLAS COM ESPINHOS

Tem que ser macho pacas para usar ou ser um legítimo adepto do sadomasô. **20 reais**

PALMATÓRIA EM COURO LEGÍTIMO

Só o chicote não basta? Mete a mão! **90 reais**

PÁRA-SACO

Neste caso, suas "bolas" são os passageiros deste insólito para-quedas e fica pendurado com um bom peso de chumbo para reforçar. Afinal, tudo que sobe, desce! **70 reais**

Produtos pesquisados no Atelier Eliana (Erotic Shop). Al. Barão de Limeira, 612. Campos Elísios, São Paulo, SP. Fone: (011) 223-5755

SATÉLITE

ESPECIAL

Onda reacionária se espalha pela Europa

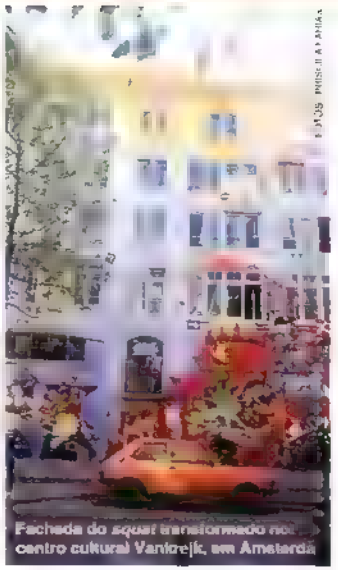
A lei reaça inglesa Criminal Justice Bill vem provocando um eco nefasto em outros países da Europa. Várias organizações e grupos com filosofias alternativas correm sério risco de desaparecer. Os *squatters* (invasores de imóveis vazios) são um desses grupos. Rob Tuinstra, *squatter* legítimo da Holanda, conta essa história

Não é só a Inglaterra que está vivendo uma sinistra conspiração anti liberdade e anti-diversão. Outros países da Europa estão sofrendo a ação de governantes de mente pequena que estão tentando reprimir ao máximo a liberdade de expressão dos jovens europeus. Os mais atingidos são principalmente os integrantes das subculturas alternativas como *punks*, *travellers*, *ravers* e os *squatters*. O eco causado pela aprovação do pacote de leis inglês Criminal Justice & Public Order Bill, que praticamente devastou os direitos do jovem inglês (*veja em quadro à frente*), ajudou a despertar vários segmentos reacionários da sociedade européia. Alguns, organizados até em associações, promovem o fim de filosofias alternativas que vêm sendo desenvolvidas há mais de vinte anos.

Um dos grupos mais atingidos pela Criminal Justice Bill na Inglaterra, e um dos mais visados no resto do continente europeu apesar de ser superantigo e organizado, é o de *squatters*. A "tribo" formada basicamente por gente jovem que não tem muita grana para pagar aluguel, e assim ocupa imóveis vazios, agora pode ser "despejada" dos *squats* (ocupações) em menos de 24 horas.

A história dos *squatters* vem de longe. Desde a década de setenta os holandeses conquistaram direitos em seu país que foram, de certa forma, copiados mesmo que extra-oficialmente pelos "ocupantes" de outros picos. Era legal na Holanda e legítimo em outros países que as pessoas simplesmente invadissem um prédio vazio abrindo a porta da frente com um pé de cabra, colocassem alguns móveis e uma fechadura nova, e então esperassem a polícia, que não podia fazer nada senão registrar uma nova invasão.

Revistas, rádios e bares alternativos surgiram aproveitando imóveis desocupados. Com isso, foi desenvolvida uma sociedade *squatter* totalmente organizada que hoje tem até uma via de informações por computador para quem procura saber mais sobre eles.



Fachada do *squat* transformado no centro cultural Vanlorejk, em Amsterdã

A filosofia do grupo foi desenvolvida basicamente em cima da idéia de que, se existem tantos desabrigados na Europa (na Holanda o número dos "sem-teto" passa de 50 mil), o governo teria que providenciar moradia barata para todos. Como isso não acontece, eles invadem. O Estado, até então, fechava os olhos para o movimento.

A história agora é diferente. Em 94 surgiu na Holanda a lei seção 139, que não dá quase nenhum direito aos invasores. A partir de agora uma casa tem que estar vazia por mais de um ano para que seja possível a sua invasão. Se o proprietário entrar uma vez por ano e colocar uma lata de tinta lá dentro, é o suficiente para proteger o seu imóvel vazio. Caso ele tenha provas suficientes que garantam que a casa possa ser vendida, os habitantes invasores são sumariamente despejados.

Uma série de despejos aconteceram no ano passado. Policiais disfarçados de invasores, usando camisetas com nomes de bandas de rock e com slogans como "enfrente o Estado" haviam se infiltrado em muitas ocupações.

Os *squatters* de toda a Europa (os principais polos são Holanda, Itália e Inglaterra) estão organizados lutando contra as arbitrariedades. Ao contrário de tempos em que a violência dava o tom, os ocupantes buscam maneiras mais civilizadas de protestar. A porradaria sempre vem da parte da polícia.

Na Holanda, uma nova lei condena as ocupações. Policiais disfarçados com camisetas de bandas de rock se infiltraram entre os squatters

Alguns *squats* foram transformados em museus e chamaram a atenção da mídia. Além da rede de notícias CNN, até uma rádio *squatter* local transmitiu ao vivo um show comemorativo pela abertura do local.

Interior de uma ocupação: grafite sai da rua e vai para dentro de casa

João Gordo, dos Ratos de Porão, e amigas: *squatter* brasileiro na Holanda

Uma ocupação na Holanda chamada Binnenpret tem regularmente shows de escolas de samba e capoeira. Os Ratos De Porão, na última excursão pela Europa, tocaram no lugar, numa festa beneficente para os sem-terra no Brasil.

No entanto, o envolvimento de brasileiros em *squats* é insignificante. As ocupações não passam de dez em toda a Europa.

Com exceção da Holanda, turistas geralmente não são muito bem recebidos em visitas às ocupações. Convém que o curioso conheça algum *squatter* local antes de se aventurar numa excursão com todas as probabilidades de terminar em confusão.

Apesar de reaças na Inglaterra, Alemanha, Itália, Espanha e outros países tentarem exterminar com os *squats* e *squatters*, a guerra na extinta Iugoslávia e outros pontos de crise no continente europeu estão fazendo com que muitos jovens continuem a invadir casas vazias. Mesmo sabendo que podem se dar mal e ser despejados em menos de 24 horas. ■

O que é Criminal Justice Bill?

O CJB é um pacote de leis aprovado em outubro de 94 no Parlamento inglês, a pretexto de combater crescentes índices de criminalidade. Promovido pelo Partido Conservador da Inglaterra, as medidas reprimem a vida alternativa e minam liberdades democráticas antiquíssimas, atingindo principalmente os jovens. (*leia mais na* BIZZ, *edição 112*)

10 + 1 perguntas para HEATHER LOCKLEAR

É por HEATHER LOCKLEAR que o baterista Tommy Lee, do Motley Crue, batucava seus bumbos com mais paixão, e o guitarrista Richie Sambora (Bon Jovi) – atual marido da atriz – detona belos solos de guitarra. Heather também é conhecida como a Amanda do seriado *Melrose* (exibido pela Globo). Em entrevista exclusiva à BIZZ, a atriz, que começou sua carreira nos anos 80, na série *Carro Comando* (e que lhe garantiu o título de símbolo sexual) não escapou de levar uma bela cantada de nosso repórter – que, como a gente, não é de ferro

Você pode ser considerada uma artista de TV, principalmente, tão poucos foram os filmes que fez para o cinema. Isso é uma opção sua?
Espero que seja uma coincidência. Adoraria fazer filmes para o cinema, mas as melhores ofertas que chegam a mim são sempre para trabalhar na televisão. Como a TV tem sido muito boa para mim, não vou dar as costas a ela.

Você se incomoda quando a chamam de "o símbolo sexual dos anos 90"?
Se quiser, você pode me chamar disso quantas vezes desejar (*risos*)

Mas esse tipo de coisa a faz se sentir mais vulnerável?
Não, as pessoas gostam muito de rotular os outros, e esse rótulo não chega a ser ruim acerto numa boa.

Você passa um entusiasmo muito grande quando fala. Você se considera uma mulher feliz?
Eu tenho uma atitude muito positiva em relação à vida. Venho de uma família maravilhosa e isso, junto a uma atitude positiva, otimista, sempre ajuda. É melhor assim. Me considero uma mulher muito, muito feliz.

O peso de ser um símbolo sexual, digamos assim, ou uma mulher percebida como extremamente glamourosa traz uma responsabilidade adicional para você, no momento em que você precisaria sempre se apresentar lindíssima para seus fãs, em qualquer ocasião?
Garanto que não venho tentando criar uma imagem. Na verdade, não gosto de ser estereotipada. Se eu puder ser uma maltrapilha quando estou em casa, ótimo. Prefiro ser engraçada e natural. Não me imponho esse tipo de pressão.

Voltando à sua velha paixão por músicos de rock. Você sabia que a minha guitarra está guardada lá no carro?
Ha, ha, ha, ha!!! Mas se você for ver direitinho, antes dos músicos eu namorava atores e antes, estudantes... (*pausa*) Gente, quem me ouve falar assim vai achar que eu sou a maior piranha (*risos*). Sabe de uma coisa? Não sei explicar por que namoro músicos de rock.

Se não me engano, foi sua própria mãe quem disse que você se sentia atraída por músicos de rock porque sua vida era certinha demais e, portanto, você sentiria falta de um elemento mais excitante.
Para começo de conversa, acho que são eles que se sentem atraídos por mim, são eles que estão em busca de algo mais excitante (*risos*). Seria, se essa é a opinião de minha mãe, acho uma gracinha, mas não busco em outras pessoas elementos para formar minha própria personalidade, já tenho uma farta variedade de elementos na minha personalidade, não acho que precise mais. Além disso, a vida de um músico de rock não é tão excitante quanto eles querem que as pessoas acreditem.

Além de rock, você gosta de outro estilo de música?
Gosto de tudo: música clássica, rock, blues, jazz. Não gosto muito de rap, hip hop.

Quais são os predicados pessoais de Ritchie Sambora, então?
Ele é um homem incrivelmente charmoso, maravilhoso. Pensamos e sentimos igual em relação à maior parte das coisas. Combinamos bem.

Quais são as vantagens e desvantagens de ser uma *California blonde*?
A vantagem não sei dizer, porque não me considero especificamente uma delas. A desvantagem é ter que retocar a tintura do cabelo com uma certa regularidade (*risos*)

José Emílio Rondeau

Kibon

Prêmio BIZZ 94

O OURO dos RAIMUNDOS

Os grandes vencedores do Prêmio BIZZ 94 contam como garimparam o seu sucesso. Hoje os Raimundos são os maiores expoentes da nova música pop brasileira

por Robert Halfoun
fotos Rui Mendes

Uma banda brasileira que prima pelo intenso barulho das suas músicas usa e abusa de palavrões nas letras e faz uma mistura estranha de *hardcore* com música nordestina normalmente estaria fadada a circular apenas em guetos alternativos. Com os Raimundos a história foi diferente.

Embalada pela canção erótico-pornográfica "Selim", a banda estourou de norte a sul do país, dominando as paradas das rádios e tornando-se o maior fenômeno musical de 94. As 120 mil cópias do primeiro disco, lançado pelo selo independente Banguela e distribuído pela gravadora Warner, esgotaram-se rapidamente nas lojas e são a melhor prova de que o cenário pop, o público e os formadores de opinião estão mudando.

Os Raimundos arrematararam todos os prêmios dados pela mídia no ano passado. Mas a coroação definitiva veio agora. Na votação dos leitores, a banda se consagrou como a grande vencedora do prêmio BIZZ 94.

Faz parte do espírito de cada um deles, uma molecagem roqueira que não se vê por aí. Talvez por isso não se ache boas bandas de rock em cada esquina.

A história conta que o sucesso de alguns grandes nomes do *showbiz* estão vinculados – além do talento, é claro – a um trinômio básico: prêmios, escândalos (sexuais de preferência) e problemas com a justiça. Os Raimundos em pouquíssimo tempo conseguiram tudo isso. Parece que o caminho da banda começa a ser traçado.

Num *flat* simples (pago do próprio bolso) próximo ao centro de São Paulo, os Raimundos estão reunidos no apartamento do baterista Fred. Eufóricos, eles contam as histórias que viveram no primeiro ano em que saíram em busca do seu ouro e rodaram mais de 30 mil quilômetros pelo Brasil fazendo shows. Ao todo foram sessenta em sete meses. "Eu já sabia que o Brasil é grande, mas conhecer via terrestre .. São várias etnias num mesmo país, mas no fundo é todo

Raio-X Raimundos

em colocar a mão por baixo da bermuda deles. "Meu irmão, a gente tava no palco e as garotas ficavam pegando na roba da gente", conta Rodolfo. "O palco era pequeno e várias garotas estavam sentadas na primeira fila. Elas iam chegando perto, metendo a mão por dentro da calça", descreve Digão. "Não dava para cantar!", intertere Rodolfo. "Em compensação, depois do show foi uma festa. As *groupies* são as melhores coisas que acontecem na estrada. Elas invadem os hotéis, dão pra todo mundo e fazem a alegria da galera. Elas são extremamente gente boa e se não fossem elas não existiria rock n roll. Teve uma vez que foi maravilhoso. Eu já tinha transado a noite inteira, fui dar uma passada no quarto de um *roadie* e tinham mais sete meninas me esperando", continua Rodolfo, e filosofa: "Tem coisas na vida que nada te tira, uma experiência bem-sucedida e uma dessas

"A verdade é que estamos conhecendo mulher adoidado. Acho que o músico de rock só toca por causa disso mesmo. Dinheiro? Vem o governo e rouba", *Rodolfo*

Os Raimundos venceram nas categorias melhor grupo, disco e clipe nacionais batendo nomes consagrados como Sepultura e Legião Urbana.

O sucesso do grupo, lançado pela BIZZ em 93, é fácil de explicar. A zoeira dos quatro garotos de Brasília chegou para revelar uma nova geração. Sem ataque americano e resgatando uma brasilidade esquecida no cenário pop nacional, os Raimundos se transformaram na grande ponta de lança de um novo momento do rock'n'roll no Brasil. Entendendo o que está cantando e contagiado pelo bom humor e irreverência das letras do grupo, o público – com telefonemas e cartas – colocou na marra os Raimundos nos primeiros lugares das FMs de massa que, até então, praticamente só cediam seus espaços ao bate-estacas americano.

No meio dessa revolução raimunda, Fred, Digão, Canisso e Rodolfo riem. No entanto, é fácil perceber na personalidade dos caras que, mesmo que as coisas não estivessem indo tão bem, estariam rindo do mesmo jeito.

A trajetória dos Raimundos em 94, como toda banda que se preze, foi praticamente toda na estrada. Em alguns casos, até em ônibus de linha, como a turnê pelo Nordeste. No melhor estilo pau-de-arara, a rodada pelo país enriqueceu a vida de cada Raimundo e aumentou consideravelmente o número de experiências sexuais de cada um.

Sem o menor constrangimento, eles revelam que o relacionamento da banda com as fãs vai muito além de apenas dar autógrafos. "A gente vem conhecendo muita mulher e" tenta falar Fred. "A verdade é que estamos comendo adoidado e isso é o bicho!" entrega Rodolfo. "Acho que o músico de rock só toca por causa disso mesmo. Dinheiro? Vem o governo e rouba", completa.

Entre casos com mulheres, lembram com orgulho de um show em Curitiba em que um batalhão de meninas insistia

Trepada e tatuagens, por exemplo, são coisas eternas e nenhuma repõe a outra. Aproveite todas aquelas que estiverem no seu caminho."

O vocalista Rodolfo, segundo a própria banda, é o mais ativo sexualmente falando. Ele se manifesta com empolgação quando o assunto é sexo. Quase um obcecado pelo assunto. "Eu ouvi a minha vizinha dando ontem. Sei que no apartamento moram só duas mulheres. Fico achando que elas são lésbicas. De qualquer forma, a janela do meu banheiro dá para o banheiro delas..." revela. Não é preciso dizer mais nada.

As sacanagens que você ouve em letras como "Selim", "Puteiro Em João Pessoa", entre outras, são absolutamente espontâneas e fluem normalmente no espírito moleque do grupo. "A gente não fala essas putarias a sério e tudo tirado de sarro. Algumas mulheres pensam que somos machistas, não temos senso de humor", comenta Fred. "Pelo amor de Deus! Os Raimundos são uma grande brincadeira de moleques de 13 anos", indigna-se Digão.

Digão: "Raimundos são uma brincadeira de moleques de 13 anos"

Fred: "Tem muita gente pensando que estamos milionários"

Essa indignação, porém, transforma-se em piada entre eles, quando o problema fica supostamente sério e as "baixarias" de "Selim" e cia. são praticamente censuradas em rede nacional. Na verdade, o grande rolo em torno do conteúdo pesado das letras dos Raimundos ainda está dando muito pano para manga, principalmente no sul do país. Na cidade de Santo Ângelo, no Rio Grande do Sul, "Selim" foi proibida de ser executada nas rádios depois de determinação do juiz de menores local. Em outras cidades brasileiras, "Selim" recebeu na rede Transamérica um *bip* quando eram pronunciadas as palavras "vagina" e "bunda". Segundo a direção da rádio, anunciantes no sul do país estavam reclamando da linguagem chula usada nas músicas executadas na emissora.

Esse "palavreado pornográfico", para a professora Maria Aparecida Machado, pedagoga da Escola Estadual Presidente Costa e Silva em Porto Alegre, é prejudicial à educação dos adolescentes e distorce valores como o amor e o carinho, transformando-os em pura pornografia. "O descobrimento do corpo e do sexo no adolescente é a causa do interesse nessa espécie de música.

"Em Curitiba, o palco era pequeno. E as garotas lá na primeira fila já iam chegando perto e metendo as mãos dentro de nossas bermudas...", *Digão*

Não é uma forma de amor consciente. As moças podem ficar grávidas e os moços não assumem nada depois", defende a professora. "O grupo nos chamou a atenção porque todo o colégio canta as músicas, inclusive os filhos dos professores."

Os Raimundos acham graça disso tudo. Antes de assinarem contrato com o selo Banguela, a banda recebeu várias propostas de outras gravadoras. Segundo diz a lenda, numa reunião com os cabeças da Sony Music, os quatro Raimundos deixaram os executivos da companhia falando sozinhos quando foi colocado que, para fechar o acordo com a multinacional, os Raimundos teriam que abrandar o conteúdo das letras e diminuir a intensidade do seu som.

Para o diretor artístico do Banguela, Carlos Eduardo Miranda, o grande trunfo dos Raimundos é exatamente a irreverência. "Eles são autênticos ao extremo. Quando eu ouvi pela primeira vez chapei na hora. Os Titãs e o Jack Endino (*produtor de* Titanomaquia *e de* Bleach *do* Nirvana) também", lembra. "A sacanagem e a surpresa são fundamentais para os Raimundos. O "Selim" originalmente não ia entrar no disco, foi gravada às pres-

sas na última hora. Na versão acústica os Raimundos são só o Rodolfo e o Nando Reis (Titãs)", revela

A polêmica e tão falada "Selva" surgiu num rolé que a banda dava no Fusca do Canisso na autovia W3 em Brasília "Um dos melhores programas no Planalto Central é sair no final da tarde pelas pistas livres, dirigindo devagar e fumando maconha", conta Canisso. "A visão era maravilhosa. O sol se pondo e aquelas gostosas andando de bicicleta. Um amigo nosso começou a cantarolar o comecinho e o resto veio rapidinho" lembra Digão. "Tem um vídeo do começo da trajetória dos Raimundos que retrata tudo isso. É meio que um arquivo secreto da banda" anuncia Fred

Brasília ainda traz saudades e lembranças aos Raimundos. A cidade, considerada um pólo carente em entretenimento, é defendida pelos quatro filhos do planalto que preferem ver só o lado bom da capital. "Brasília é um liquidificador cultural e isso é muito legal para a população da cidade. É criado um estigma que na cidade não há nada para fazer. É mentira!", fala Fred

Como se imagina, a adolescência dos Raimundos foi mesmo bastante movimentada. Eles dividiam seu tempo entre música, colégio e diversão. O item diversão incluí casa de amigos gringos, cinema e acidentes de carro. "As pessoas se matam no trânsito em Brasília. Eu e o Rodolfo capotamos o meu extinto Fuscão e depois fomos ao cinema", lembra Canisso. "Eu tava ensinando o Rodolfo a dirigir e entrei no pau numa curva, para mostrar como é. Dei uma rodada animal e capotamos de uns cinco metros de altura. Como saímos ilesos do tombo e tínhamos combinado com o Digão no cinema, fomos para lá", conclui. "Eu tava no cinema vendo o filme quando escuto: 'Digão! Tô aqui. Capotei o carro'", diz Digão

"No Brasil, são várias etnias num mesmo lugar. Mas só existem doze tipos de pessoas no planeta. O resto são repetições dessas doze", *Canisso*

A perda total do Fusca e a grana do ferro velho deram origem ao baixo que Canisso usou até o fim do ano passado

Até o reconhecimento do público no meio de 94, os Raimundos praticamente não receberam o apoio da família. Ao contrário, o fato de os filhos se ocuparem numa banda de rock não era bem visto pelo familiares. "É engraçado que no começo só o meu pai é quem dava apoio", lembra Fred. "Agora tá todo mundo feliz... O Canisso ganhou até um superbaixo Fender Jazzbass do pai dele " "Tem mais: teve época que eu achava que ninguém gostava de mim na família deles. Tinha certeza que negunho ficava: 'pô, qual é a desse cara que fica levando a sério essa história de banda de rock' ", conclui Fred

Com grana emprestada e um punhado de fitas demo na mão, os Raimundos vieram para São Paulo em meados de 93 As fitas rapidamente foram divulgadas e os mais descolados disputaram a tapa os primeiros exemplares de música raimunda gravada

A mistura esporrenta de Luiz Gonzaga com Ramones, segundo a banda, é fruto dos genes paraibanos de Rodolfo. "Meus pais são paraíbas e deu para assimilar alguma coisa. Os 2 mil quilômetros que ligam Brasília a Paraíba equivalem proporcionalmente à distância percorrida pelos espermatozóides do saco do meu pai até o óvulo da minha mãe", define o paraibinha

Teorias à parte, a verdade é que a novidade chamada Raimundos chamou a atenção dos cúmplices do cenário pop brazuca e a banda pouco depois já estava tocando no Rio e em São Paulo

Canisso: "Capotamos o carro e fomos ao cinema"

Rodolfo: "Eu adoro as *groupies*. Elas fazem a alegria da galera"

Como migrantes que vêm tentar a vida na capital, os Raimundos, em vez de trouxas de roupa, traziam no ombro guitarras e amplificadores. "Ficamos assustados com o tamanho de São Paulo. Me dava urticária pensar na dimensão da cidade", lembra Fred. "O que a gente mais gosta daqui é o espírito de concorrência A obrigação de ter que fazer sempre o melhor", completa Digão

A casa do hoje diretor artístico e produtor de *Raimundos*, Carlos Eduardo Miranda, virou o Q G. raimundo na ocasião. "Não tinha muito espaço e dormíamos no chão da casa do Miranda. A janela tava quebrada, entrava o maior vento", conta Fred. "Era época de frio, junho, e parecia que a gente tinha que passar por aquele carma pra saber como as coisas são difíceis", fala Canisso. "Mas a maior dificuldade mesmo, foi nos acostumarmos com os pernilongos mutantes do bairro de Pinheiros", brinca Rodolfo.

Desenvolvemos uma técnica para poder dormir", conta Fred e com uma camiseta na mão demonstra: "Primeiro coloca-se a camisa sem os braços. Pega o que sobra, cobre a cabeça e põe uma das mangas na altura do nariz". "É feita uma especie de tromba para poder respirar Fica tudo coberto e o bafo que sai da boca não deixa os mosquitos chegarem perto", conclui Rodolfo

A experiência dos Raimundos em instalações, digamos, estranhas vai desde hotéis mal-assombrados a cabanas praticamente no meio da floresta amazônica. "Durante a gravação do disco, ficamos num hotel em que todo mundo sonhava com fantasmas, assassinato e o diabo. O Otto, percussionista do Mundo Livre, quando passou por lá viu um velho andando do armário até o banheiro durante a noite", diz Canisso. "Em Belém, ficamos numas cabaninhas a uns 15 quilometros da cidade. Eu fiquei me achando o Tarzã. Era mato para todos os lados, não tinha ninguém, aí eu resolvi sair pelado pela floresta", conta Rodolfo. Atualmente, a banda procura uma casa para alugar onde possa morar e ensaiar com mais comodidade e sem a interferência de regras de condomínio.

"Em Belém, ficamos numas cabaninhas no meio da mata a uns 15 quilômetros da cidade. Fiquei me sentindo o Tarzã. Não tinha ninguém e resolvi sair pelado pela floresta", *Rodolfo*

Precisamos de um pico para criar as musicas sem encheção de saco. Aqui no *flat* volta e meia alguém reclama", diz Digão, imitando uma velha, "o som tá muito alto, tem um cheiro estranho entrando no apartamento do vizinho "

O dinheiro raimundo arrecadado até agora com os shows e a venda do disco, segundo a banda, ainda não dá para grandes aventuras. "Tem gente pensando que os Raimundos estão milionários. Só tá dando pra pagar o aluguel", diz Fred "Se a banda terminasse agora, tava todo mundo fodido. Ninguém tem porra nenhuma", revela Canisso

O contrato com o Banguela prevê para a banda uma porcentagem proporcional à venda do disco. Até 40 mil cópias vendidas, os Raimundos recebem 8% por cada disco. Dos quarenta em diante, vai para 10%. Passados 100 mil discos vendidos, o grupo recebe 15%

O próximo grande passo na carreira da banda é resolver sua vida com as gravadoras. O acordo com o Banguela termina em março e só pode ser renovado caso o grupo assuma um compromisso com o selo por mais tres anos

A gravadora Warner, já fez uma proposta para que a banda passe a constar no *cast* da multinacional. Mas a princípio tudo indica que os Raimundos não vão mudar de emprego. "A *major* quer um artista que sempre venda mais de 100 mil cópias. As coisas podem mudar e aí é a maior pressão. Na gravadora independente não tem isso", fala Fred, o raimundo mestre que resolve assuntos burocráticos. "Não acredito que a Warner pegue os Raimundos. Se eles quiserem podem pegar, mas não é legal Vai enfraquecer o Banguela" sentencia Carlos Eduardo Miranda

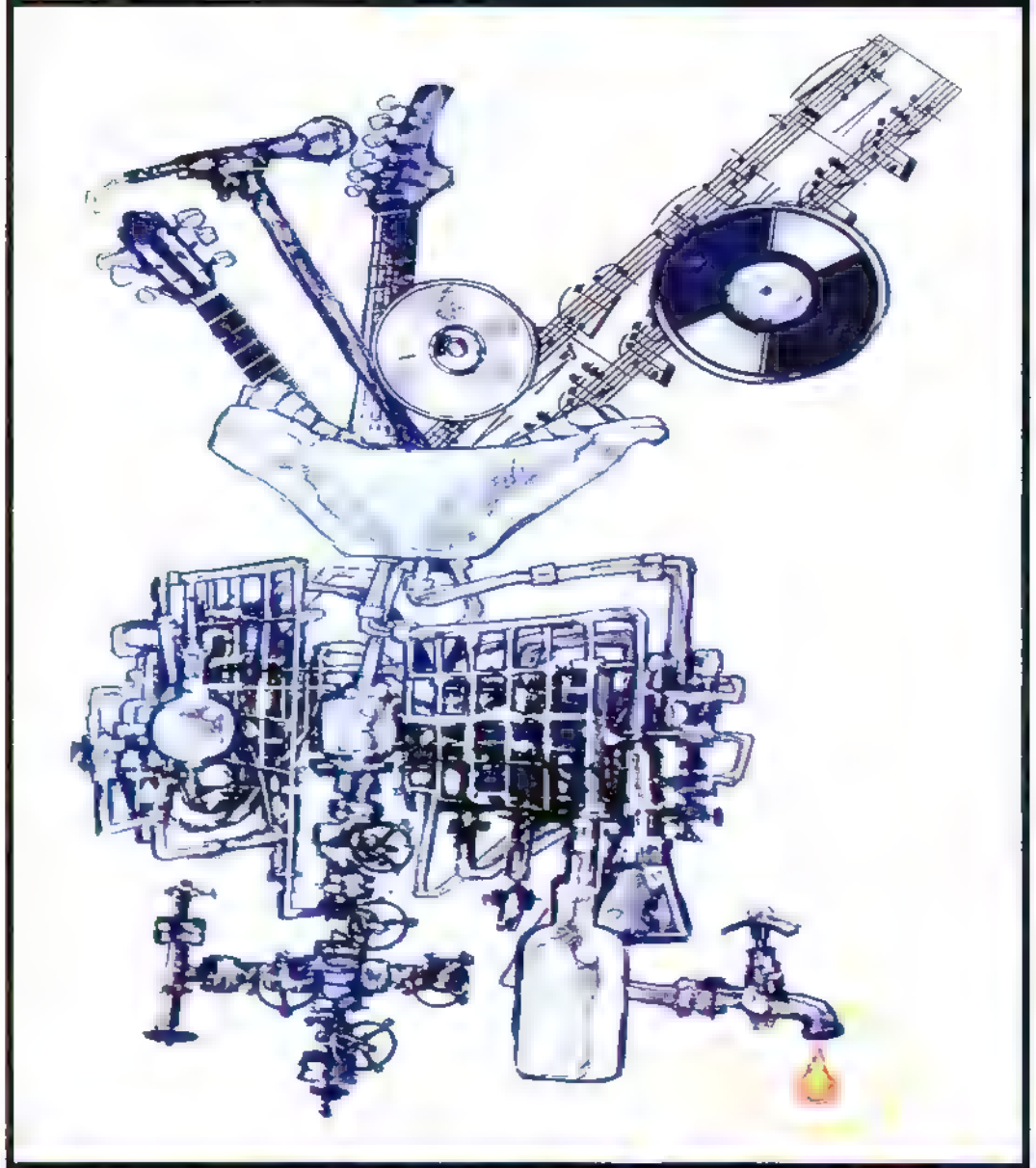
Com tanta movimentação, até agora os Raimundos ainda não prepararam o repertório do próximo disco, que deve ser lançado no começo do segundo semestre. "Fizemos uma musica chamada 'Tora Tora Tora'". E o sentido ao pé da letra, do que você entende por isso", conta Rodolfo "É sem vaselina, sacou?

"No nosso processo de criação, pensamos num tema, aí geralmente saem três letras e três ritmos Misturamos tudo e pronto", conta Canisso. "Raimundos é a banda que não está preocupada com convenções e regras. Todo mundo interfere em tudo e é por aí que o resultado fica legal", diz Fred

Buscando sempre o novo, dando ao seu rock uma característica realmente brasileira, os Raimundos são o maior expoente entre os grupos nacionais que buscam em elementos brasileiros a chave para dar personalidade à sua música Quem faz a atual cena pop no Brasil, percebe que o quanto mais nacional se é, mais internacional será. Essa é a velha nova ordem mundial

Fred, Digão, Rodolfo e Canisso, antes inconscientemente e hoje totalmente conscientes, sabem disso. Mas apesar da "responsabilidade profissional" recém-adquirida, o tal sangue roqueiro que corre nas veias dos caras continua borbulhando diversão e tesão, movido pelo poderoso afrodisíaco que se chama sucesso. ■

prêmio BIZZ 94



os vencedores

Ilustração: Kipper

LEITORES

MELHOR DISCO

Nirvana (acima): melhor disco, terceiro lugar como grupo e música e segundo vocalista, com Kurt Cobain. Ao lado, a capa do álbum de estréia da banda "papa-tudo": Raimundos

NACIONAL

1. **RAIMUNDOS** *Raimundos* 22,0%
2. BARÃO VERMELHO *Carne Crua* 9,7%
3. RENATO RUSSO *The Stonewall Celebration...* 8,8%

INTERNACIONAL

1. **NIRVANA** *Unplugged in New York* 12,7%
2. PINK FLOYD *The Division Bell*
   PAGE & PLANT *No Quarter/Un-LED-Ed* 10,6%

MELHOR GRUPO

RAIMUNDOS

ROLLING STONES

MELHOR MÚSICA

Barão: melhor música, segundo em grupo e instrumentista

NACIONAL

1. **BARÃO VERMELHO**
   "Meus Bons Amigos" 15,7%
2. SEPULTURA "Refuse/Resist" 14,2%
3. CIDADE NEGRA "Onde Você Mora" 8,9%

INTERNACIONAL

1. **PINK FLOYD**
   "Take It Back" 9,9%
2. ROLLING STONES "Love Is Strong" 8,9%
3. NIRVANA "About A Girl"
   COLLECTIVE SOUL "Shine" 7,4%

MELHOR VOCALISTA

Russo foi o vocalista/letrista escolhido em 94, enquanto a Legião fez o melhor show e chegou como segundo grupo

NACIONAL

1. **RENATO RUSSO** 22,7%
2. ANDRE MATOS (Angra) 11,9%
3. MAX CAVALERA (Sepultura) 11,6%

INTERNACIONAL

1. **ROBERT PLANT** 15,8%
2. KURT COBAIN (Nirvana) 12,3%
3. BRUCE DICKINSON 10,3%

MELHOR INSTRUMENTISTA

NACIONAL

1. **IGOR CAVALERA** (bateria/Sepultura) 30,0%
2. ROBERTO FREJAT (guitarra/Barão Vermelho) 16,5%
3. HERBERT VIANNA (guitarra/Os Paralamas...) 8,9%

INTERNACIONAL

1 **JIMMY PAGE** (guitarra) 17,4%
2. DAVID GILMOUR (guitarra/Pink Floyd) 16,4%
3. ERIC CLAPTON (guitarra) 13,9%

A projeto conjunto com Robert Plant que reviveu o Led Zeppelin, consagrou Jimmy Page como o instrumentista preferido dos leitores

MELHOR SHOW

Michael Hutchence em sua performance no Brasil: desbancando nomes como Aerosmith e Ramones

NACIONAL

1. **LEGIÃO URBANA**
2. SEPULTURA
3. RAIMUNDOS

INTERNACIONAL

1. **INXS** 32,6%
2. AEROSMITH
3. RAMONES

MELHOR CAPA

NACIONAL

1. **BARÃO VERMELHO** *Carne Crua* 20,3%
2. SKANK *Calango* 16,6%
3. RATOS DE PORAO *Just Another Crime* 14,8%

INTERNACIONAL

1 **PINK FLOYD** *The Division Bell* 24,8%
2. ROLLING STONES *Voodoo Lounge* 9,7%
3. MADONNA *Bedome Stones* 8,3%

MELHOR CLIP

NACIONAL

1. **RAIMUNDOS** "Nega Jurema" 16,5%
2. SEPULTURA "Refuse/Resist" 14,8%
3. GABRIEL O PENSADOR "175 Nada Especial" 12,3%

INTERNACIONAL

1 **AEROSMITH** "Crazy" 23,1%
2. PINK FLOYD "Take It Back" 13,8%
3. ROLLING STONES "Love Is Strong" 11,2%

MELHOR LETRISTA

NACIONAL

1 **RENATO RUSSO** 43,2%
2. FALCÃO 9,5%
3. LULU SANTOS 5,4%

REVELAÇÃO

NACIONAL

1. **ANGRA** 23,6%
2. CORONA 13,5%
3. MUNDO LIVRE S/A 13,0%

INTERNACIONAL

1 **GREEN DAY** 22,3%
2. COUNTING CROWS 3,3%
3. THE CRANBERRIES 11,2%

O trio punk/pop Green Day se segrou o melhor grupo novo

A MELHOR EDIÇÃO DA BIZZ

Vocês escolheram e deu na cabeça o nosso número 105, editado em abril de 94 com Kurt Cobain na capa. Ele agradou a 18,9% dos leitores, enquanto 19,8% apontaram esta como sendo a nossa melhor edição do ano passado.

CRÍTICA

MELHOR DISCO

Mundo Livre S/A: melhor grupo e revelação

NACIONAL

1. **MUNDO LIVRE S/A** *Samba Esquema Noise*
   RAIMUNDOS *Raimundos* 40
3. CHICO SCIENCE & N. ZUMBI *Da Lama Ao Caos* 27

INTERNACIONAL

1. **R.E.M.** *Monster* 29
2. NIRVANA *Unplugged In New York* 24
3. BEASTIE BOYS *Ill Communication*
   NEIL YOUNG AND CRAZY HORSE *Sleeps With Angels* 19

MELHOR GRUPO

NACIONAL

1. **RAIMUNDOS** 21
2. MUNDO LIVRE S.A 13
3. CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI 12

INTERNACIONAL

1. **ROLLING STONES** 10
2. R.E.M. 9
3. NIRVANA 8

MELHOR MÚSICA

RAIMUNDOS

BECK

MELHOR VOCALISTA

Marisa: melhor voz nacional

NACIONAL

1. **MARISA MONTE** 13
2. T.M MAIA 10
3. RENATO RUSSO 9

INTERNACIONAL

1. **MICHAEL STIPE** (R.E.M.) 10
2. KURT COBAIN (Nirvana) 9
3. MICK JAGGER (Rolling Stones) 7

MELHOR LETRISTA

NACIONAL

1. **FRED 04** (Mundo Livre S/A) 18
2. FALCÃO 13
3. CHICO SCIENCE (Chico Science & Nação Zumbi) 12

INTERNACIONAL

1. **NICK CAVE**
   (Nick Cave And The Bad Seeds) 9
2. MICHAEL STIPE (R.E.M) 8
3. LIZ PHAIR
   CHRIS CORNELL (Soundgarden) 5

MELHOR INSTRUMENTISTA

NACIONAL

1. **IGOR CAVALERA**
   (bateria/Sepultura) 10
2. TIQUINHO (trombone/Professor Antena) 7
3. ARTHUR MAIA (baixo/Gilberto Gil) 6

INTERNACIONAL

1. **PETER BUCK**
   (guitarra/R.E.M.) 13
2. ERIC CLAPTON (guitarra) 11
3. MARK SANDMAN (baixo/Morphine) 9

Buck: o instrumentista escolhido daquele que foi o melhor grupo

REVELAÇÃO

NACIONAL

1. **MUNDO LIVRE S/A** 15
2. O RAPPA 13
3. JORGE CABELEIRA E O DIA EM Q TODOS... 12

INTERNACIONAL

1. **LUCIOUS JACKSON** 15
2. GREEN DAY 14
3. OASIS 12

MELHOR SHOW

RAIMUNDOS

AEROSMITH

MELHOR CAPA

NACIONAL

1. **LULU SANTOS**
   Assim Caminha A Humanidade
   OS PARALAMAS DO SUCESSO
   Severino 12
3. BARÃO VERMELHO *Carne Crua* 10

INTERNACIONAL

1. **PEARL JAM** *Vitalogy*
   R.E.M. *Monster* 10
3. SEAL *Seal* 8

MELHOR CLIP

NACIONAL

1. **CHICO SCIENCE & N. ZUMBI**
   "A Cidade" 17
2. SKANK "É Proibido Fumar" 16
3. RAIMUNDOS "Nega Jurema" 14

INTERNACIONAL

1. **ROLLING STONES**
   "Love Is Strong" 14
2. BEASTIE BOYS "Sabotage" 3
3. R.E.M. "What's The Frequency, Kenneth?" 9

Votaram: CELSO PUCCI, HÉLIO GOMES, ROBERT HALFOUN e SÉRGIO MARTINS (BIZZ); ALEX ANTUNES, ALEXANDRE ROSSI, CLÁUDIA GRECHI e CLÁUDIO CAMPOS (colaboradores/BIZZ); CELSO MASSON (Veja); HUMBERTO FINATTI (Interview); JOSÉ NORBERTO FLESCH (Folha da Tarde, SP); PEDRO SO (O Dia, RJ); ARTHUR G. COUTO DUARTE (O Estado de Minas, MG); ABONICO RICARDO SMITH (Gazeta do Povo, Curitiba, PR); HAGAMENON BRITO (Correio da Bahia, Salvador, BA); DANIEL BENEVIDES (MTV); MAURICIO KUBRUSLY (TV Globo) e ROBERTO MILLER MAIA (FM Brasil 2000, SP).

Será que quando derrubaram o muro de Berlim, os europeus estavam pensando em juntar os jornais pra passar a Folha? Enquanto a tiragem do maior jornal de prestígio da França aos domingos é 300 mil, da Itália 800 mil e de Portugal 137 mil, a tiragem da Folha chega a 1 milhão e 400 mil exemplares. Além de ser maior que todos os jornais da Europa, a Folha é o maior do Hemisfério Sul e o 3º maior das Américas. Para entregar estes jornais, por dia são percorridos mais de 100 mil quilometros. A impressão anual do jornal consome cerca de 100 mil toneladas de papel e mais de 1 milhão de litros de tinta. São numeros como estes que enchem de orgulho nossos funcionarios e que irritam os europeus que podem chamar os brasileiros de qualquer coisa, menos de um povo que não lê.

Pra passar a Folha, os jornais da Europa precisam se unificar.

FOLHA DE S.PAULO

FOLHA

O maior jornal do hemisfério.

O ÓDIO BRANCO ATACA NOVAMENTE

Cinqüenta anos depois da derrota nazista, o sentimento de ódio aos estrangeiros continua atormentando o povo alemão. O preconceito racial nasce principalmente entre os jovens e vem maquiado pela necessidade de ressaltar as qualidades dos arianos e apontar os defeitos de outras raças

Reportagem : Cristina Ruiz e José Leal (Hamburgo)

Há cinqüenta anos o lunático Adolf Hitler tentou montar um império alemão baseado no preconceito, ódio aos estrangeiros e supremacia da raça branca. A história arrasou o sonho de Hitler. Porém, um pequeno grupo de alemães, formado em sua maioria pelos jovens, se recusa a ouvir as lições aprendidas, eles querem retomar os delírios de Hitler

Hoje, o racismo na Alemanha se esconde sob pretensas idéias "nacionalistas". Os neonazistas matam estrangeiros a sangue frio como se isso significasse amor à Pátria. Os veículos de comunicação também não ficaram imunes a essa aula de preconceito Seus programas ressaltam as qualidades dos "anjos loiros" – que para eles significa pureza – e os defeitos das outras raças, supostamente inferiores

Grupos de rock cujas músicas fazem alusões a Hitler aumentaram suas vendas depois que foram

Neonazistas alemães prontos para o crime

reprimidos pela polícia. Mártires ao avesso, essas bandas alimentam o mercado do racismo

AS VELAS SE ACENDEM

Os problemas da "nova" Alemanha surgiram pela primeira vez em 91, um ano depois da queda do Muro de Berlim. Os guetos neonazistas, ilegalmente organizados, colocaram as garras de fora. No dia 9 de abril daquele ano, um grupo de *skinheads* matou num bonde em Dresden (grande cidade da antiga Alemanha Oriental) o jovem moçambicano Jorge Gomanda

Dias depois, também em Dresden, durante as comemorações do aniversário de Hitler, dois mil *skinheads* portando tacos de beisebol, pistolas de gás e facas foram dispersados pela polícia, que deteve dez manifestantes acusados de envolvimento com a morte do moçambicano Gomanda

A escalada dos neonazistas cresce proporcionalmente ao aumento do sentimento nacionalista na Alemanha. Afora os *skinheads*, o dia-a-dia no interior da sociedade alemã já vinha mostrando profundas transformações e acirrando comportamentos nacionalistas depois da reunificação alemã

Nesta época, em curta visita a Dresden, ouvi um rapaz falar na rua, olhando para mim quando eu passava: "não sou racista, mas aqui tem estrangeiro e preto demais!"

O MODERNO E O TRADICIONAL

No interior da sociedade alemã se desenvolvem outras transformações e confrontos. Os grupos de rock, que em sua maioria cantavam músicas em inglês, agora estão cantando em alemão

As rádios voltam sua programação para as músicas folclóricas da Alemanha. Os jovens entram na onda. Em seus cadernos, em vez de letras de músicas estrangeiras, o espaço é ocupado por letras em alemão.

A necessidade de cantar os feitos da Alemanha também fez crescer o número de festivais de músicas regionais ufanistas Como, por exemplo, o Festival Como É Lindo O Norte, realizado na cidade de Kiel. Os compositores que participam do Festival são obrigados a apresentar textos que falem bem do norte da Alemanha

Até aí tudo bem. Ninguém deve censurar um país por recuperar as suas raízes e valorizar a música de sua terra. O problema é quando as pessoas partem para o lado negativo dessa recuperação, transformando loucos em *superstars*.

Os grupos de rock neonazistas têm encontrado um bom espaço junto a produtores de disco. Suas idéias estúpidas são divulgadas em discos vendidos através do correio. O aumento dessas vendas preocupa – e muito – os alemães

Em fevereiro de 93, numa ação efetuada por 500 policiais secretos em 9 dos 16 Estados alemães, foram apreendidos 30 mil LPs, cassetes e CDs de grupos de rock neonazistas. Junto com os discos foi apreendida também grande quantidade de armamento. Os policiais visitaram as casas dos líderes dessas bandas, entre elas as famosas Radikhal e Stöerkraft – a preferida dos neonazistas americanos

Nesta mesma ação foi confiscado uma série de textos originais de música, inclusive uma sob o título "A Nobel Prize For Adolf Hitler", ou seja, "Prêmio Nobel Para Adolf Hitler", um dos sucessos da banda Radikhal (ex-Giftgas, em português "gás venenoso") junto com uma outra favorita em seu repertório, sob o título "Hachkenkreuz" ("Cruz Suástica"), a cruz símbolo do Nazismo.

A indústria fonográfica considera que estas ações policiais contra as bandas de rock neonazistas transformam seus integrantes em heróis. Exemplo claro é o aumento de vendas de CD da banda neonazista Stöerkraft

Os neonazistas clandestinamente recuperam a primeira e segunda estrofes do hino nacional alemão – retiradas pelo governo em 52 –, que proclamava a supremacia alemã. Suas letras dizem: "Alemanha, Alemanha sobre tudo, sobretudo no mundo..."

TUDO AZUL?

Os programas de entrevistas são apresentados por um número cada vez maior de mulheres loiras de olhos azuis Um dos líderes de audiência é o *Boulevard Biolek*, apresentado por Dagmar Bergkhoffen, uma das mais antigas e famosas repórteres de noticiário. Ela também é loira e tem olhos azuis

Dagmar responde de um jeito que insulta todos os limites da inteligência Ela acredita que os editores e diretores de televisão procuram imagens de credibilidade, pureza e suavidade diante da situação de conflito e confusão em que o mundo se encontra Por isso escolhem loiras de olhos azuis, porque simbolizam uma imagem clara.

Em outro canal de televisão de grande audiência, numa entrevista do programa chamado *Gottschalk* – que é o sobrenome do apresentador –, o tenista Boris Becker comunicou o nascimento de sua filha. O apresentador nem perguntou pela saúde da mãe da menina, preferiu indagar se a criança era loira de olhos azuis. Detalhe: a mulher de Becker é negra. O tenista se limitou a dizer que a criança estava bem. Boris Becker, um ariano na total concepção da palavra, está escaldado com esse tipo de manifestação. Um dos motivos de sua saída da Alemanha foram os insultos e ameaças que sua mulher recebia de grupos neonazistas

As manifestações de racismo são tão estúpidas que chega-se ao ponto de perguntar se eles se consideram mesmo uma raça superior. Em outubro do ano

NACIONALISTA QUER CRIAR RAÇA BRASILEIRA

O presidente do Partido Nacional-Socialista Brasileiro (PNSB), Armando Zanine Pereira Júnior, de 65 anos, apóia a atitude dos neonazistas ao expulsar os imigrantes de seus países. Para ele, cada povo deveria permanecer em sua terra natal. Inspirado nos ideais do partido nazista alemão, Zanine criou o PNSB em 85, dissolvido recentemente. Mesmo não possuindo registro no TRE, o partido contava com sede em sete Estados (Rio, São Paulo, Santa Catarina, Paraná, Espírito Santo, Sergipe e Bahia) e tinha cerca de dois mil filiados – a maioria jovens pertencentes ao movimento dos carecas.

Armando Zanine chega a defender o controle de natalidade no Brasil

A maior preocupação de Zanine é acabar com o estigma de que os integrantes de seu grupo são racistas. "Temos pessoas de todas as raças conosco. O importante não é a cor da pele. O importante é ser nacionalista", diz ele

Agora, este carioca torcedor do Flamengo e da Portela, admirador de Hitler, Mussolini e Enéas (ex-candidato do PRONA à Presidência da República nas últimas eleições) está fundando o movimento Força Nacionalista Brasileira. Zanine defende a criação de uma "raça" brasileira, proibição da reprodução de casais que não possam gerar filhos saudáveis e da instituição da pena de morte para "crimes contra a Pátria".

O que o você acha da atitude dos neonazistas alemães de agredirem os imigrantes e formarem bandas de rock que pregam o ódio racial?

Eles estão certos ao agredirem essas pessoas que não têm nada o que fazer na terra dos outros. Em relação ao ódio racial, é diferente Não me meto em assuntos que não se referem ao Brasil. Nosso movimento tem brancos e negros. Raça ariana só existe na Europa

Neste ano será comemorado os 50 anos do final da Segunda Guerra Mundial. O que você tem a dizer sobre as atrocidades cometidas pelos nazistas?

É evidente que houve atrocidades, mas guerra é guerra. A pior coisa que aconteceu para a humanidade surgiu após 45, quando foi criada a ONU (Organização das Nações Unidas) e aprovado os estatutos dos Direitos Humanos Universais Hoje, tudo está nas mãos da ONU Os países não podem defender algum interesse isolado para o seu povo antes de passar pela ONU

Você montou o movimento Força Nacionalista Brasileira. O que pretende com isso?

Queremos criar uma raça brasileira Tenha pessoas de todas as raças e religiões, obrigatoriamente brasileiras

Educação, Saúde, Comunicações seriam estatais. Os interessados nas empresas do governo assinariam um contrato comprometendo-se a não vendê-las para estrangeiros.

A pena de morte seria instituída nos casos de crime contra a Pátria. Por exemplo, para espionagem, venda de documentos secretos aos estrangeiros, brasileiros que se naturalizam e para aqueles que defendem a integração da América por meio do Mercosul

Maioridade: deveria ser alcançada aos 16 anos. Infratores entre 12 e 16 anos cumpriam pena em reformatórios.

Sou a favor de uma religião voltada para Deus, humanidade, natureza e Pátria. O serviço militar e voto seriam obrigatórios.

Imigração: seria proibida. Estrangeiros, somente os turistas.

Faríamos um controle de natalidade: casais que não pudessem gerar filhos sadios para formar a raça brasileira seriam esterilizados. Brasileiros só poderiam ter filhos com brasileiros.

Governo, criaríamos também uma nova forma de governo, baseada na democracia. O presidente seria vitalício, mas o Congresso e os outros cargos do Executivo seriam mudados a cada quatro anos. Os nossos militantes seriam pessoas que se identificam com as idéias passadas pelo Enéas, do PRONA, e de carecas nacionalistas. Aliás, os carecas e o Enéas foram as melhores coisas que surgiram nesses últimos anos no que se refere a Brasil. Somos radicalmente contra o separatismo. Aumentar as fronteiras? Talvez. Diminuir? Nunca. Você pode pensar que somos loucos. Mas loucos são aqueles que não querem enxergar a grandeza do nosso país.

MARCOS FILLIPI

passado, Sting compareceu num programa de televisão apresentando seu novo CD. Depois de interpretar uma canção, o apresentador perguntou se Sting conhece o jogador de futebol alemão Klinsmann – que está jogando na Inglaterra. O cantor disse que sim.

O apresentador indagou se Klinsmann que não fez absolutamente nada na Copa do Mundo – é famoso porque joga bem, ou porque é loiro de olhos azuis. Sting ainda foi educado: insinuou que não entendeu a pergunta e deu a entrevista por encerrada. Para nós, que temos Pelé – o atleta do século –, perguntar sobre um perna de pau como Klinsmann pode ser considerado como ofensa pessoal.

O jogador Leo Manzi foi vítima de insultos racistas

O futebol também espelha ações de discriminações. Nas transmissões de jogos pelo rádio, televisão ou em artigos dos jornais e revistas, a linguagem está marcada pela necessidade de enfatizar com jargões a figura do jogador alemão como "anjo loiro", "o loiro arrasador" "o grande loiro" etc... Quanto aos jogadores estrangeiros, sobretudo negros, a lista carrega outra cor "negro artilheiro", "bomba mulata com alma negra". Ao jogador que não corresponde, o xingamento vem como "negro bastardo".

Alguns jogadores brasileiros já sofreram com a "nova ordem" alemã. Júlio César, zagueiro da seleção brasileira na Copa de 86, foi barrado na porta de uma discoteca em Dortmund, onde joga no time local. Detalhe: uma das cláusulas do contrato do jogador permitia que ele rescindisse seu compromisso com o clube caso sofresse algum tipo de preconceito. As maiores autoridades do local tiveram que pedir desculpas publicamente a Júlio César para que ele não fosse embora.

Outro brasileiro em atividade no futebol alemão, o atacante Leonardo Manzi, denuncia: "Durante uma partida, o público uivava que nem macaco enquanto eu aquecia para entrar na partida".

A ascensão de Hitler e a Segunda Guerra trouxeram apenas problemas para a Alemanha: mortes, o Muro de Berlim e a vergonha de ter cometido um dos maiores massacres que se tem notícia na humanidade – cerca de seis milhões de judeus exterminados em campos de concentração. Mas nem isso, nem a derrota foi suficiente para que os (maus) alemães aprendessem que racismo e preconceito não levam a nada. Que essa lição não custe tão caro como há cinquenta anos. ■

A FARSA DO SINO

Em outubro de 94 os cientistas americanos Charles Murray e Richard Herrnstein, ambos da Universidade de Harvard, EUA, sacudiram a opinião pública mundial quando lançaram o livro The Bell Curve (A Curva Do Sino). A teoria contida na publicação defende que os negros são biologicamente inferiores aos brancos e amarelos. A tese foi discutida amplamente nos principais veículos de imprensa do mundo, inclusive na BIZZ (leia a reportagem "Inteligência Não Tem Cor" na edição 113).

O jornalista Charles Lane, do New York Review Of Books, examinou as tais bases científicas do livro e descobriu que os cientistas manipularam dados e inspiraram-se em trabalhos de pesquisadores financiados por uma fundação racista.

A principal fonte de The Bell Curve é uma publicação escocesa que se dedica exclusivamente a provar a superioridade racial do homem branco. Otto Von Versbuer, cientista racial e mentor do carrasco nazista Josef Mengele, é um dos membros do conselho editorial da revista. O dinheiro que bancou o livro saiu do bolso de um milionário americano que defende que toda população negra dos EUA deve ser deportada para a África.

Revelada a fraude, caiu por terra mais uma tentativa, mesmo que manipulada, de legitimar o racismo. ROBERT HALFOUN

O que passa pela cabeça desses "animais" nazistas

POR LEÃO SERVA *

Para muita gente tem sido incríveis as manifestações de violência nazista na Alemanha, que se tornaram ainda mais brutais desde a reunificação do país a partir de 1989. Para outras pessoas, no entanto, essas manifestações animais de jovens vândalos não são mais do que pontas de um iceberg que seus radares já detectavam há um tempão.

Esses mais antenados são especialmente os estrangeiros que há muitos anos vivem dentro da Alemanha, expostos cotidianamente ao racismo quiçenho de muitos alemães, ou alemães antinazistas que já vinham acusando o crescimento desses movimentos irracionais.

No final da Segunda Guerra, quando a ditadura nazista (a palavra era a abreviação de "nacional socialismo", a doutrina do ditador Adolf Hitler) foi massacrada por uma coligação de forças liderada pelos Estados Unidos e Inglaterra, capitalistas, e pela União Soviética, comunista, o que restou da Alemanha foi dividido em dois lados: um, o maior, a leste, ficou sob controle dos Estados Unidos, Inglaterra e França; cerca de um quarto do país, a oeste, foi dominado pelos russos, que foram os principais responsáveis pela vitória aliada na guerra e primeiros a chegar à capital, Berlim.

Os russos, depois de alguns anos de domínio, decidiram manter o país de Hitler sob seu controle perpétuo e estabeleceram um regime comunista no pedaço oriental do país. Desde os anos 50, os dois lados viraram países independentes e depois inimigos (embora habitados pelo mesmo povo alemão). O lado comunista viveu sob a pobreza típica desses regimes fechados enquanto o lado capitalista, em grande medida se beneficiando de grandes investimentos americanos, enriquecia a grande velocidade, até se tornar a maior economia da Europa e terceira do mundo, atrás dos EUA e do Japão.

Enquanto crescia a economia do país, mais e mais os alemães ocidentais iam ganhando dinheiro, se aburguesando, e deixando de aceitar empregos básicos e mal pagos. Esses empregos eram destinados a imigrantes do mundo todo. Estrangeiros querendo morar na Alemanha, além de muito trabalho, se beneficiavam também de uma lei, feita logo depois do nazismo, como um pedido de desculpas pelo racismo, que assegurava asilo político a qualquer pessoa que se dissesse perseguida em sua terra.

O país chegou a receber cerca de 500 mil estrangeiros por ano. Se você pensar nas manifestações racistas que uma comunidade de 30 mil brasileiros já provocou no simpático Portugal, imagine 500 mil estrangeiros POR ANO, em um país de tradição racista.

Com o empobrecimento e queda de praticamente todos os regimes comunistas da Europa em 1989, a falida "Alemanha comunista" foi anexada ao lado Ocidental, um dos países mais ricos do mundo. Isso abriu aos olhos dos ocidentais os segredos

Funeral de um imigrante morto por nazistas

O nazismo nunca deixou de existir. Crescia quieto, esperando a reunificação da Alemanha para colocar suas garras de fora

do país comunista. Entre eles, o de que havia uma geração de jovens alemães que tem mais nazistas do que se podia imaginar numa ditadura comunista (as duas ideologias são, cada uma, o que há de mais radical à esquerda e à direita).

Ao mesmo tempo, a riqueza da Alemanha Ocidental, maior potência européia, tem sido pouca para pagar os custos da "unificação" (ou anexação, ou compra, ou que nome se queira dar). Isso gerou uma crise econômica como nunca a Alemanha (capitalista) tinha vivido desde o final da Segunda Guerra. Essa crise gerou desemprego. As grandes hordas de desempregados têm sido um terreno fértil para o discurso dos nazistas que acusam estrangeiros dos problemas nacionais. Antes da Segunda Guerra, eram judeus (seis milhões foram mortos em campos de extermínio no conflito). Agora, são os turcos e outros estrangeiros.

Um músico brasileiro pobre foi espancado até perder os movimentos dos dedos no metrô. A casa de uma família turca foi incendiada, matando mulheres e crianças. Uma hospedaria que servia de abrigo a asilados vietnamitas foi atacada com bombas. Um moçambicano foi morto. De noite, nas ruas, hordas de neonazistas agridem estrangeiros. Tudo igual ao que faziam antes da guerra com os judeus.

Todos os fatos, ainda que se possa tratar como uma coincidência, mostram que o discurso nazista só estava crescendo quieto, esperando o fim do comunismo e a unificação para reaparecer. Por que só depois da anexação da Alemanha Oriental? Porque, se manifestações de nazistas tivessem ocorrido antes, a Rússia não teria permitido a unificação dos dois países. O país de Stalin foi o que mais sofreu a guerra, perdendo cerca de 25 milhões de habitantes no conflito. Eles dominavam a Alemanha comunista. Poderiam ter vetado a reunificação. Não o fizeram porque não parecia que tão rápido os nazistas poriam as manguinhas de fora.

Ao mesmo tempo, o governo de direita de Helmut Kohl, que lidera a Alemanha, antes e depois da união, colaborou bastante com o crescimento dos nazistas. Ele nunca reprimiu com a violência necessária os atos bárbaros enquanto não conseguiu fazer passar no Parlamento uma lei contra a imigração. Ou seja, para muitos alemães, ficou a idéia de que a lei só passou graças à força dos nazistas. Isso influiu ainda mais a popularidade deles.

Uma medida de quanto a repressão poderia ter sido importante é a Inglaterra. Ali, quando os nazistas marcaram a primeira manifestação, para coincidir com as que eram feitas na Alemanha, partidos de esquerda convocaram seus militantes para ir à rua (a ponte de Waterloo). Antes que os nazistas descessem o cacete em algum negro ou indiano (seus prediletos na Inglaterra), os militantes de esquerda acabaram no pau com sua festinha. Desde então o Partido Nacional Britânico (a extrema direita local) tem sido bem mais tímido do que seus primos germânicos.

* Leão Serva, 35, é jornalista, autor de *A Batalha De Sarajevo* (Ed. Scritta), e diretor-executivo de Redação do *Jornal Da Tarde* (São Paulo).

VOLTANDO PELA CONTRA MÃO

Eddie Vedder e o Pearl Jam resolveram tomar um chá de sumiço logo quando *Vitalogy*, terceiro disco do grupo, chegava às lojas de todo planeta. Mas mesmo longe da MTV, dos jornais e das revistas especializadas, a banda ainda é a mais popular dos Estados Unidos. José Emilio Rondeau explica as reviravoltas dessa história.

Em 95 o Pearl Jam – a banda de rock mais popular do mundo – resolveu tomar um chá de sumiço e virou a "Banda Invisível". Sem clips na MTV, sem turnê sequer à vista, com espaço na imprensa reduzido a um mínimo irrisório – só duas entrevistas, dadas por Eddie Vedder ao *Los Angeles Times* e à *Spin* –, na passagem do ano o Pearl Jam demonstrou uma popularidade e uma fidelidade de público incomparáveis, ao se impor simplesmente através da música contida em seu novo álbum, *Vitalogy*.

Apoiado exclusivamente na execução maciça de todo o disco (e não de uma única faixa de trabalho) nas rádios americanas, sem o empuxo de uma campanha de marketing agressiva (sequer perceptível), o Pearl Jam optou pela contra-mão ao deixar que apenas os sons da banda – e não a imagem, verdadeira ou arquitetada – vendessem o peixe de *Vitalogy*. E como venderam..

Quando chegou às lojas americanas *Vitalogy* trombou com um concorrente pesopesado, *Live At The BBC*, "apenas" o primeiro disco novo dos Beatles desde 77. Mesmo assim, atropelou fácil o rival, vendendo 150% a mais logo em seu primeiro dia nas prateleiras: 250 mil cópias de *Vitalogy*, contra 100 mil de *Live At The BBC*.

A primeira semana de vendas de *Vitalogy* não quebrou o recorde do Pearl Jam, estabelecido em 93 com 950 mil cópias de *Vs.* vendidas em sete dias (pouco abaixo do campeão de todos os tempos, a trilha de *O Guarda-Costas*, que foi comprada por um milhão de pessoas em uma única semana de 92). Mas ficou longe de fazer feio e ninguém reclamou da vendagem de 870 mil cópias.

Isso depois da versão em vinil de *Vitalogy* – lançada uma semana antes do CD – ter penetrado na lista de best-sellers da *Billboard* em 55º lugar graças à venda de 35 mil cópias, a primeira vez que uma bolacha preta se dá tão bem desde que o CD virou o formato predominante.

A ausência do Pearl Jam dos palcos não é acidental. Trata-se de uma consequência natural da luta que vem sendo travada na Justiça entre a banda e a Ticketmaster. O Pearl Jam quer "quebrar o monopólio" da firma, a líder na distribuição de ingressos para shows nos Estados Unidos, obrigando-a a baixar as taxas de serviço cobradas do público, esperando tornar seus shows acessíveis ao maior número de fãs pelo ingresso mais barato possível. Enquanto não se resolver essa questão – que tramita no Departamento de Justiça americano e que a revista *Musician* considera "revolucionária" – o PJ garante que não fará shows nos Estados Unidos.

Já o marketing através do anti-marketing é uma outra história. Pelo dito nas entrevistas recentes de Eddie Vedder, ficar invisível – ou, pelo menos, aparecer muitíssimo pouco – é um ato consciente, proposital, uma estratégia de carreira.

"Me emputece", disse Eddie à *Spin*, "quando começo a ver a foto de uma pessoa em toda parte, numa capa (*de revista*) ou em anúncios na TV. Começo a odiar aquela pessoa. Por isso entendo muito bem quando alguém desce o malho (*no Pearl Jam*) porque tantos bundões estão usando uma camiseta da banda. Quando alguém diz que 'antigamente eles significavam alguma coisa, mas agora não', eu entendo essa mentalidade. Mas é terrível virar um alvo."

Sob muitos aspectos, o Pearl Jam virou o alvo a que Vedder se refere: impostores grunge, megaestrelas *mainstream* se enfeitando com as penas dos outros, Golias posando de Davi – de tudo isso o Pearl Jam já foi acusado. Parte da culpa é da posição de destaque, liderança e prestígio no universo pop atingida pela banda em tão pouco tempo, fato surpreendente até para a banda.

O próprio Eddie Vedder não esperava que mais de 40 mil pessoas comprassem o primeiro disco do PJ. No entanto, foram vendidas 8 milhões de cópias de *Ten*. Daí para a capa da revista *Time*, encabeçando uma matéria sobre os "new faces pais" nomes da (então) nova geração do rock, foi um pulo do anonimato ao hiperestrelato praticamente em segundos; de descoberta apreciada por poucos à figurinha superexposta e merecedora do proverbial malho coletivo. Não é surpresa ver hoje na lista dos Melhores de 94 da revista *Spin* o Pearl Jam eleito, simultaneamente, "Banda do Ano" e "Banda Mais Superestimada". "Hoje", ele disse à *Spin*, "acho que somos a banda que todo mundo odeia".

Com a fama, veio a lupa da imprensa e do público, dissecando minuciosamente as letras e os mecanismos da cabeça e do coração de Eddie, de longe a personalidade mais frágil – e a mais tá na frente – de toda a banda. Cada ato artístico passou a ganhar contornos (exagerados) de epifania. Cada "cagada" virava tragédia, escândalo ou prova de complacência. Foi quando Vedder ganhou a reputação de "Madalena arrependida" do rock, a de um jovem músico riquíssimo e privilegiadíssimo, mas sofrendo com "os problemas causados pelo sucesso".

"Quero esclarecer isso", disse Eddie a Robert Hilburn, do *Los Angeles Times*. "Não é difícil ser um astro de rock. Se você quiser sair por aí comendo meninhas e tomando toda a grana da garotada, porque ela gosta da sua banda e topa pagar o que for por uma camiseta (com sua cara estampada), aí é fácil. Este é o jogo. O difícil é não fazer esse jogo, é tentar tratar todas as pessoas com justiça e respeito."

Foto Lance Mercer

A briga com a Ticketmaster seria parte desse rompimento com "o jogo". "Se você for ver os Rolling Stones", disse Eddie, "o ingresso vai custar 55 dólares e nisso está incluída uma taxa de serviço que varia entre três e seis dólares. Mas nosso ingresso custava originalmente 18 dólares e meio e com as taxas passou para 24 dólares. Isso não é certo. Tudo que eu quero é que as pessoas possam ver nossos shows. É extremamente importante que eles sejam acessíveis a todo mundo que queira assisti-los."

"Além disso, quando você começa a cobrar 50 dólares por ingresso, de repente você está mudando o seu público. É algo que me apavora, tocar somente para gente que possa gastar 50 dólares num ingresso."

Como reconheceu o R.E.M. – que, após ter apoiado publicamente o PJ, anunciou que utilizaria o "sistema vigente" para a turnê *Monster* –, a Ticketmaster é um mal necessário. A única forma viável, a essa altura, de se vender ingressos nos Estados Unidos fora do esquemão Ticketmaster é recorrer ao método antigo de "loteria" pelo correio, expediente intrincado prestes a ser utilizado pelo grupo. Tolice ou demagogia, o fato é que esse ato desafiador é interpretado por muitos como uma prova de respeito aos fãs.

Por outro lado, a natureza corrosiva e radical de *Vitalogy* alienou uma porrada de gente que se esbaldava com "Even Flow" e "Jeremy" e que hoje está torcendo o nariz para o novo disco. Seriam esses os verdadeiros fãs ou os cordeirinhos que seguem a tendência "da moda", que torcem para o time campeão? Na verdade, *Vitalogy* é um disco que testa a paciência e a lealdade do que virá a constituir o "verdadeiro fã", e essa peneira servirá para reposicionar essa situação em bases mais realistas (coitada da Epic, vai arrancar os cabelos se – e quando – essa mudança acontecer).

Ao mesmo tempo, mais exatamente no primeiro fim-de-semana de janeiro, o Pearl Jam promoveu uma faxina geral em sua imagem pública, protagonizando uma maratona de três horas e meia numa rede de rádios americanas. Operando dentro do formato mais independente possível, a banda comandou um programa histórico.

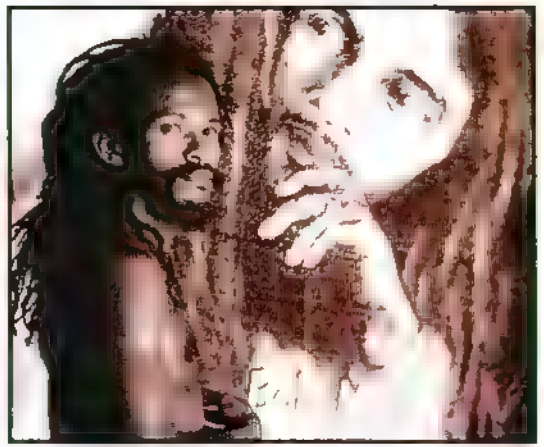
Foto Lance Mercer

"Não é difícil ser um astro de rock. Se você quiser sair por aí comendo meninhas e tomando a grana da garotada é fácil. O duro é não fazer esse jogo", Eddie Vedder

Ao vivo, direto de um trailer estacionado ao lado de uma casa em Seattle, os integrantes da banda apresentaram um programa variado, tocando seus discos favoritos, conversaram por telefone com os fãs, cederam espaço a shows de seus amigos – tocaram na casa, ultra-informalmente, integrantes de grupos como Soundgarden, Mudhoney, Fastbacks e, em primeiríssima mão, Mad Season, a nova banda de Layne Staley, ex-vocalista do Alice in Chains – antes do PJ, em pessoa, pegar nos instrumentos e fazer versões cruas e poderosíssimas de faixas antigas e novíssimas.

Essa profissão de fé no *ethos indie* pegou muito bem. Mostrou o grupo com os pés no chão, "na garagem", de volta às origens. Reabilitou, por assim dizer, as credenciais da banda. Acertadamente, Eddie aproveitou um momento do programa para rebater as acusações de "vendidos" com um argumento cristalino: "Se estivéssemos vendendo muito mal", disse, "e mudássemos de som, de roupa e de cabelo para vender mais, aí tudo bem. Mas sempre fomos o que somos. Não mudamos para fazer sucesso". Dito isso, Vedder tocou um *single* do Shudder To Think. ■

REGGAE KARMÁTICO



Longe dos grandes centros, irmã geográfica e cultural das ilhas do Caribe, São Luís Do Maranhão recria no Brasil os primórdios da identidade jamaicana

por Otávio Rodrigues • fotos: Christian Knepper

A cabeça em Steven Spielberg, em *Jurassic Park*. Dinossauros, diplodocos, raptores, pterodáctilos. Vida só aparentemente extinta, fossilizada numa pedra de âmbar, renascendo a partir de uma gota de sangue recolhida num ancestral do mosquito, reconstrução da cadeia de DNA.

A cabeça na Jamaica. *Lovers rock*, *rock steady*, *roots reggae*... Música só aparentemente extinta, eternizada em bolacha de vinil, renascendo a partir de um sumgue encontrado num ancestral do Shabba Ranks, reconstrução das BPM .

Em outras palavras, desde 75 São Luís do Maranhão vive um filme igualzinho ao que passava na Jamaica de vinte, 25 anos atrás. Não, não há ninguém querendo voltar para a África, apesar da ascendência *black* da galera. Trancinhas também são raras, coisa de intelectual. Sequer há discursos sobre o fumo, pelo menos não mais do que é comum em qualquer outra cidade do país. E a luta contra a opressão, as aspirações de uma sociedade mais justa e igualitária, essas ideias que Bob Marley e seus amigos espalham no planeta, nem isso repercute no movimento reggae do Maranhão, apesar da pindaíba daqui ser irmã gêmea da pindaíba de lá.

O fato é que nossos caboclos tomaram gosto pela batida, pela marcação e arranjos comuns a reggaes lançados há muito tempo, alguns até antes de Bob Marley ser conhecido fora da rua em que morava. Para completar esse *ba-ba-boom-ba-meu-boi*, os sucessos da massa em São Luís são propagados também à moda jamaicana, com sistemas de som tão ambulantes quanto poderosos, similares na atitude e no aspecto com aqueles que fizeram o reggae arregaçar o Caribe antes de ganhar o mundo.

Como é que os maranhenses, mesmo sem possuir qualquer informação a respeito, passaram a reproduzir a cena reggae de uma Jamaica que não existe mais? Por que São Luís e não Belém ou Fortaleza? Por que só aquela batida, aquela marcação?

As ruas de São Luís? Qualquer semelhança com a Jamaica...

Back to the past

São Luís tem um karma com o passado. Toda cidade tem sua memória, seus monumentos, mas a Ilha do Amor – como é chamada – não se dá conta de como e quanto cultua o que já foi e às vezes até o que já era. No centro da cidade a arquitetura é colonial, sobradões seculares, fachadas de azulejo português. Nos bairros a levada é sessentista, casas escondidas por muros altos, varandinhas com muretas de gesso imitando os arcos do Palácio da Alvorada. Prafrentex.

Os ídolos do Maranhão são os mesmos da Jamaica há 15 anos. Como Peter Tosh (no cartaz).

Os DJs maranhenses invadem a Jamaica e Inglaterra mesmo sem dizer um "ai" em inglês para comprar discos de reggae

A MPM (ora, se não: música popular maranhense) mantém casos antigos com merengues, xotinhos e luaradas, curte Paulinho Pedra Azul, Beto Guedes, Geraldo Azevedo. É anos 70 à beça. O endereço da burguesadinha é uma *discotheque* com piso piscante, mesas e poltroninhas, e ainda tem quem chega e sai cantando pneu, uns até em segunda. Coisa de gente fina.

Mas arquitetura colonial, murão alto, MPM e *discotheque*, tudo isso é cultura para os bacanas de São Luís. Diversão boa e barata para a massa que vive na ilha, é curtir o bom e velho reggae. Mas o reggae tem que ser dos antigos, é claro, para não fugir à regra.

Em busca do santo graal

Foi meio sem querer, num ermo de 76, que a epidemia começou. O "radioleiro" Riba Macedo, hoje com 41 anos, é o elo perdido: "Eu já gostava de reggae, tinha ouvido algumas coisas de Jimmy Cliff, e numa viagem a Belém, no mercado Ver-o-Peso, encontrei uns discos numa banca de usados e comecei a tocar.

Naquela época, as radiolas tinham apenas duas caixas acústicas, eram sistemas bem simples, e mal haviam conquistado a tecnologia dos *tape-decks* e sua mágica da reprodução. Até então, os radioleiros animavam festas nos bairros tocando boleros, serestas e alguns merengues. Reggae nem pensar.

Riba costumava aparecer na festa dos outros com seus discos na sacola e vez por outra conseguia rolar alguma coisa, mesmo a contragosto da maioria. "O Nestabulo (*disc-jockey que na época trabalhava para o radioleiro Carne Seca*) falava, 'larga esse negócio de reggae, isso é música de arrastal...' Para mim estava claro que ia chegar um tempo em que radiola que não tocasse reggae não ia conseguir contrato, ia mofar em casa."

A teimosia profética de Riba Macedo começou ainda no tempo dos amplificadores valvulados. Hoje, a coisa é bem diferente, as radiolas são gigantescas, superpotentes, construídas para derrubar a concorrência e faturar muita grana.

Os programas de rádio surgiram, proliferaram, redimensionaram todo o enredo. Até shows internacionais já batem em São Luís, alguns com exclusividade, como os de Gregory Isaacs (91) e Eric Donaldson e Jimmy London (quem?), em dezembro. E pelo menos uma banda local, a Tribo de Jah, já é conhecida nacionalmente.

Os DJs e radioleiros há muito deixaram de comprar discos em Belém, Rio ou São Paulo, lançando-se em contusas aventuras internacionais em busca do santo graal da pedra perdida. O lendário Serralheiro, dono da radiola Voz De Ouro Canarinho, já foi inúmeras vezes à Jamaica e a Inglaterra sem dizer um "ai" em inglês, a exemplo de nove entre dez colegas de profissão. Sua estratégia é um gravador portátil e uma fita cassete contendo todas as frases que ele precisa para chegar, sobreviver e voltar com a mala cheia de discos. É só parar na frente do cidadão e apertar o play: "Please, I want a taxi", "I want to buy reggae records" e outras igualmente objetivas.

Na Jamaica, por exemplo, os maranhenses já são tão conhecidos em algumas lojas de discos quanto o eram por aqui no começo dos anos 80 (a Baratos Afins, em São Paulo, e a Modern Sound, no Rio, alimentaram durante um bom tempo a sanha dos devoradores de reggae). Em Kingston, para enfrentar o mau humor dos lojistas de cabelos raspados e atitude *raggamuffin*, caras que não têm saco para atender brasileiros esquisitos e de gosto ultrapassado, nossos heróis conquistaram o chamado direito de consignação. Funciona assim: você desce na Jamaica com uma vitrolinha portátil embaixo do braço, vai na loja (lá atrás, no depósito, que é onde ficam as velharias, os refugos, os ratos e baratas), recolhe uns 500 ou 600 compactos, põe tudo numa caixa, leva para o seu quarto de hotel, ouve um por um na sua vitrolinha, escolhe as pedras e no dia seguinte devolve o que não serve, paga só pelo que levar.

Carlos Benedito Rodrigues da Silva, 44 anos, chefe do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Maranhão, rodou clubes e terreiros de reggae, comunidades negras

Mesmo que um regueiro reserva a situação, a mulherada não deixa de dançar agarradinho.

Há alguns anos, os bailes no Maranhão têm o mesmo clima da Jamaica: som marcado, para a galera dançar agarradinho

pertenas e palafitas, buscando material para sua tese de mestrado. O trabalho rendeu um livro, *Da Terra Das Primaveras À Ilha Do Amor: Reggae, Lazer E Identidade Cultural* (Editora Universitaria-UFMA). Carlos é um cara de opinião: "O reggae explodiu em São Luis primeiro por causa de uma procedencia cultural, etnica: Africa, Jamaica, Brasil, populações semelhantes, pandade ritmica. E muita gente na Baixada (*regiao litoranea a oeste de São Luis*) sempre sintonizou emissoras do Caribe, sempre ouviu merengue e ritmos que genericamente chamam de lambada. Quando o reggae chegou no Maranhão, o terreno ja estava preparado"

Outra: no Maranhão, como em todo o Nordeste, festa boa é de dançar junto. Ate o começo dos anos 80, o barato das pistas em São Luis era a seresta, o bolerão de Lindomar Castilho, Altemar Dutra etc. O reggae marcadinho aos poucos entrou nas caixas acusticas, mostrou que era bom para dançar, até que bateu.

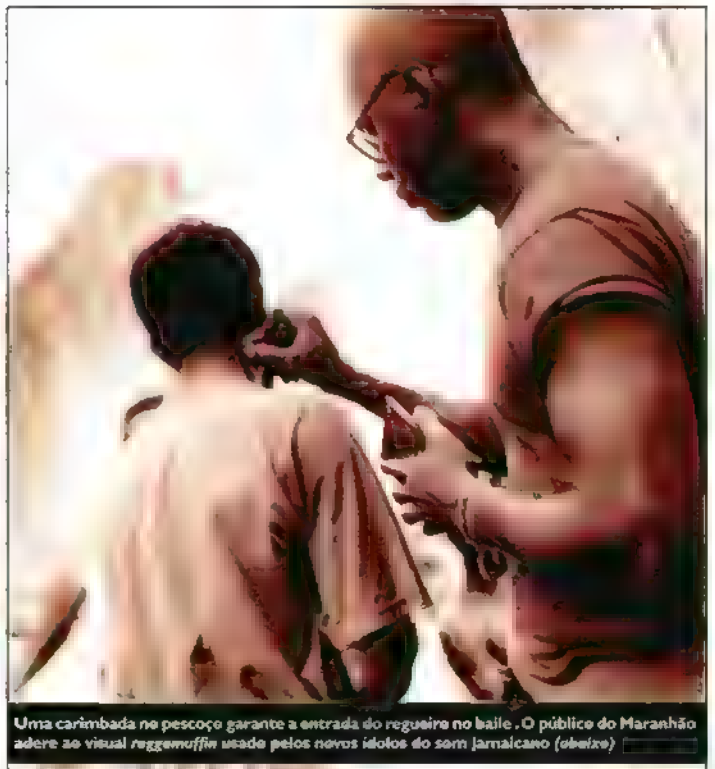
O professor Carlos Benedito vai mais longe: "No Maranhão as pessoas não aprenderam a ouvir e dançar no ritmo. Os proprios profissionais do ramo – DJs, radioleiros, comunicadores – não estão envolvidos com movimentos sociais, não tem formação nem informação politica, e isso dificulta uma expansão do reggae num sentido mais cultural"

Na Jamaica tambem ja se dançou agarradinho, hábito que ficou para tras. No Maranhão esta parecido: mais e mais o reggae ganha velocidade, forçando a rapaziada a dançar separado. Ha outras similaridades surpreendentes.

Uma das caracteristicas do reggae, herança da musica africana, é o glissando. Significa que a entase de uma determinada composição está no inicio, na abertura. Diferente do rock e outras levadas ocidentais, no reggae o orgasmo vem primeiro (pesquise os discos que voce tem em casa). Por isso que em shows de reggae costuma-se parar tudo e recomeçar a musica, pelo impacto do vamos fazer isto de novo.

E o Maranhão com isso? Prova de que as coisas não precisam ser aprendidas com o cérebro, mas tambem com o coração, com o corpo, com a alma, os maranhenses costumam gravar o começo das musicas uma, duas e ate três vezes antes de deixar o bonde andando.

Tem muito mais. O unico terreiro da nação etiope Ashanti, onde fica? Em São Luis. As cores do Sampaio Correa, quais são? Vermelho, amarelo e verde. A Jamaica é uma ilha, São Luis tambem. E até dirigindo os maranhenses sem querer imitam os jamaicanos: ultrapassagem só pela direita, como se a mão fosse inglesa. *Hé-hem* ■



Uma carimbada no pescoço garante a entrada do regueiro no baile. O público do Maranhão adere ao visual *reggamuffin* usado pelos novos ídolos do som jamaicano *(abaixo)*

A vizinhança de muitas bandas de garagem do Brasil ficou mais tranqüila. Essas bandas agora estão a caminho da fama, tirando seu talento da garagem e chegando ao final do Skol Garage Band. **Aguarde em breve a divulgação das 12 finalistas e a data do grande show de encerramento,** previsto para março. Skol Garage Band. A vizinhança agradeceu e grandes bandas vão rolar.

A VIZINHANÇA AGRADECEU.

Raul Seixas

Do vinho para a água

O tempo foi irônico com o maior roqueiro do Brasil. Mais de cinco anos depois de sua morte, a imagem e a obra de Raul Seixas sofreram mutações surpreendentes. Homenageado por sertanejos, transformado em enredo de escola de samba ou elevado à condição de guru, Raulzito não é mais o mesmo

Por Helio Gomes

Nunca houve alguem como Raul Santos Seixas na historia da musica brasileira. Roqueiro legitimo - saira 1945, como Eric Clapton -, o baiano escreveu uma historia única, sempre marcada pelo inconformismo.

Raul chamou a atenção pela primeira vez em 72, no 7º Festival Internacional da Canção. Posando de rebelde, o cantor defendeu "Let Me Sing, Let Me Sing", um *crossover* de rock n roll e baião que assustou os desavisados com sua força. Era a sua segunda tentativa de alcançar o sucesso – dois anos antes, Raulzito e os Panteras lançaram um LP homônimo anulado pela explosão da Tropicália, uma invenção de outros baianos.

Em 73, com "Ouro De Tolo" e o seu LP de estreia, *Sociedade Da Grã-Ordem Kavernista Apresenta Sessão Das 10*, o Brasil aprendeu a conviver com um maluco que insistia em enfiar seu dedo nas feridas expostas do país.

O estrago estava feito: Raul transformou-se num visionário capaz de criar novas sociedades (ao lado de seu parceiro Paulo Coelho) em meio às confusões vividas então no país. Apanhou dos militares, apaixonou-se pelo álcool e as drogas, aventurou-se pelos Estados Unidos, foi corroído por seus vícios.

Apesar de manter o questionamento como palavra de ordem em sua obra, Raul sempre foi um artista dividido entre o público popular e o dos guetos formados à sua volta. Sylvio Passos, presidente do *Fã-Clube Oficial Raul Seixas* e especie de assessor pessoal do cantor de 81 a 89, lembra do conformismo de Raul diante da incompreensão de seu trabalho: "Depois de fazer um show para uma platéia de 10 mil pessoas, ele costumava dizer que era frustrante tocar para tanta gente e só ser entendido por dois ou tres".

Essa frustração acabou refletida em sua obra. Nos anos 80, Raul abaixou o tom de suas polêmicas e experimentou novamente o gosto do ostracismo – exceção seja feita ao brilhante álbum *Metrô Linha 743*, o único lançado pela Som Livre.

Depois, em 89, veio o encontro com Marcelo Nova e o último suspiro de genialidade registrado no disco *A Panela Do Diabo* e na turnê de sessenta shows pelo Brasil. O ex-líder do camisa De Vênus lembra da imagem de Raul no final da sua vida: "não importa em que parte do Brasil estivessemos éramos o porra-louca do Marcelo Nova e o 'cachaceiro' do Raul.

Paralelos e Meridianos nunca tocaram em Brasília, antes do último show da dupla. Seis dias depois, Raul estava morto.

Uma nova fase

As cinco horas do dia 21 de agosto de 89 tinha início uma nova fase na carreira de Raul Seixas. Num quarto de hotel do centro de São Paulo, o compositor sofria uma parada cardíaca fulminante, e, logo após a sua morte, ganhava o status de "gênio injustiçado" da MPB.

Rendendo homenagens nunca vistas enquanto Raul estava vivo, a mídia logo se encarregou de transformar a figura repugnante do cantor numa especie de guru excêntrico, algo como um Salvador Dalí da música brasileira.

A partir daí, esse processo de "redefinição" da imagem e dos conceitos emitidos por Raul ao longo de sua carreira apenas intensificou-se. E muito.

Tudo era motivo para se usar o nome do cantor. A avalanche de tributos e afins começou com *O Início, O Fim E O Meio* (álbum lançado em 92 pela Sony) que misturava admiradores sinceros e oportunistas em torno da obra de Raul. Depois, vieram livros, coletaneas, discos ao vivo... *(veja quadro a proxima pagina)*

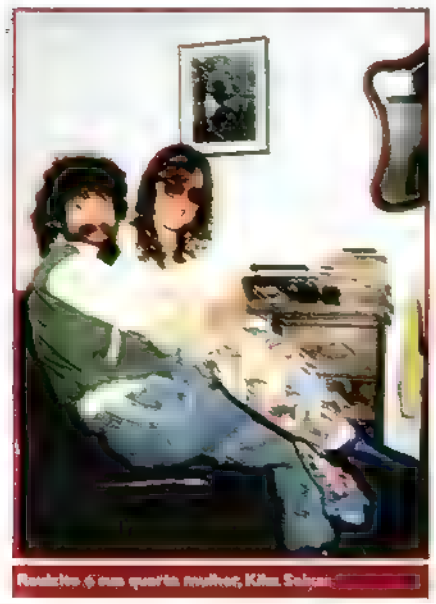
Apesar da boa intenção de vários desses lançamentos – como a recém-editada caixa de quatro CDs *Raul* e o álbum ao vivo *Se O Rádio Não Toca*. *(leia texto a seguir)* –, a situação parece ter fugido do controle, culminando com a criação da tão falada idolatria ao cantor. Uma das maiores provas da metamorfose sofrida pela obra de Raul nos últimos anos teve como pano de fundo a tela da toda-poderosa Rede Globo.

Reunidos no horário nobre da TV, sertanejos, pagodeiros e tantos outros prestaram seu tributo ao velho roqueiro maldito, o mesmo que um dia sentiu o gosto amargo do desprezo da mídia.

"Depois que o Raul morreu, as pessoas resolveram me eleger o seu herdeiro. Cansei de ser chamado para homenagens e shows em que eu seria o mestre-de-cerimônias. Nunca participei de coisas desse tipo", diz Marcelo Nova, ou como dizia Raulzito, o Marceleza.

Já Angela Maria Seixas, a Kika, quarta mulher do cantor e mãe de uma de suas três filhas, não gostou nem um pouco do especial apresentado pela Globo: "o especial foi péssimo, mas eu não pude impedir que ele fosse feito. Mas pelo menos algumas coisas eu consegui vetar, como um disco de axé-music com músicas do Raul".

Como se não bastasse o especial exibido pela Globo, agora é comum ouvir teses e mais teses sobre os fundamentos esotéricos da obra do roqueiro e até mesmo assistir ao nascimento de uma pseudo-religião que adotou como nome uma das autodefinições de Raulzito: "Minha linha é o raulseixismo", dizia Raul. Difícil de engolir, não?



Raulzito é um quarto mulher, Kika Seixas.

Sylvio Passos, fã número um de Raul, posa com o violão do ídolo.

Foto: Paulo Pavão

Em ritmo de carnaval

Fevereiro de 95. Mais um capítulo da história do mito Raul Seixas é escrito. Agora em ritmo de samba.

Pegando de surpresa qualquer conhecedor da obra do cantor, a escola de samba paulistana Mocidade Alegre resolveu transformar a trajetória de Raul em enredo, batizado "Do Rock Ao Samba Todo Mundo Maluco Beleza".

Dois meses antes do carnaval, em meio à confusão armada no barracão da escola, o carnavalesco Guilherme Rezende explicou à BIZZ a intenção da Mocidade Alegre ao levar Raul para a avenida. "Estamos fazendo uma homenagem ao mago da MPB, um ser iluminado, abordando seu lado metamórfico, espiritual e irreverente. Queremos homenagear alguém que não foi homenageado durante sua vida, fazendo uma ópera ambulante de 60 minutos".

Se os *covers* aprovaram a história, algumas das pessoas mais chegadas a Raul mantiveram suas reservas.

"Eu não entendo muito bem qual é a ligação do Raul com um escola de samba. Passei um carnaval com ele e me lembro de que ele preferiu ficar trancado em casa por quatro dias, ouvindo Elvis Presley", diz um atônito Marcelo Nova. "Não dá pra entender como o cerne da obra do cara, o questionamento de tudo e de todos, acabou perdido em algum ponto", completa.

Já Kika Seixas, que no começo de janeiro trocou farpas com a direção da escola nos jornais, prefere manter-se longe do assunto. "Tenho minhas reservas. O que posso dizer é que o Raul não gostava de carnaval. Mas o que importa é que ele continue a criar polêmicas", diz a ex-mulher do cantor.

Aparentemente, o único dos companheiros de Raul a encarar o caso de forma mais positiva é Sylvio Passos. "Homenagem é homenagem. Mas entre o especial da Globo e a escola de samba prefiro a segunda", diz Passos, que colaborou na pesquisa feita pela Mocidade.

O estranhamento causado pela transformação da trajetória de Raul em enredo de escola de samba motivou reações negativas das duas tribos envolvidas. "No começo, nem os sambistas nem os roqueiros entenderam o espírito da coisa, mas agora está tudo bem. Prova disso é a presença de vários *covers* do Raul no desfile. Tivemos até mesmo que fazer uma ala só para eles", diz Guilherme.

Na quadra da Mocidade, Raul traduzido para o idioma do samba.

Foto: Paulo Pavão

NOVIDADES DO BAÚ DO RAUL

Dois novos lançamentos de Raul Seixas chegam para aumentar ainda mais a extensa discografia do cantor. O primeiro é o ao vivo SE O RÁDIO NÃO TOCA. *(Eldorado), que registra um show realizado em Brasília em 74.*

Produzido por Sylvio Passos – que recebeu a gravação original das mãos de Raul –, o disco traz o cantor em seu apogeu, ao lado de uma banda respeitável e inspiradíssima.

Prova disso é o discurso de quase três minutos em que Raulzito narra as aventuras que viveu ao gravar seu primeiro disco. "Em 71, fui expulso da CBS por causa do disco", tudo porque Raul gastou 23 milhões de cruzeiros na produção.

Já a caixa de quatro CDs RAUL *(PolyGram/Visom) traz sobretudo o material gravado por Raul na PolyGram – ou seja, as canções de Krig-Ha Bandolo, Gita, Novo Aeon e Há Dez Mil Anos Atrás. Contudo, graças a uma iniciativa de Marcelo Nova – o responsável pela compilação –, foram incluídas canções do catálogo da Warner, Sony, Eldorado e Som Livre.*

O resultado é quase perfeito. Com a inclusão de gravações de quase todas as fases de Raul, a caixa ganha consistência e maior valor. Mas não espere encontrar material inédito – a intenção é claramente fazer um greatest hits melhorado.

O único porém da caixa é a falta de informações. Tudo bem, o texto de Marcelo narrando sua experiência ao lado de Raul é muito bom, mas o que custava informar coisas básicas como os músicos que tocam em cada faixa ou o álbum em que cada uma delas estava originalmente? Não deu para entender. H.G.

Sentado sobre seu famoso bau, em sua casa paulistana, Raul pose para a BIZZ em 87

Domingo a noite, quadra da Mocidade Alegre ensaio para o desfile no sambodromo paulistano. Em meio aos tradicionais sambistas da escola, alguns poucos roqueiros e os notórios sosias de Raul Seixas comemoram a escolha do cantor como personagem do enredo para o carnaval 95

Um deles é Marcello Francescato, fã do cantor há dezessete anos e um dos tocadores de surdo da bateria da Mocidade. "Não sou *cover* mas o meu negócio é o rock", diz segurando um enorme surdo, onde um desenho de seu ídolo vestido de mago chama a atenção

"Não dá pra prever nada a dois meses do desfile, mas se o publico entrar no espirito pode ser que a escola leve o título", diz o carnavalesco Guilherme Rezende, sem conseguir esconder sua confiança no enredo

O clima na quadra da Mocidade era de festa. Sobre um palco aparentemente fragil, os puxadores do samba-enredo sobre Raul Seixas soltam suas vozes: "Ficou com certeza, maluco beleza/ Pois cobra com aranha é que dá pé (...)/ E hoje, na Mocidade e poesia/ Boa Viagem! No seu disco voador

Não é facil encontrar um ponto de congruencia entre o maior roqueiro do Brasil e a paisagem vista na quadra da Mocidade. Apenas uma faixa com os dizeres "Maluco Beleza" – devidamente patrocinada por uma marca de gel para os cabelos – remete ao cantor

Ironias do destino

Não por acaso, o cenário descrito acima pode ser interpretado como um reflexo da atual situação vivida pelo maior roqueiro brasileiro

Ironicamente, Raul Seixas acabou transformando-se em muito daquilo que execrava – imagine só se ele visse a tal faixa na quadra da Mocidade!

Assim como sua fragilidade física enfraqueceu seus dons artisticos, hoje sua obra e sua imagem correm o risco de serem contaminadas pelo virus da mesmice.

Só nos resta torcer para que "Sociedade Alternativa" não acabe virando trilha sonora para um comercial de TV. Se até mesmo os Beatles passaram por isso, e justamente com a panfletária "Revolution", o que poderá acontecer com a canção de Raulzito? ■

O LEGADO DE RAUL SEIXAS

A discografia a seguir compreende todos os álbuns lançados no mercado brasileiro com gravações de Raul Seixas. Os discos foram produzidos por oito gravadoras, e alguns deles encontram-se fora de catálogo.

DISCOS OFICIAIS

- *Raulzito E Os Panteras* - 68
- *Sociedade Da Grã-Ordem Kavernista Apresenta Sessão Das Dez* - 71
- *Os 24 Maiores Sucessos Da Era Do Rock* - 73
- *Krig-Ha Bandolo* - 73
- *Gita* - 74
- *20 Anos Do Rock* - 75
- *Novo Aeon* - 75
- *Há Dez Mil Anos Atras* - 76
- *Raul Rock Seixas* - 77
- *O Dia Em Que A Terra Parou* - 77
- *Mata Virgem* - 78
- *Por Quem Os Sinos Dobram* - 79
- *Abre-Te Sésamo* - 80
- *Raul Seixas* - 83
- *Ao Vivo Único E Exclusivo* - 84
- *Metrô Linha 743* - 84
- *Let Me Sing My Rock'N'Roll* - 85
- *Raul Rock Volume II* - 86
- *Uah-Bap-Lu-Bap-Lah-Bein-Bum!* - 87
- *A Pedra Do Gênesis* - 88
- *A Panela Do Diabo* - 89

DISCOS POSTUMOS

- *Eu, Raul Seixas* - 91
- *O Baú Do Raul* - 92
- *Raul Seixas Vivo* - 93
- *Se O Rádio Não Toca...* - 94

COLETÂNEAS

- *O Melhor De Raul Seixas* - 81
- *A Arte De Raul Seixas* - 82
- *O Segredo Do Universo* - 83
- *O Pacote Fechado De Raul Seixas* - 83
- *Grandes Sucessos De Raul Seixas* - 83
- *Raul Rock Volume I* - 85
- *Caminhos* - 86
- *Caroço De Manga* - 87
- *Metamorfose Ambulante* - 88
- *Maluco Beleza* - 90
- *Personalidade* - 90
- *As Profecias* - 91
- *Maluco Beleza* - 93
- *Geração Pop* - 94
- *Raul* (caixa com quatro CDs) - 95

TODO MUNDO OUVE
EU A JOVEM PAN

LANÇAMENTOS

FOLK NO JARDIM DAS DELÍCIAS

TOM PETTY

Warner ○ N

Wildflowers

Tom Petty é um dos melhores representantes do rock americano tradicional. Os fãs de The Byrds e música folk em geral se animam quando esse guitarrista loiro e de voz anasalada empunha uma guitarra Rickenbacker – que em *Wildflowers* foi trocada pela Fender Telecaster. Tom Petty e a sua banda, The Heartbreakers, serviram de apoio para Bob Dylan durante a turnê do cantor, em 86, e ganhou um disco tributo – *You Got Lucky* – onde vários grupos *underground* dissecaram a sua carreira. A Petty só faltava mesmo um disco que mostrasse sua categoria. Em *Wildflowers*, o problema foi resolvido de vez.

O disco é bem melhor que *Full Moon Fever* (89), primeiro trabalho solo do guitarrista. Não que as canções do disco anterior de Petty fossem fracas. Pelo contrário, chega a ser uma heresia chamar clássicos como "Free Fallin'" de babas. A diferença principal entre os dois discos – e que transforma este novo trabalho numa pequena obra-prima – está no trabalho de produção. Em *Full Moon Fever* dava para sentir as interferências do produtor Jeff Lynne (ex-The Eletric Light Orchestra), mecendo *backing vocals* onde não devia ou empapuçando as guitarras com *chorus* – o que as deixou com aspecto datado se ouvidas hoje em dia. A produção de *Wildflowers* ficou a cargo de Petty, do guitarrista e fiel escudeiro Mike Campbell e de Rick Rubin (Red Hot Chili Peppers, Slayer e Mick Jagger). Rubin preferiu não interferir nos arranjos, realçando o lado acústico de Petty, chamando uma orquestra – regida por Michael Kamen, arranjador que trabalhou com Eric Clapton e com o Aerosmith.

Mas todo o trabalho de Rubin não surtiria efeito se as músicas não fossem legais. E que músicas! Há espaço para tudo: sessões acústicas com influências de Bob Dylan – como na faixa "You Don't Know How It Feels", com Petty na gaita e no refrão esperto: "Deixe-me chegar ao ponto/Vamos enrolar outro baseado".

"To Find A Friend" é um cruzamento entre Dylan e os Beatles – com a presença de Ringo Starr na bateria. Outros destaques: "Only A Broken Heart", com *mellotron* no fundo e a *slide guitar* com pedal *wah wah* tocada por Mike Campbell em "Time To Move On". A parte mais pesada de *Wildflowers* também não fica atrás: Petty faz rocks clássicos como "Honey Bee", "Cabin Down Below" e "You Wreck Me".

Uma aula de rock americano da melhor qualidade. SÉRGIO MARTINS ★★★★

LANÇAMENTOS

AMOR PELO ROCK'N'ROLL

The Black Crowes: sem a velha comparação com os Rolling Sto

THE BLACK CROWES

American/Warner — N

Amorica

Na melhor tradição tempestuosa das parcerias do rock n'roll, os irmãos Chris e Rich Robinson quase detonaram sua banda durante as gravações de *Amorica*. Para deixar as coisas ainda mais confusas, a banda enfiou o pé no ópio, como revelam os dois corvos no encarte e o desenho do CD. Mas tudo bem, se você é um fã do poderoso rock'n'roll do grupo, pode ficar tranquilo: está tudo OK.

Amorica é um disco difícil – olha o chavão! –, um daqueles que demoram um pouco até convencer, mas quando conseguem... O que se ouve em suas onze faixas é de um peso surpreendente, com *slide guitars* e *wah wahs* no talo. Os momentos mais brilhantes ficam por conta da faixa de abertura, "Gone", e a forte candidata a hit, "A Conspiracy". Aliás, boas canções não faltam: "Ballad In Urgency", "Wiser Time", "Downtown Money Waster" e "Nonfiction" são apenas algumas. E pode esquecer a velha comparação com os Rolling Stones. A personalidade dos Black Crowes nunca esteve tão clara. *Hélio Gomes*

1 Mais um dos Titãs se arrisca em um trabalho solo

O lado pop de Miklos

PAULO MIKLOS

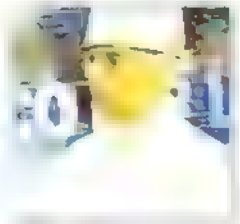
Warner — N

Paulo Miklos

Aqui não tem nada da escatologia de *Tudo Ao Mesmo Tempo Agora* e *Titanomaquia* (os discos anteriores dos Titãs) ou a pauleira bem humorada do Kleyderman – o trabalho solo de Sérgio Britto e Branco Mello. Paulo Miklos optou por um trabalho semi-acústico, cheio de canções influenciadas por MPB – sobretudo a chamada vanguarda paulista – e folk music.

Auxiliado por James Muller (bateria), Emerson Villani (guitarra) e Nandinho (baixo), Miklos, em pouco mais de meia hora, despeja um punhado de boas canções, extremamente despretensiosas e com uma bela veia pop.

Apontar um destaque no disco é difícil. Pessoalmente não gosto de "Aquela Praça", uma declaração de amor a São Paulo, que se transformou no primeiro clip do disco. Paulo se sai melhor em "Ele Vai Se Vender", com sua letra que lembra o inconformismo de *Cabeça Dinossauro* ou na balada "Todos Os Motivos". Outro bom momento é "Aos 500 Surfistas Rodoviários Mortos", com seus toques de música caribenha. *Sérgio Martins*



PET SHOP BOYS

EMI-Odeon — I

Disco 2

Este é o segundo álbum com remixes dos maiores sucessos dos Pet Shop Boys. Imagine como poderiam ficar seus hits após terem passado pelas mãos de nove dos melhores DJs e remixadores do Reino Unido. Gente como David Morales, Farley & Heller, Jam & Spoon, Brothers In Rhythm e outros. Se você pensou que o resultado deve ter ficado "fantástico", acertou em cheio.

São doze das músicas mais recentes deles, que foram remexidas pelo batalhão acima e co-produzidas pelos próprios Pet Shop Boys.

Um disco didático, que demonstra passo a passo como se faz *dance music* com qualidade. Compre e agradeça a Deus por nos enviar coisas como esta. *Lourival C.S. Junior*

Oau! Oba! Epa! Ops! Arghl — CD — Vinil — Cassete — N Nacional — I Importado

SUEDE

Nude/PolyGram — N

Dog Man Star

A "maior promessa" do rock inglês, o Suede – agora rebatizado nos Estados Unidos como The London Suede – acaba de sucumbir à fragilidade musical com este segundo álbum.

Nada em *Dog Man Star* se compara à beleza e ao frescor que o grupo exalava nos seus primeiros singles, como "Where The Pigs Don't Fly" e "My Insatiable One", ambos com evidente inspiração nos trabalhos da dobradinha David Bowie/Morrissey.

Em seu aclamado álbum de estréia, o grupo já tentava mimetizar a si próprio. Mas agora, o caldo entornou de vez. A estética baseada na ambiguidade sexual e comportamental ainda permanece. Na capa, há um homem – seria homossexual, hetero ou bi? – nu, de bruços. E na faixa "Introducing The Band" o vocalista Brett Anderson já proclama, com aquele seu indefectível falsete: "Eu quero o estilo de uma mulher/Eu quero o beijo de um homem".

No entanto, o disco no geral acaba sendo soterrado por um punhado de baladas lamentosas e intermináveis, além de oferecer alguns momentos de constrangimento como há muito não se ouvia na música pop.

Um bom exemplo disso: o total desperdício de uma orquestra sinfônica, um recurso que consegue tornar intragáveis os arranjos de algumas composições terrivelmente *kitsch* como "The Power" e "Still Life".

Em meio à toda decepção causada por este *Dog Man Star*, salvam-se poucas coisas. Como a beleza melódica de "We Are The Pigs" e o *power pop* de "New Generation". Boa também é a lisergia sessentista que envolve a música "The Asphalt World".

Porém, tais exceções acabam sendo pouca coisa para um segundo álbum tão aguardado como este. Que acaba conseguindo queimar o filme do excelente guitarrista Bernard Butler, que talvez por este disco tenha abandonado o quarteto inglês, tendo sido substituído pelo garotão Richard Oakes. *Humberto Finatti*

Rosa Tatooada aposta no hard rock lanque

CHIMARRÃO REQUENTADO

ROSA TATTOOADA

Paradoxx — N

Devotion

VARIOS

Artifício — N

Chá Das Quatro

O que se vê no som da galera do sul, não é nem falta de qualidade dos músicos, nem das músicas. É mais grave: falta personalidade.

Reflita: o que vale mais? Ser cópia terceiro mundista de nomes consagrados do cenário internacional (e não sair do ponto de partida) ou buscar o inusitado, influências novas e fazer parte do tal time? Alguns exemplos (e você sabe quais são) escolheram a segunda opção e se deram bem.

Nada contra a boa reciclagem. O que chama a atenção é que Mr. Paapoo, Quintos Do Inferno, Pura Sangre, Acústicos & Valvulados (esse é um caso à parte) – da coletânea *Chá Dos Quatro* – e o Rosa Tatooada em seu álbum, buscam estilos diferentes, mas nenhum deles preza pela criatividade. O rock setentista com pitadas de funk é legal, mas falta o "algo mais". O Acústicos & Valvulados investe no rockabilly, busca timidamente sonoridades diferentes e se destaca do resto. O Mr. Paapoo até usa tamborins em "Aos Pés Do Ouvidor", seu melhor momento. Mas o CD é regular.

O Rosa Tatooada aposta no hard americano e, como todos os brazucas que usam este filão, também fica devendo. *Robert Halfoun*

LEILA PINHEIRO

EMI-Odeon — N

Isso É Bossa Nova

Durante vários anos, a Bossa Nova ficou sendo considerada como o estilo musical da juventude brasileira por excelência.

Hoje, sem hipocrisia pode-se afirmar que a música eletrônica pela mesma nada é esse horror brega de Tleandros e Lucianos, o sambão e mais o nauseante som afro-baiano.

É o indicador insofismável de que nosso gosto médio despenca em queda livre desde a ressaca pós-tropicalista.

Leila vem percorrendo a trilha que a MPB abandonou. Largou mão feito um Macunaíma que – sob a égide da auto-indulgência de suas fraquezas – deixa tudo de lado e preguiçosamente se recosta em berço esplêndido.

Este é o melhor álbum dela e raramente MPB será presenteada com uma coleção de canções tão delicadas e bem cantadas. Leila é uma intérprete de primeira linha, soberba, diligente, uma verdadeira exceção em meio à essa patuscada geral. É sua música e um incentivo para quem se tortura em viver num mundo que se desmancha a olhos vistos. *Rene Ferri*

LANÇAMENTOS

mainstream talentoso

O quarteto vocal que prefere as baladas: nos primeiros postos da parada americana

BOYZ II MEN

Motown/PolyGram

II

O quarteto Boyz II Men merece respeito: eles cantam demais e desbancaram Elvis Presley na parada da *Billboard* através de uma balada: "End Of The Road"

Isso não quer dizer que o grupo venha com algum tipo de som revolucionário. *II* está entre os discos mais vendidos na parada americana, sendo que aqui os quatro conseguiram deixar novamente a sua marca com uma outra balada: "I'll Make Love To You"

O disco não é nada além de um apanhado de baladas "mela-cueca", boas para serem tocadas em sessões de amasso nos bailes de *charm*. Há até uma cover de "Yesterday", dos Beatles.

Nada que possa lembrar as incursões dos Temptations pelo psicodelismo ("Cloud Nine", "Psychedelic Shack") ou o genial romantismo de Marvin Gaye e de Stevie Wonder. São só boas músicas cantadas por garotos talentosos. Se é a sua praia, divirta-se. SÉRGIO MARTINS

ALCEU VALENÇA

BMG-Ariola

Maracatus, Batuques E Ladeiras

Que fim levou Raimundo Fagner? Por onde anda Belchior? Não é por nada não, mas da tal "geração nordestina" que surgiu nos anos 70, o único "sobrevivente" digno ainda é o velho e arretado Alceu Valença – com uma possível exceção para o cabra para-bano Zé Ramalho.

Aqui, ele apresenta pouco além do que já fazia há vinte anos, no álbum *Molhado De Suor*. Ou seja, detonar os ritmos regionais em pique de rock'n'roll. Talvez esteja aí o segredo de sua longevidade: sempre se renovar em cima da mesma coisa, numa linhagem que vai dos Rolling Stones a Luiz Gonzaga, passando por Ramones e Raimundos. Quem duvidar que escute o trovador pernambucano entoando "Amor Que Vai", "Dia De Cão", "Pétalas" ou a dobradinha Embolada/"Pra Clarear". CELSO PUCCI

MERGULHO NO JAZZ

VÁRIOS

Atlantic/Warner

Burning For Buddy – A Tribute To The Music Of Buddy Rich

Há um ano corria um boato pelas "bocas quentes": o baterista do Rush – Neil Peart – lançaria um disco solo. Os amantes da banda entraram em êxtase esperando um trabalho na linha do trio canadense. Espertinhos que preferem falar mal de tudo e acham o Fugazi "a maior banda do mundo" fizeram piadas. Surge então o tal disco e Neil surpreende a todos: *Burning For Buddy*... é jazz puro, do começo ao fim. As músicas do compositor americano circulam entre *big bands*, *be bop*, jazz tradicional e até dão uma passadinha rápida pelo *fusion* – no pior momento do disco. Embora organizado e produzido por Peart, o baterista só assume as baquetas em "Cotton Tail". No resto do álbum, conta com feras como Bill Bruford (Yes, King Crimson), Omar Hakim (Weather Report, Sting), Steve Ferrone (Eric Clapton, Chaka Khan), Billy Cobham (Miles Davis, Mahavishnu Orchestra), entre outros. ROBERT MALFOUN

O baterista do Rush abandona o som progressivo e cai no jazz

DAVE STEWART

Arista/BMG-Ariola

Greetings From The Gutter

Um trabalho que remete ao ex-grupo do tecladista/guitarrista (Eurhythmics), apenas com o detalhe de não contar com os vocais de sua antiga parceira, a oxigenada Annie Lennox. Mas a fórmula é conhecida: bateria tecno aliada a um baixo marcado e dançante, com boas intervenções de guitarra. O pecado é quando Stewart começa a cantar. A intenção seria atingir o carisma de um David Bowie ou a eloquência de um Iggy Pop, mas o resultado passa longe disso. Mas nem tudo está perdido. "Heart Of Stone" e "Damien Save Me" se salvam neste disco, com contribuições de Mick Jagger e de Lou Reed. MARCELO WYSOCKI

DIE TOTEN HOSEN

Virgin/EMI-Odeon

Love, Peace & Money

Estes alemães são conhecidos pelo álbum *English Lesson Volume One*, tributo às principais bandas punk (Ramones, Sex Pistols, Damned etc.). *Love, Peace & Money* reúne canções do grupo em mais de dez anos de carreira, vertidas para o inglês. A intenção é que qualquer um fora da Alemanha tenha uma ideia sobre o que eles falam. O que dá para notar é que as letras têm ironia e sarcasmo. Seja quando eles falam sobre o futuro ("Year 2000"), abordam o amor ("All For The Sake Of Love – Lovesong") ou discutem o patriotismo ("My Land"). Mas o som não oferece muito mais do que um rock básico e repetitivo. JEFERSON DE SOUSA

LAURIE ANDERSON

Warner

Bright Red/Tightrope

A musa multimídia da vanguarda nova-iorquina dos anos 80 apronta mais uma: grava um disco que não deveria ter saído dos palcos performáticos. Minimalista ao extremo, ela continua com as experimentações começadas mais com palavras do que com ritmos. Na faixa-título, só nos teclados, ela e Arto Lindsay criam um martírio musical ao "declamar" a letra da música (poema?). Único alívio: a faixa "In Our Sleep" com vocal de Lou Reed. Mas é muito pouco entre treze faixas insuportáveis. Mesmo produzida por Brian Eno (também nos teclados), ela anda para trás e se consagra como "mala-cabeça". CLAUDIA GRECHI

PAI DO ROCK
INSTRUMENTOS MUSICAIS
NOVOS E USADOS
(nacionais e importados)
VENDA • TROCA • CONSIGNAÇÃO
ATENDEMOS TODO O BRASIL
PROMOÇÃO POR TEMPO INDETERMINADO
TUDO EM DUAS VEZES SEM JUROS OU 4 PAGTOS SEM ENTRADA
APROVAMOS SEU CRÉDITO POR TELEFONE
RUA TEODORO SAMPAIO, 865 - PINHEIROS
CEP 05405-050 - SÃO PAULO - SP
TELS.: (011) 883-6779 / 851-1651

SONG BOOKS
MÉTODOS E VÍDEO-AULAS
IMPORTADOS E NACIONAIS.
ATENDEMOS TODO O BRASIL
RUA TEODORO SAMPAIO,785
SAO PAULO - SP
TEL/FAX (011) 853-4690

SWEET JANE
ROCK RECORDS
CD - CDSINGLE
AS ÚLTIMAS NOVIDADES EM ROCK ALTERNATIVO, HARD, PROGRESSIVOS, TRILHAS SONORAS, GUITAR BANDS TRANCE-AMBIENT ETC ..
CD - IMPORTADO/NACIONAL
ENVIAMOS VIA CORREIO PARA TODO BRASIL
AV. PAULISTA, 726
LOJAS 9/10 SÃO PAULO-SP - CEP: 01310-100
FONE: (011) 288-4847

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

Entretenimento

SET: Cinema e Vídeo
BIZZ: Rock, Pop e Comportamento
CONTIGO!: TV, Gente e Atualidades
INTERVIEW: Entrevistas e Reportagens
AÇÃO GAMES: O Mundo dos Videogames

Esportivas

FLUIR: Surf
GRID: Automobilismo e Velocidade

Femininas

UAU!: Ídolos da Juventude
CARÍCIA: Comportamento Adolescente
BOA FORMA: Beleza, Fitness e Saúde
HORÓSCOPO: Horóscopo e Previsões

Interesse Geral

OS CAMINHOS DA TERRA: Viagem Natureza e Ecologia
SAÚDE É VITAL!: Prevenção e Saúde

Arquitetura e Decoração

A&D: Arte e Design

Guias e Anuários

VIAGEM E TURISMO
HORÓSCOPO ANUAL
GUIA DE VÍDEO

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5777 - CEP 5479-900 - Tel.: (011) 815-7866 - Fax: (011) 813-3115 - São Paulo - SP
Rio de Janeiro: Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20020-080 - Tel.: (021) 532-0313 - Fax: (021) 532-1485 - Cx. 48.15

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasília: Espaço Com. Int. e Consult. Ltda. - SDS Ed. Venâncio, III - sala 202 - CEP 70300 - Brasília - DF - Tel.: (061) 223-2134 - Fax: (061) 226-3644
Campinas, CZ Press - Com. e Representações Ltda. - Rua Antônio Cesarino, 967 - CEP 13015-291 - Campinas/SP - Tel./Fax: (0192) 32-7975
Minas Gerais: M.A.M. Publicidade e Repres. Ltda. - Rua Timbiras, 1550 - sala 1904 - Ed. City Center - CEP 30140 - Belo Horizonte, MG - Tel. e Fax: (031) 224-9534
Paraná: M.L.C. - Representações Comerciais - R. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604 - Bloco B - CEP 80530-905 - Curitiba/PR - Tel.: (041) 253-4048 - Fax: 041) 252-2844
Rio de Janeiro: Segmento Editora S/C Ltda. - Av. Marechal Câmara, 160 - 9º andar - sala 929 - CEP 20020-080 - Telefax: (021) 220-3762
Rio Grande do Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502 - cj. 206 - CEP 90060 - Porto Alegre/RS - Tel./Fax: (051) 223-9528
Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 9 - Cond. Village II - Florianópolis/SC - Tel.: (048) 232-0519

BRYAN FERRY

Virgin/EMI-Odeon

Mamouna

Um álbum em que Ferry satisfaz plenamente os fãs de seus discos dos anos 80: *Boys And Girls* e *Bete Noire*. É da aquela munição de costume aos seus detratores: continua o romântico doce/amargo de sempre, um deus triste no Olimpo da melancolia e da dor-de-cotovelo.

Mas, nas internas, *Mamouna* também é um acerto de contas: a primeira colaboração entre o Bryan (Ferry) e o Brian (Eno) desde 73 – ano em que o vocalista botou o "bruxo dos sintetizadores" para fora do Roxy Music, para dar um tom cada vez mais contido ao grupo.

Considerando a presença do guitarrista Phil Manzanera e do saxofonista Andy Mackay, este disco é um cruzamento no tempo, uma conexão entre o primeiro Roxy Music – do álbum de estreia (71) e de *For Your Pleasure* (73) – e o último, de *Avalon* (82). E também demonstra, retrospectivamente, que Ferry sabia o que fazia. Esgotada toda a histeria concertual de Eno, em duas décadas de produções e provocações (do desmantelamento dos Talking Heads ao engodo da *ambient music*), seus triquetriques eletrônicos vêm descansar a cabecinha confortavelmente nas baladas e no *soft funk* do negotável Ferry, dando o devido toque *avant*.

Como disse o excluído Eno, em 73, "Ferry é o Sinatra do rock" – e está onde sempre esteve. A ofensa acabou virando elogio. Posto isso, ouça "Don't Want To Know", e chore. De amor ou de raiva. *Alex Antunes*

PHISH

Elektra/Warner

Hoist

Eis os responsáveis pela demência de *hackers*, *nerds* e esquisitos em geral que têm contato com eles via fone (*phish hotline*), correio (*phish mailing list*) e computador (*infophishnet*). Este é o quinto álbum deles, produzido por Paul Fox (10.000 Maniacs, XTC). Folk, jazz e *bluegrass* revisitados em clima de *jam session* ("Demand", "Julius"). "If I Could", irônica balada brejeira, é seguida por "Riker's Mailbox", com Jonathan Frakes (o comandante Riker de *Star Trek: The Next Generation*) em um solo de trombone curto e bizarro. *Luis A. Pecora*

TRILHA SONORA

VÁRIOS

Chaos/Columbia

The Mask

Parte do sucesso de *O Máskara* se deve a sua trilha, pontuada por salsas e sons *calientes* dignos da personalidade *soleroso* da figura central. O ator Jim Carrey comparece com duas versões de "Cuban Pete", uma delas remixada pelo C+C Music Factory. A outra, superior, foi refeita por Eddie Arkin.

Infelizmente, o alto astral desta música não contagiou o conjunto, dominado por neo *big bands* de pouca inspiração, como The Brian Setzer Orchestra (longe vão os dias dos Stray Cats), latinidades convencionais (Domino, Royal Crown Revue) e babas de contrato (Tony Toni Toné e Vanessa Williams). Há até um funk fuleiro de Harry Connick Jr.! O melhor do disco acaba sendo o encarte, com algumas das cenas do filme recriadas em HQ. *Christian Petermann*

GAROTAS, "GORÓ" & UM GALÃ GROGUE

Johnny Deep & Shane: rock e birita para dois

SHANE MacGOWAN AND THE POPES

ZTT

The Snake

Hic! Hic!... Um rosário de paixões etílicas. Uma boa definição para o primeiro álbum – que não é solo – da nova banda do ex-*frontman* da agremiação musical de bebaços The Pogues. Ele tinha saído do grupo há quatro anos e, a partir daí, a imagem que se tinha dele era de um Shane a acordar todo dia de ressaca na sarjeta, com um cachorro a lamber sua boca.

Mas engana-se também quem pensa que ele se tornou abstêmio ou entrou numa associação de alcoólatras anônimos. Na melhor tradição irlandesa, o cara ainda entorna todas, mas agora de maneira sutil, para não embaçar a inspiração.

Isso fica claro em *The Snake*, onde rock n'roll e rhythm'n'blues se amalgamam com baladas e melodias tradicionais celtas. Desde o porre de gim que dá a tônica de "That Woman's Got Me Drinking" – single e clip, com "ponta" do *bad boy* Johnny Deep na guitarra. É, o astro de Hollywood também se tornou um assíduo companheiro de copo de MacGowan. E mais: Shane quebra tudo em "I'll Be Your Handbag", "A Mexican Funeral In Paris", "Aisling" e na versão de "Her Father Didn't Like Me Anyway", de Gerry Rafferty (ex-líder dos Stealers Wheel). Um "cobra" a destilar seu veneno musical. *Celso Pucci*

STEREOLAB

Elektra

Mars Audiac Quintet

Naquele cenário repleto de mesmices que se transformou o rock inglês, eis uma boa opção. O Stereolab tem um estilo pessoal, fundindo elementos conhecidos, como vocais femininos etéreos – típicos do pós-punk britânico –, um certo sabor *indie* e várias camadas de teclados. Em contraponto à simplicidade dos arranjos (guitarras antigas, pandeiros, órgão e moog), os caras conseguiram o máximo de sofisticação através dos estúdios atuais. Neste disco, eles criam texturas climáticas e experimentais, que ora fazem melodias pop, ora tendem aos mantras hipnóticos e espaciais. *Sergio Barbo*

RONNY JORDAN

Island

Bad Brothers

Se o hip hop foi ao jazz, o jazz também pode ir ao hip hop. O guitarrista inglês Ronny Jordan resolveu trilhar este caminho inverso. Então chamou DJ Krush, um japonês que não diz uma palavra em inglês. No estúdio, porém, falaram a mesma língua e o resultado não poderia ser melhor. A técnica apurada de Jordan encaixou-se bem aos *scratches* e *samples* de Krush em músicas como "Shit Goes Down" e "So What" de Miles Davis. Sorte de Ronny, que apesar de cultuado pelo *rapper* Guru, não foi tão bem em trabalhos anteriores exatamente pela falta de brilho na seção rítmica. *Edgard Reitmann*

CAPITÃO GRISTEIRO

Viva a música instrumental brasileira! Tem para todos os gostos, de todas as cores e formatos também. Prova disso é a [illegible] lançamentos do estilo ocorrida nos últimos meses. O melhor ficou por conta de **NANÁ VASCONCELOS** e o feliz encontro entre o **DUOFEL** e **BADAL ROY**. Com uma carreira brilhante, Naná prova seu talento em **Contando Estórias – Storytelling** (Velas). Sozinho na maior parte do tempo – e auxiliado por Peter Scherer (Ambitious Lovers) em momentos certeiros –, o percussionista nos convida a partilhar momentos de pura introspecção 😃 Já **Espelho Das Águas – Ao Vivo** (Velas), registra o bom encontro dos violonistas Fernando Meio e Luiz Bueno com o tablista Badal Roy (ex-Miles Davis e Mahavishnu Orchestra, entre tantos outros). O resultado – que rolou pela primeira vez no Free Jazz Festival de 93 – é o melhor disco instrumental de 94. Um álbum direto, muitíssimo bem gravado e sincero 😃 E o mesmo pode-se dizer de **Bem Dito** (Camerati), nova bolacha do trombonista **BOCATO**, um dos mais talentosos solistas brasileiros. A música é jazz alucinado, entremeado por influências nítidas de Frank Zappa – há espaço até para uma versão da "Balada Do Louco", clássico de Rita Lee/Arnaldo Baptista 😃 Mudando de assunto, **PAULO LEPETIT** – o baixista que participa da banda de Itamar Assumpção há dez anos – vem estrear com o pé direito no disco **Le Petit Comitê** (selo Baratos Afins).

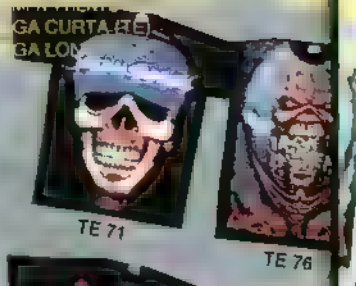
Contando com a ajuda de Grigante Brazyl (ex-Gang 90 e Marisa Monte), Edgard Scandurra (Ira!) e Bocato, Petit detona seu jazz com cheiro de Brasil 😃 Deixando de lado as palavras do poeta Chico Buarque, o quinteto **AQUILO DEL NISSO** dedicou um álbum à sua música. **Chico Buarque Instrumental** (Visom) apresenta catorze clássicos do compositor revisitados pelos talentosos jazzistas. Um disco para fãs de ambos 😃 De Niterói, vem o guitarrista **ALEX MARTINHO** com o seu álbum homônimo (Niterói Discos). O músico se enveredа pelo delicado terreno que foi descoberto por Eddie Van Halen, depois explorado a fundo por Yngwie Malmsteen e Joe Satriani, ou seja, a guitarra baseada nos malabarismos técnicos. Alex, criado segundo as influências daquela escola dos institutos de música americanos, acaba soando muito mais consequência do que origem 😃 Por fim, há o projeto **MAGNO BISSOLI E ENSEMBLE BRASILEIRO**, liderado pelo baterista Bissoli. Segundo o músico, **Bissamblazz** (lançado pelo próprio selo do baterista) resume a união de inúmeros sotaques musicais latinos com temas do jazz americano. Com as composições do baterista e do seu guitarrista, Alexandre Mihanovich, o disco consegue [illegible] fãs do som instrumental 😃

Naná volta a brilhar com *Storytelling*

Hélio Gomes

GRAVADORAS INDEPENDENTES ■ **Antídoto** – Fone/Fax: (051) 224-4888, Porto Alegre (RS) ■ **Baratos Afins** – Fone/Fax: (011) 223-3629, São Paulo (SP) ■ **Camerati** – Fone/Fax: (011) 444-2459, Santo André (SP) ■ **Magno Bissoli** – Fone: (011) 67-7788, São Paulo (SP) ■ **Paradoxx** – Fone/Fax: (011) 67-7788, São Paulo (SP) ■ **Velas** – Fone/Fax: (011) 942-95-2, São Paulo (SP) ■ **Visom** – Fone: (021) 285-3396, Rio de Janeiro (RJ)

GA CURTA (TE)
GA LON


TE 71 TE 76

TE 72 TE 65

TE 67 TE 49

TE 39 TE 43

671 FRENTE 677

PREÇOS

MANGA CURTA	MC)	R$ 12.00
MANGA LONGA	ML)	R$ 15.00
ESPECIAL M CURTA	(TE)	R$ 18.00
ESPECIAL M LONGA	(LTE)	R$ 22.00

RECEBA PELO CORREIO - PAGUE AO RETIRAR
PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES
FONE: (011) 299-7478

Stamp Rock Wear

MALHA MERCERIZADA

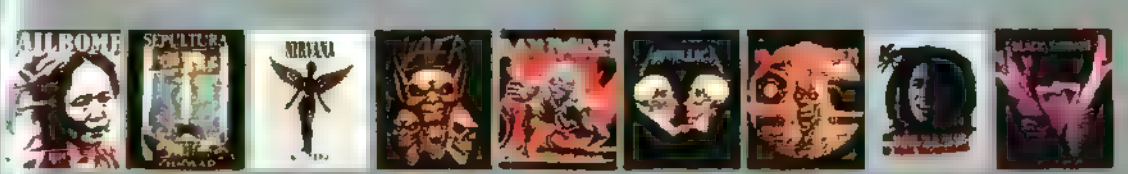
TAMANHOS P, M, G.

TE 73 TE 69

TE 77 TE 66 TE 68 TE 62 TE 60 TE 64

TE 59 TE 63 TE 58 TE 20 TE 61 TE 70

TE 42 TE 53 TE 47 TE 52 TE 17 TE 50


874 659 662 670 628 602 629 336 673

ENVIE O CUPOM AO LADO (OU XEROX) PA
STAMP - RUA HELIODORA, 321
CEP 02022-051 - SÃO PAULO - SP

VOCÊ RECEBERÁ UM AVISO DO CORREIO PARA RETIRAR SEU PEDIDO NA AGÊNCIA MAIS PRÓXIMA DE SUA CASA.

REF.	TAM.	MOD.	REF.	TAM.	MOD.

85-115

NOME
END
CEP CID EST

Stamp Rock Wear

bolsa de discos

Nota	Disco	A... (Guia da Folha?) [illegible]	[illegible]	CELSO [illegible] Bizz	[illegible] MTV	HUMBERTO FINATTI Interview	[illegible]	LUIS ANTONIO [illegible] Folha de São Paulo	[illegible]	ROBERT [illegible] Bizz	[illegible] FM
6,87	**GUMBALL • Revolution on Ice** (Columbia)	10	•	5	8	7	7	4	6	•	8
6,42	**O RAPPA • O Rappa** (Warner)	7	•	9	6	•	7	0	•	9	7
6,33	**PEARL JAM • Vitalogy** (Epic)	7	7	6	•	3	9	8	4	6	7
6,22	**UNIDADE BOP • Quebrando O Gelo Do Clube** (Eldorado)	•	6	7	6	5	8	8	3	6	7
6,11	**VÁRIOS • Nativity in Black • A Tribute To Black Sabbath** (Concrete/Columbia)	8	9	4	•	2	10	4	4	8	6
6,10	**THE CRANBERRIES • No Need To Argue** (Island/PolyGram)	6	8	7	4	5	7	5	6	5	8
5,70	**THE CULT • The Cult** (Virgin/EMI-Odeon)	6	5	3	5	7	8	4	6	7	6
5,44	**VOLKANA • Mindtrips** (EMI-Odeon)	7	6	3	5	•	8	4	4	5	7
5,33	**MEGADETH • Youthanasia** (Capitol/EMI-Odeon)	6	•	3	4	2	8	4	5	10	6
3,55	**DEEE-LITE • Dewdrops in the Garden** (Elektra/Warner)	9	•	1	6	1	4	0	2	4	5

parada

EUA álbuns — 14/01 Billboard

1. [illegible]
2. PEARL JAM • Vitalogy (Epic)
3. [illegible]
4. GREEN DAY • Dookie (Warner)
5. [illegible]
6. [illegible]
7. NIRVANA • [illegible] (Geffen)
8. [illegible]
9. [illegible]
10. [illegible]

EUA singles — 14/01 Billboard

1. [illegible]
2. [illegible]
3. [illegible]
4. [illegible]
5. [illegible]
6. [illegible]
7. [illegible]
8. [illegible]
9. [illegible]
10. [illegible]

GB álbuns — 14/01 NME

1. THE BEAUTIFUL SOUTH • [illegible]
2. [illegible]
3. [illegible]
4. [illegible]
5. [illegible]
6. OASIS • Definitely Maybe (Creation)
7. THE BEATLES • Live At The BBC (Apple)
8. [illegible]
9. [illegible]
10. [illegible]

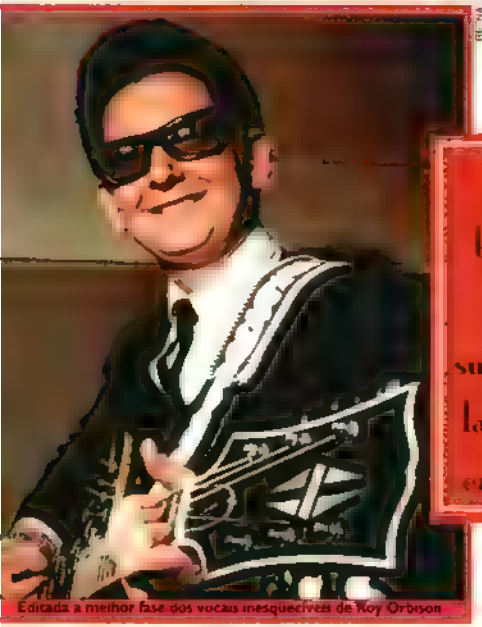
GB indie — 14/01 NME

1. OASIS • Definitely Maybe (Creation)
2. [illegible]
3. [illegible]
4. [illegible]
5. SUEDE • Dog Man Star (Nude)
6. [illegible]
7. [illegible]
8. [illegible]
9. ASH • Trailer (Infectious)
10. [illegible]

Clássicos

Dose tripla de pop rock

Coletâneas importadas de qualidade já invadem o mercado brasileiro



Editada a melhor fase dos vocais inesquecíveis de Roy Orbison

A gravadora britânica Castle, através de sua subsidiária Sequel, lança três petiscos em CDs por aqui

O melhor grupo de Liverpool depois dos Beatles? The Searchers

Que ninguém se queixe que não está sendo lançado nada de bom por aqui. Com a abertura do mercado, CDs importados oficialmente – aqueles que você acha até no supermercado ao lado da sua casa – despencam aos montes no Brasil. Por isso, é uma satisfação quando a gente se depara com lançamentos como **The Perfect Harmony**, da dupla pop **THE EVERLY BROTHERS**, **The Golden Decade – 1960/1969**, com a voz de **ROY ORBISON**, ou **The Searchers – 30th Anniversary Collection: 1962/1992** do grupo inglês **THE SEARCHERS**, CDs triplos da Sequel, subsidiária da Castle, uma gravadora inglesa que vem dominando o mercado de relançamentos.

A coletânea que focaliza o cantor americano Roy Orbison traz o período em que foi melhor sucedido, nas gravadoras Monument e MGM durante os anos 60. Há canções clássicas como "Oh, Pretty Woman", "Crying", "In Dreams" e mais. O grande chamariz é a fase na MGM, ao estourar na Inglaterra com "Communication Breakdown", "Penny Arcade" e outras faixas.

O pop dos irmãos Everly em três fases distantes

Músicas inéditas e raros lados B de compactos tornam esta coletânea ainda mais atrativa.

Já os irmãos Phil e Don Everly tiveram aqui – pela primeira vez – toda a longa carreira deles passada a limpo. Desde faixas manjadas como "Bye, Bye Love" e "Wake Up, Little Suzy" até hits do período em que assinaram com a gravadora Warner ("Cathy's Clown"). Uma boa parte desse material estava enterrado há anos em arquivos e só apareceram agora após um longo inverno. O lançamento ainda tem algumas faixas com a volta deles nos anos 80, quando gravaram pelo selo Mercury.

Já The Searchers foram o mais importante grupo de Liverpool depois dos Beatles, tendo influências decisivas no folk rock, de The Byrds a Tom Petty. O pacote triplo deles é dividido assim: um engloba os singles, o outro as faixas de álbuns e o terceiro contém as raridades e faixas inéditas. Além de hits como "Needles And Pins" e "Sugar And Spice", pode-se ouvi-los em gravações para a rádio inglesa BBC nos anos 60 e em soberbas covers de *standards* do rock'n'roll. *Paulo Cavalcanti/Toninho Spessoto*

Musa "cool" & tecnopop

Best Of Sade (Epic) reúne os principais sucessos da consagrada musa da "cool [illegible]", rótulo que vem sustentando competentemente graças à sua voz aveludada em perfeita sintonia com a versatilidade e com a sofisticação de sua banda, indo do jazz ao soul em um repertório composto em grande parte por baladas românticas, incluindo a sua estréia em grande estilo com "Smooth Operator", a delicadeza de "Sweetest Taboo" e a hipnótica "Stronger Than Pride", até a perfeição de "Ordinary Love". As faixas desta coletânea têm tratamento e produção impecáveis, mas sem nenhuma ousadia. Mas hoje, quando a pretensão se disfarça em falta de talento, com divas de última hora, **SADE** ainda é intocável.

Já o **NEW ORDER** é patrimônio do Reino Unido. Há catorze anos – desde *Movement* (81) –, deixam frutos imortalizados, colhidos no mundo da tecnologia (computadores, *synths* e *sequencers* programados para as pistas), o que de certa forma contraria o início do grupo, com resquícios do som sombrio do Joy Division.

(The Best Of) New Order (London/PolyGram) traz seus hits desde "Blue Monday" (aqui na versão '88), passando pelas clássicas "Thieves Like Us", "Perfect Kiss" e "Regret", até as versões '94 ("Bizarre Love Triangle" e "True Faith"). Uma compilação que deixa claro que eles já enterraram o passado do Joy Division – cujo espectro já deve ter ultrapassado os limites de nossa galáxia. *Luis A. Pecora*

Hard rock em revista

Duas coletâneas do Aerosmith em CDs

Se você esperava por aquele bom impulso para virar fã do **AEROSMITH**, pode ficar mais calmo. Duas coletâneas lançadas há pouco no Brasil estão aqui para empurrá-lo.

Comecemos por **Pandora's Toys** (Columbia), resumo da caixa *Pandora's Box*, lançada em 93 no exterior. O disco traz gravações de 72 a 77 e – como na caixa – as doze faixas do CD misturam clássicos ("Dream On", "Sweet Emotion" e "Walk This Way", entre outras) e raridades, como as duas versões inéditas: uma de "Helter Skelter" (dos Beatles) e outra para o hit "All Your Love" (de Otis Rush).

Já **Big Ones** (Geffen/BMG-Ariola) passa a limpo o Aerosmith que a MTV apresentou ao mundo. Ou seja, aquela superbanda repleta de músicas de grande sucesso como "Dude (Looks Like A Lady)", "Love In An Elevator", "Janie's Got A Gun", "Living On The Edge", "Cryin'" e "Crazy" – ufa! –, além de mais duas composições inéditas, "Walk On Water" e "Blind Man", gravadas em 94, na paradisíaca ilha de Capri, na Itália. *Helio Gomes*

Ondas psicodélicas

Hendrix tocando ao vivo no rádio

Nunca houve – ou haverá, até segunda ordem – um guitarrista com o talento de **JIMI HENDRIX**.

Este lugar-comum tem um certo fundo de verdade, ao se perceber que mesmo aqueles registros do cara tirados "do fundo do baú" demonstram totalmente a sua genialidade.

Fora os inúmeros lançamentos inéditos que surgiram ao longo do ano passado, agora o selo Castle importa para o Brasil o CD **Radio One**, com as cinco sessões de gravações que ele fez para a emissora britânica BBC em 67, ao lado do Experience. Ao vivo, com toda a adrenalina correndo solta, o trio detonou jóias de Jimi – "Stone Free", "Purple Haze", "Foxy Lady" e "The Burning Of The Midnight Lamp" –, além de versões matadoras para "Killing Floor" (Howlin' Wolf), "Hoochie Koochie Man" (Willie Dixon), "Drivin' South" (Curtis Knight) e "Day Tripper" (Lennon/McCartney), entre outras. Agarre o seu exemplar, já! *Celso Pucci*

EDITORA AZUL

Fundador
Victor Civita
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Diretor Editorial Carlos G. Arruda
Diretor de Publicidade Claudio Santos
Diretora Comercial Vera Helena M. Gomes
Diretor de Comunicação Carlos Alberto Araujo
Diretor Financeiro Pedro Frazão

BIZZ

REDAÇÃO

Editor-Chefe: [illegible]
Editor Especial: [illegible]
Editor de Arte: [illegible]
Editores-Assistentes: [illegible]
Editor-Assistente de Arte: [illegible]
Coordenador de Produção: [illegible]
Arte: [illegible]
Correspondentes: [illegible]
Colaboradores - Texto: [illegible]
Fotos: [illegible]
Ilustração: [illegible] **Revisão e Preparação de Texto:** [illegible]

STAFF EDITORIAL

Secretaria Editorial: Isabela Boscov
Azul Press: Benjamin S. Gonçalves
Administração Editorial: Anovaldo Carrera Dias
Sistemas Editoriais: Walter Toscano
Direção Responsável: Liege de Lima Dona Castelli

PUBLICIDADE

Gerente: Ana Lucia Serra
Supervisores de Contas: Afonso Palomares, Fabio Gomes, Jorge de Oliveira, Ricardo Santos
Contatos: Ana Lucia Bertola, Ana Maria Lobo, Miriam Horta
Marketing Publicitário: Reginaldo Andrade
Coordenadores: Antônio Penssinoto, Alex-Sander, Igor Assan, José Soares, Tieko Kuniyuki

COMERCIAL

Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Assinaturas: Alexandra Paiss da Silva
Gerente de Planejamento: Ana Camargo

COMUNICAÇÃO

Gerente de Promoção: Sandra Galli Ponsoni
Gerente de Propaganda: Vavi Zalla
Gerente de Pesquisa: Silvia Campos

BIZZ é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. (**ISSN 0104-1649**, edição 115, Fevereiro de 1995). **São Paulo - Redação e Correspondência:** Av. das Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel. (011) 816-7966, Caixa Postal 66254, CEP 05389-970, telex (011) 83178, fax (011) 813-9115. **Rio de Janeiro:** Av. Marechal Câmara, 160, 15º andar, salas 1534/35, CEP 20020-080, Centro, tel. (021) 532-0313, fax (021) 532-1468, CP 4816. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinaturas:** ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S.A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em moeda corrente nacional, correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com o índice oficial legalmente aplicável. Com sua assinatura, seu nome é automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o qual poderá ser cedido a empresas idôneas, para fins unicamente de divulgação e promoção de seus produtos, que julgamos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante, cujos telefones constam desta revista. **Serviço ao assinante:** tel. (011) 823-9222. **Números atrasados:** as seis últimas edições recolhidas, mediante disponibilidade de estoque, ao preço da última edição em banca por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor Dinap S.A. - Caixa Postal - 2505, Osasco - SP. Fax (011) 810-4800. Tel. (011) 810-6800. O pagamento poderá ser feito através de cheque nominal ou pelos cartões VISA, Credicard e Diners.
Fotolito: Fotoline Ltda., Bureau Azul, Overart

ANER IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A. IVC

Clássicos

Dinamite pura

Alguns dos grandes momentos do patriarca da música soul

Uma das tarefas mais difíceis para quem se propõe a fazer uma coletânea sobre **JAMES BROWN** é antologiar a sua obra. Primeiro: a carreira dele é muito longa. Segundo, vamos admitir: Mr. Dynamite gravou muitas tralhas. Porém, o CD **Sex Machine – The Very Best of James Brown** (Polydor/PolyGram) cumpre esta tarefa com galhardia.

Esta coletânea mostra o quanto evoluiu a música de Brown e o quanto ela radicalizou o processo do som dançante. Ela começa com "Please, Please, Please" (55), seu primeiro hit, uma balada derivativa, mas que já indicava o gosto do homem por drama e exibicionismo.

Os sucessos do começo e do meio dos anos 60 são puro machismo e suor, como os funks "Night Train", "I Feel Good", "Papa's Got A Brand New Bag" e outras. No final da década, Brown era ícone do povo negro como cantava em "Say It Loud, I'm Black And I'm Proud".

"Sex Machine" deu a ele um bom começo de década, mas os anos 70 foram um período errático para o *soulman*. Na década seguinte, ele ainda estourou com "Living In America". Mas de lá para cá, ele vive da fama anterior, como demonstrou na recente passagem pelo Brasil. De qualquer forma, para quem quiser se iniciar no trabalho de Brown, esta coletânea é uma opção recomendável. **Paulo Cavalcanti**

Brown: carreira de inúmeros hits e algumas tralhas

Mosca que perturba

Pioneiro da MPB experimental agora em CD

Cabeça? Alguém já pensaria nos discos-solo dos "titânicos" Arnaldo Antunes e Paulo Miklos. Mas, há mais de vinte anos atrás, o compositor **WALTER FRANCO** já fazia seus experimentos muito mais radicais e interessantes com a MPB.

Neste primeiro álbum – **...Ou Não** (73), também chamado de "disco da mosca" –, ele já prenunciava as idéias de seu disco posterior, *Revolver* (*Discoteca Básica*, BIZZ 33). O uso da respiração como instrumento ("Mixturação"), ritmos primais aliados a dobras de vocais ("No Fundo Do Poço", "Pátio Dos Loucos") e mantras hipnóticos baseados no pop/rock ("Me Deixe Mudo") ou na superposição de vozes ("Cabeça"). Para ouvidos livres. **Celso Pucci**

Da ilha para o mundo

Bambas do reggae surgem em meia dúzia de compilações

Mesmo atrasada (pouca coisa: "apenas" cerca de dez anos!), surge uma série de coletâneas intitulada **Reggae Greats**, com seis discos lançados no Brasil, via PolyGram. Cada um deles é dedicado a um grande nome da gravadora Island, a mesma que lançou ao mundo Bob Marley And The Wailers.

Os artistas do estilo abordados por tais CDs são: **BLACK UHURU, THIRD WORLD, JIMMY CLIFF, BURNING SPEAR, GREGORY ISAACS** e **STEEL PULSE**. Os dois primeiros itens do pacote são dispensáveis, pois ambos tiveram suas carreiras dissecadas em coletâneas duplas em 94, com direito a faixas inéditas e remixes.

Mas os outros quatro discos são uma belíssima introdução ao som jamaicano. O de Jimmy Cliff, por exemplo, deixa de lado todas as babas que ele cometeu nos últimos anos. Nele são mostrados os grandes hits do cantor, como "Vietnam" – considerada por Bob Dylan como a melhor música já escrita sobre a guerra –, "The Harder They Come", "Many Rivers To Cross" e muitos outros hits.

O grupo inglês Steel Pulse era um dos prediletos de Bob Marley

Outro CD de respeito é o de Burning Spear, nome artístico de Winston Rodney, um cantor de voz mântrica e chorosa cujas letras são dedicadas apenas ao culto rastafári. Ele fez seu nome junto aos fãs de reggae principalmente nos anos 70 e traz preciosidades como "Marcus Garvey", "Slavery Days" e pedradas de deixar os rastas mais ortodoxos à beira da comoção.

Gregory Isaacs, por sua vez, é um cara mais romântico, sendo conhecido como o "Roberto Carlos da Jamaica" tal o poder de emoção em sua voz. Aqui, ele comparece num concerto ao vivo, em plena forma antes de ter sua carreira destruída pelo vício do *crack*. Ao lado da Roots Radics Band, Isaacs manda ver em canções como "Number One" e "Soon Forward". O Steel Pulse dispensa apresentação. Os *reggaemen* ingleses tinham feito um show arrasador no Brasil em 94 e eram um dos grupos prediletos de Bob Marley. A coletânea mostra faixas dos três primeiros discos, considerados os melhores em toda a carreira da banda. **Sérgio Martins**

Irlandeses furiosos

Resgate oportuno de banda punk

Aquela fantástica fama – até certo ponto imerecida – do U2, às vezes acaba obscurecendo outros valores notáveis da Irlanda, como é o caso do quinteto punk **THE UNDERTONES**.

Eles surgiram em 75, mas poderiam ter aparecido uma década antes, bem como dez anos depois, já que a sua sonoridade é totalmente atemporal. Para conseguir isso, incorporaram porções generosas do som dos anos 60, junto com a ousadia juvenil do levante punk, mais a lucidez necessária para criar pop songs eternas.

Em 83, quando a banda acabou, os irmãos guitarristas John e Damian O'Neill tentaram prosseguir com estas idéias no grupo That Petrol Emotion. E ainda mais recentemente, o vocalista Feargal Sharkey recebeu uma boa proposta para retornar com o quinteto na formação original. Quem escutar a coletânea importada **The Very Best Of The Undertones** (Rykodisc) vai entender perfeitamente o motivo desta oferta. **Sérgio Barbo**

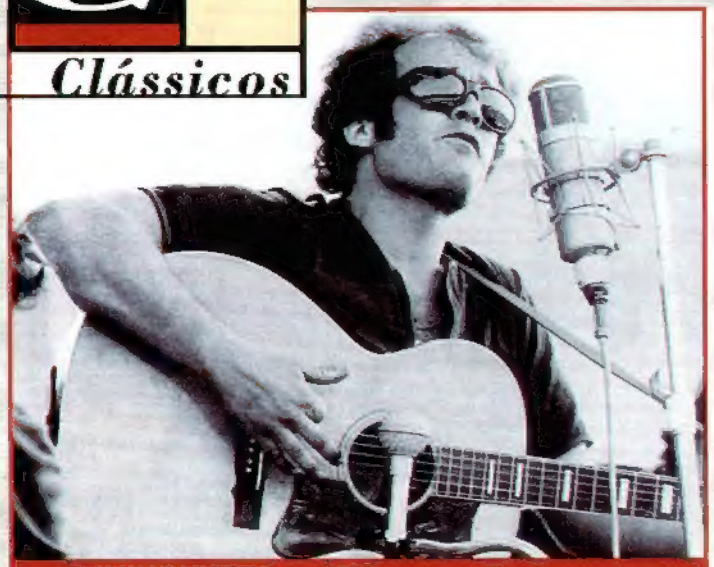
A hidratação é mais rápida com Gatorade.

Gatorade

Dá um banho na sede.

Menestrel da emoção

Um dos mais ecléticos criadores do folk ressurge em CD duplo



O toque de gênio de Tim, contrariando o purismo da música folk para misturá-la com blues e jazz

Contrário ao purismo que grassava pelo circuito da música folk nos anos 60, ele misturava o estilo com blues e jazz, seguindo uma receita que era só sua. Cada canção tinha sua chancela, seu toque de gênio.

É fácil ficar sentimental em relação a um músico como **TIM HARDIN**. Ele marcou a nossa mocidade com versos, melodias e melismas que nos tocavam até as entranhas. Coisas que a gente ouvia sentindo o coração apertar e com olhos marejados de lágrimas.

Não deixou seguidores. Somente no final dos anos 80 fomos detectar alguns vestígios daquele seu estilo inimitável na música de Chris Isaak – isso porque o produtor de Isaak, Eric Jacobsen, foi o mesmo iluminado que descobriu Hardin, além de Lovin' Spoonful, The Charlatans e Norman Greenbaum.

Há muito que a obra de Hardin merecia reavaliação. O duplo **Hang On To A Dream – The Verve Recordings** (Verve) é uma excelente oportunidade para que as novas gerações se apaixonem pela poesia e pelo lirismo dos seus versos despojados, sempre tão comoventes e emotivos.

O par de CDs compila todas as gravações de estúdio que ele fez para a gravadora Verve, com dezessete faixas inéditas, com temas clássicos como "Reason To Believe", "Misty Roses", "Don't Make Promises" e "If I Were A Carpenter", suas canções mais conhecidas por terem sido exaustivamente regravadas. Mas espere muito mais... *René Ferri*

Trilha alternativa para o funk metal

Saem raridades dos Red Hot Chili Peppers

O grupo de Los Angeles: faixas inéditas sem verniz e muito eficientes

Há certas coisas sobre os **RED HOT CHILI PEPPERS** que não dá para se discordar. O jeitão hippie de Anthony Kiedis é um saco e "Under The Bridge", a balada que levou os caras ao estrelato, nem é tão boa assim. Mas não é por isso que eles são "vendidos" ou "chatos". Para tirar a imagem negativa dos RHCP, saiu a coletânea **Out In L.A.** (EMI).

O disco reúne fitas demos, remixes e sons ao vivo antes deles estourarem com *Bloodsugarsexmagik*. Ou seja, há boa dose de putaria nas letras e uma receita musical que mistura punk rock, funk no estilo George Clinton (que produziu o segundo disco dos caras, *Freaky Styley*) e Jimi Hendrix. Caso você não goste de dançar, pule os remixes e passe para as faixas ao vivo. Coisas como a versão de "Castles Made Of Sand" (Jimi Hendrix), Flea estraçalhando no baixo em "Out In L.A." e "What Is It", além da avacalhada "Deck The Halls", uma canção natalina. Sem verniz e muito eficiente. *Sérgio Martins*

Jukebox

The Shadows Of Knight

Quando bandas inglesas como os Rolling Stones, The Yardbirds e muitas outras estouraram nos Estados Unidos, as cabeças mudaram. Os grupos americanos se esforçaram para criar um som mais sujo e agressivo que o dos ingleses.

Um dos grandes expoentes das *garage bands* da época foi **THE SHADOWS OF KNIGHT**, lembrado pelo hit que tiveram com "Gloria", música do Them, grupo de Van Morrison.

O quinteto surgiu em Chicago, formado por Jim Sohns (vocal), Joe Kelly (guitarra solo), Jerry McGeorge (guitarra rítmica), Warren Rodgers (baixo) e Tom Schiffour (bateria). Eles arranjaram um contrato com o pequeno selo Dunwich e gravaram a já citada "Gloria", que foi devidamente suavizada em comparação com a versão original. Deu certo: em janeiro de 66 o disco já era um dos dez mais vendidos da parada americana.

Mas era muito difícil para os produtores e empresários lidarem com o grupo. Eles eram verdadeiros punks, desafiando toda e qualquer autoridade, brigando no palco e molestando garotas menores de idade. O vocalista Sohns foi um dos maiores "papa-anjos" dos anos 60.

Pelo menos a banda possuía liberdade em estúdio, demonstrada nos compactos que se seguiram: "Oh Yeah" (66) tinha um *rave up* (improviso) ainda mais radical do que os Yardbirds faziam. Mas a canção definitiva deles foi "I'm Gonna Make You Mine", uma cacofonia de cortar os ouvidos. Este último disco era muito ousado para a época e por isto não foi muito bem nas paradas, assim como o resto do material que lançaram no período.

Em julho de 67 a banda original se separou, deixando Sohns como único integrante e dono do nome. O cantor recrutou outros músicos e assinou com o selo Buddah, onde foi criado o gênero *bubblegum*. Neste estilo o grupo teve um sucesso modesto com "Shake" (68).

Sohns se desentendeu com os executivos da Buddah e foi para a gravadora Atlantic, onde lançou o ótimo hard rock "I'm The Hunter". Mas nada aconteceu e a banda sumiu de vez, para virar pé de página na história do rock.

Só que, se eles eram desprezados na época, os caras acabaram sendo redescobertos pelas novas gerações, que ainda continuam a não acreditar que se faziam coisas tão barulhentas quase trinta anos atrás. *Paulo Cavalcanti*

Discografia

Durante toda a sua carreira, o grupo lançou apenas três álbuns, que estão fora de catálogo e são raros e muito caros. Nenhum chegou a ser editado em CD. São eles: ■ **Gloria** (66, Dunwich) ■ **Back Door Man** (66, Dunwich) ■ **The Shadows Of Knight** (69, Buddah/Superk).
Mas no fim do ano passado, saiu uma compilação americana em CD, com vinte faixas da banda: ■ **Dark Sides – The Best Of The Shadows Of Knight** (94, Rhino).

Gatorade é absorvido 30% mais rápido que a água.

Gatorade
Dá um banho na sede.

Com mais de 65 milhões de discos vendidos ao longo da carreira, Fats é um campeão

FATS DOMINO
My Blue Heaven – The Best Of Fats Domino

PERFORMANCE

Lançamento 1990 ■ **Produção** Dave Bartholomew ■ **Faixas** "My Blue Heaven" • "The Fat Man" • "Please Don't Leave Me" • "Ain't That A Shame" • "I'm In Love Again" • "When My Dreamboat Comes Home" • "Blueberry Hill" • "Blue Monday" • "I'm Walkin'" • "Valley Of Tears" • "The Big Beat" • "Yes, My Darling" • "Whole Lotta Loving" • "I'm Ready" • "I'm Gonna Be A Wheel Someday" • "I Want To Walk You Home" • "Be My Guest" • "Walking To New Orleans" • "Let The Four Winds Blow" • "What A Party" ■ **Notas** Como a carreira de Fats Domino foi feita primordialmente através de compactos, o disco selecionado para representá-lo foi essa coletânea, que reúne seus principais sucessos • Seu primeiro hit, "Ain't That A Shame", ficou no topo por onze semanas e, durante oito anos após ser lançado, voltou a figurar nas paradas por mais de sessenta vezes ■ **Formatos** CD disponível nos Estados Unidos, na Europa e no Japão, pelo selo EMI. A mesma gravadora acabou não lançando um prometido segundo volume desta coletânea, com mais compactos de Domino. Mas em 93, o selo alemão Bear Family acabou editando um pacote de oito CDs chamado Walking To New Orleans, contendo todas as gravações de Fats para a gravadora Imperial, com várias raridades e um livro de 72 páginas.

"Bem, vocês chamam isso de rock'n'roll. Tenho tocado isso lá em Nova Orleans por cerca de dez anos e sempre disse que isso era rhythm'n'blues."

Assim respondeu Fats Domino ao ser perguntado como surgiu o rock'n'roll. O cantor, compositor e pianista foi um dos principais responsáveis pela tremenda transfomação da música negra no novo ritmo consumido pela juventude.

Em termos de consumo, Fats Domino era mestre: o gordão foi simplesmente o terceiro maior artista em vendas na era de ouro do rock'n'roll. Só perdeu para Elvis Presley e Pat Boone, respectivamente em primeiro e segundo lugares. Entre 49 e 60, Fats chegou a lançar 23 singles, os quais conseguiram ultrapassar a marca de um milhão de cópias vendidas. O cara era um campeão.

"O terceiro maior artista (em vendas) da era de ouro do rock'n'roll, só perdendo para Elvis Presley e Pat Boone"

Antoine "Fats" Domino nasceu em 10 de maio de 1929, em Nova Orleans. Ele logo cedo aprendeu a tocar piano e daí começou a fazer o circuito de clubes da cidade, onde se projetou rapidamente pelo seu balanço inconfundível.

Em meados da década de 40, veio a conhecer o *band leader*, trompetista e também produtor Dave Bartholomew, com quem passou a ter uma parceria vitoriosa. Bartholomew conseguiu um contrato com a gravadora Imperial e passou a co-escrever e a arranjar todos os discos de Domino.

Em 55, tudo estava preparado para o surgimento do rock'n'roll e Fats entrou com tudo, lançando a imortal canção "Ain't That A Shame". O pianista teve que enfrentar uma dura competição contra uma oportunista versão da mesma canção feita pelo *crooner* Pat Boone, um artista especializado em fazer *covers* de músicas de artistas negros.

Sem dúvida, 56 foi o grande ano para Fats. Emplacou nas paradas músicas do calibre de "I'm Not In Love Again", "When My Dreamboat Comes Home" e – principalmente – "Blueberry Hill", um *standard* que já tinha sido sucesso com o cantor Gene Autry. Mas a versão que Domino fez para a canção tornou-se a definitiva e a mais conhecida, sem a menor dúvida.

Seu sucesso já era grande e continuou nos discos que ele gravou, em shows e no também no cinema. Domino chegou a aparecer em vários filmes, tais como *The Girl Can't Help It!* (no Brasil, *Sabes O Que Quero*, 56), *The Big Beat* (56), *Shake, Rattle And Roll* (56) e outros.

Os Beatles foram os responsáveis pelo resgate de Fats Domino ao lançar, em 68, "Lady Madonna", paródia assumida do estilo do pianista. Com isso, Domino passou a ser figura sempre constante e idolatrada nos espetáculos de *revival* do rock'n'roll e até hoje atrai as multidões fascinadas pelo charme dos seus velhos e imbatíveis clássicos. *Paulo Cavacanti*

RED HOT CHILI PEPPERS
PIMENTA PRA ELES É REFRESCO
COLETÂNEA COM 19 GRAVAÇÕES CORROSIVAS, ENTRE INÉDITAS, RARAS E AO VIVO.
INCLUINDO ENCARTE MANUSCRITO POR ANTHONY E FLEA, CONTANDO COMO TUDO COMEÇOU. UM ARROBO.
EMI
RED HOT CHILI PEPPERS
out in L.A.

adidas RESPONSE LO
O único com solado garantido por 6 meses.

adidas STRATEGY
Exclusivo sistema Torsion
que garante maior estabilidade.

adidas NBTA
Design americano.
Produzido com materiais "1st quality".

DA PRÓXIMA VEZ,
USA UM ADIDAS.

adidas

The brand with the three stripes